



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



DEMÓCRITO DE OLIVEIRA LINS

**ANÁLISE DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS E DE INTRODUÇÃO REFERENCIAL
EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA**

TERESINA

2019

DEMÓCRITO DE OLIVEIRA LINS

**ANÁLISE DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS E DE INTRODUÇÃO REFERENCIAL
EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Letras Área de Concentração: Estudos do Texto: produção e recepção.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva

TERESINA

2019

L759a Lins, Demócrito de Oliveira
Análise dos processos anafóricos e de introdução referencial
em parábolas escritas em língua espanhola / Demócrito de
Oliveira Lins. – 2019.
98 f.: il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2019.
“Orientador Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva.”

1. Introdução Referencial e Anáfora. 2. Parábola.
3. Língua Espanhola. I. Título.

CDD: 465

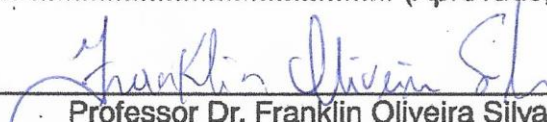


GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

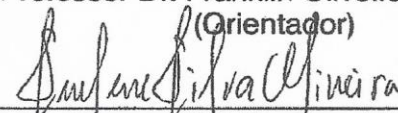
TERMO DE APROVAÇÃO

ANÁLISE DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS E DE INTRODUÇÃO REFERENCIAL EM
PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA
DEMÓCRITO DE OLIVEIRA LINS


Esta dissertação foi defendida às 15 horas, do dia 27 de março de 2019, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO (Aprovado, não aprovado).



Professor Dr. Franklin Oliveira Silva – (UESPI)
(Orientador)




Professora Dr^a Suelene Silva Oliveira
1^o examinadora – UECE



Professora Dr^a Silvana Maria Calixto de Lima
2^o examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:



Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras
da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

Ao Criador, que fez o mundo e todas as coisas que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, que não habita em templos feitos por mãos humanas, nem é honrado por mãos de homens, como se necessitasse de algo, por dar-me vida e alento e todas as coisas.

A minha mãe, Maria do Socorro de Oliveira, pelo exemplo de mãe.

A meu pai, Edvan de Carvalho Lins, pelo exemplo de pai.

Ao professor Dr. Franklin Oliveira Silva, pelo exemplo de paciência, qualidade que, desafortunadamente, vem se perdendo em nossa sociedade atual.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, que fez o mundo e todas as coisas que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, e que não habita em templos feitos por mãos humanas, nem é honrado por mãos de homens, como se necessitasse de algo, por dar-me vida e alento e todas as coisas.

Ao professor Dr. Franklin Oliveira Silva, pela paciência e sobriedade com a qual conduziu todo o longo e complexo processo de orientação; pelas biografias sugeridas; pelos vários livros emprestados; pelos *esclarecedores* esclarecimentos; pelo convencimento acerca de questões controversas; e pelo exemplo de profissional. Obrigado, professor.

À minha mãe, “dona Socorro”, pelo exemplo de mulher guerreira; ao meu pai, “seu Edvan”, por revelar-me visivelmente o pai que pretendo ser.

À professora Dr. Margareth Torres de Alencar Costa, pelo exemplo de iniciativa e visão de futuro. Tenho orgulho de tê-la tido como mestra.

Ao professor Omar Mario Albornoz, pelo exemplo de professor, seriedade, compromisso e pelo muitas vezes, não reconhecido, trabalho altruísta que desenvolve há anos.

Aos meus colegas de Mestrado, Leiliane, Irismar, Quésia, Pérola, Vanda, Sheila, Herbert, Heberton, Yolanda e Jeydson, por cada um, em sua singularidade, mostrar-me qualidades a serem observadas e postas em prática.

Ao mestres-doutores do Mestrado em Letras da UESPI, Iveuta de Abreu Lopes, Francisco Wellington Borges Gomes, Silvana Maria Calixto de Lima e Bárbara Olímpia Ramos de Melo, pelos valiosos conhecimentos compartilhados; como nos ensina *El Talmud*: “*quien no añade nada a sus conocimientos, los disminuye.*”

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta pesquisa. Meu *MUCHAS GRACIAS!*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e descrever todos os processos de Introdução Referencial (IR) e Anáfora presentes em exemplares do gênero parábola escritos em língua espanhola para analisá-los, à luz do referencial teórico, de modo a averiguar como os referentes são construídos de maneira que o gênero cumpra seu propósito basilar de veicular a “moral da história”. Ademais, pretendemos descrever a construção dos sentidos dos textos analisados, relacionando todos os processos anafóricos e de introdução referencial encontrados, além de discutir o papel dos processos referenciais na construção de valores, ponderando com os propósitos comunicativos do gênero. Considerando os postulados atuais da Linguística Textual – o texto como lugar de interação – a Referenciação como atividade dinâmica, sociocognitiva, negociada e idealizada para construção de objetos de discurso, partimos do pressuposto de que a língua é um domínio que serve para a construção simbólica e interativa do mundo; a referenciação constitui-se na (re)construção de objetos-de-discurso e contribui, significativamente, para a construção de sentidos, além de revelar a intencionalidade do escritor. Quanto às categorias de análise, e especificamente no que concerne às IRs, utilizamos uma adaptação do quadro proposto por Silva (2013) que nos elenca as categorias analisadas. Com relação aos processos anafóricos, consideramos todo o referencial teórico abordado a partir dos conceitos oriundos da literatura da área, sobretudo Marcuschi (2001), Ciulla e Silva (2008), Cavalcante (2011), a proposta de Alves (2009), que redefiniu as classificações das expressões anafóricas; ademais, levamos em consideração Pereira (2015), que analisou as funções discursivas dos processos anafóricos em quatro gêneros: notícias, anúncios publicitários, artigo de opinião e piada. Adotamos o método hipotético-dedutivo no qual, a partir de um processo de inferência dedutiva, testamos, qualitativamente, as ocorrências dos processos de IR e anáfora no gênero escolhido. Nosso *corpus* constitui-se de onze parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca* de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo. Pretendemos associar todo dado relevante acerca dos processos referenciais investigados com o propósito comunicativo do gênero analisado, que tem, entre suas características, a construção narrativa com uma intenção de reprodução de valores, reconhecidos dentro da parábola e concentrados na “moral da história”. No que concerne às formas das IRs, encontramos as já observadas por Silva (2013), no entanto, com relação às funções deste processo, além das elencadas pelo autor, observamos a função de “provocar, no interlocutor, a expectativa de que um ‘outro referente’ seja introduzido no cotexto, e que este tome características e seja atribuído àquele”, que, ao nosso ver, se assemelha a uma função já encontrada por Pereira (2015), no entanto, para processos anafóricos: *engajar o leitor no texto*. Enquanto, especificamente, ao processo de reelaboração dos objetos de discurso, observamos que o reconhecimento de recategorizações referenciais implícitas é imprescindível para a construção do sentido alegórico do gênero e consequente cumprimento de seu propósito basilar de veicular um ensinamento moral. Ademais, observamos a escassez de recategorizações referenciais lexicais.

Palavras-chave: Introdução referencial e anáfora; parábola; língua espanhola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção instável do referente	42
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Proposta classificatória das Introduções referenciais	36
Quadro 2 – Formas e funções das Introduções Referenciais segundo Silva (2013)	38
Quadro 3 – Formas e funções das IRs adaptado de Silva (2013)	59
Quadro 4 – Funções discursivas dos processos anafóricos nos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada	60
Quadro 5 – Quadro 5 – Funções discursivas das IRs adaptado de Silva (2013) e dos processos anafóricos adaptado de Pereira (2015)	61
Quadro 6 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (5)	67
Quadro 7 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (19)	69
Quadro 8 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (20)	72
Quadro 9 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (21)	74
Quadro 10 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (24)	81
Quadro 11 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (25)	83
Quadro 12 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (26)	85
Quadro 13 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (28)	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. LINGUÍSTICA TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO	13
2. PROCESSOS REFERENCIAIS	32
2.1. Introdução Referencial	33
2.2. Anáfora	37
2.3. Processos Referenciais: (Re) discutindo a relação	41
2.3.1. A Noção de “referente”	41
2.4. A parábola	52
3. METODOLOGIA	58
3.1. Caracterização da Pesquisa	58
3.2. Métodos de procedimento	58
3.2.1. Delimitação do Universo	58
3.2.2. Categorias de Análise	59
3.2.3. Procedimentos de coleta	63
3.2.4. Procedimentos de análise	63
4. ANÁLISE DOS DADOS	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

INTRODUÇÃO

Reconhece-se que, hoje em dia, saber ler funcionalmente não consiste simplesmente em decodificar sons e letras, mas, sobretudo, em compreender e construir os sentidos no/pelo texto. Este é um dos objetivos elementares dos professores de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras, ou seja, ensinar aos alunos não só a decodificar palavras, mas a entender e interpretar os múltiplos sentidos expressos em construções linguísticas mais complexas, como um texto. Ademais, embora os processos de aprendizagem de uma língua estrangeira se difiram dos da língua materna, há estratégias linguísticas presentes em qualquer língua natural, cuja compreensão é de suma importância para alcançar tal objetivo. É o caso da referenciação, fenômeno linguístico presente em qualquer língua natural e que é peça-chave para a construção de sentidos no/pelo texto e, portanto, para sua compreensão e interpretação.

Neste processo de construção de sentidos, faz-se sempre uma remissão ao mundo, seja este concreto ou abstrato, visível ou invisível, de modo que, nas diversas relações entre linguagem e sentidos, não se pode deixar de lado a questão da referência. Em primeiro lugar, recordemos que a ideia de que a realidade em si não existe, de que, na verdade, a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural, não é nova. Assim sendo, assumimos que as expressões linguísticas não se referem especularmente às coisas do mundo, de modo que os referentes linguísticos não são meros espelhos da realidade, e sim, construídos nas negociações dentro da interação. Deste modo, surge uma nova abordagem para o fenômeno a qual propõe substituir a noção de referência pela de *referenciação*, que, para Mondada e Dubois (2003, p. 20), mencionando a Rastier (1994, p.19), se refere a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado, e não a uma relação de representação das coisas ou do estado de coisas.

Conforme propõem Mondada e Dubois (2003), Koch (2002, 2004) e Marcuschi (2007), a referenciação, à luz de uma concepção sociocognitiva interacionista, é considerada uma atividade, sobretudo, discursiva, o que implica dizer que é na interação que se processa a construção da realidade que, por sua vez, se dá no/pelo discurso. Os sujeitos, cooperativamente, constroem suas versões públicas do mundo nas práticas discursivas situadas historicamente. Assim, não se aceita a existência de um mundo pronto e acabado, mas uma “realidade” construída no/pelo discurso na interação. Os referentes, vistos como objetos de discurso, se associam à percepção e à intenção dos enunciadores na construção de seus discursos. Cada interlocutor apreende, interpreta, categoriza o mundo à sua maneira, constrói “versões públicas do mundo” que estão estreitamente ligadas tanto às experiências

sócio-históricas e culturais do sujeito quanto aos processos mentais (cognitivos) destes. (MONDADA; DUBOIS, 2003)

Nesse contexto, diante da escassez de pesquisas deste fenômeno em exemplares escritos em língua espanhola, esta pesquisa analisou as introduções referenciais e anáforas em exemplares de parábolas escritas nesta língua. A partir deste objetivo central indagamos: Como tais processos referenciais contribuem para a construção do sentido alegórico do gênero?

O *corpus* escolhido constitui-se de onze parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca* de Jaime Lopera e Marta Inés Bernal. Tal escolha deu-se por vários motivos, dentre os quais destacaremos dois. Primeiro, tem uma base legal: reconhece-se que um dos pontos altos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é o reconhecimento da importância do trabalho com valores na educação escolar, expresso em vários momentos deste documento oficial. Aludiremos a dois: 1. O artigo 27 afirma que “os conteúdos da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: I - **a difusão de valores fundamentais ao interesse social**, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática (BRASIL, 1996, grifo nosso) e 2. o artigo 32.

Em segundo lugar, é notória a importância do trabalho com valores diante de uma sociedade “desvalorizada” na qual temos vivido, uma vez que o gênero a ser investigado tem, entre suas características, a construção narrativa com uma intenção de reprodução de valores, reconhecidos dentro da parábola e concentrados na “moral da história”.

Igualmente, a experiência docente do próprio pesquisador foi levada em conta para a escolha do tema o do gênero a ser investigado, uma vez que trabalha, também, na rede pública do Estado e costuma fazer uso de tal gênero em diversas atividades didático-pedagógicas para o ensino de E/LE, e, empiricamente, tem notado, por um lado, um alto grau de interesse pela leitura, compreensão e interpretação deste gênero por parte dos alunos. Por outro lado, uma deficiência nos processos de construção de sentidos expressos no/pelo texto, que, *a priori*, é atribuída, entre outros motivos, a questões relacionadas ao processo de referenciação.

No que diz respeito à escolha do tema principal da pesquisa em si, já se mencionou que o processo de referenciação é chave para compreensão e interpretação dos sentidos expressos nos textos, sendo, este, um dos objetivos precípuos de qualquer docente de línguas, de modo que as respostas às interpelações norteadoras desta pesquisa provavelmente contribuirão de maneira significativa para o desenvolvimento de habilidades basilares e de singular importância como a compreensão e interpretação textual. Finalmente, faz-se necessário destacar não só o caráter científico da pesquisa, mas também sua dimensão social

expressa, sobretudo no tema dos exemplares do gênero parábola, escolhidos para formar o *corpus*.

Assim sendo, a apresentação do trabalho foi dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, tratamos da Linguística Textual e a evolução de seus aspectos prioritários ao longo dos anos; abordamos o estatuto atual do texto como lugar de interação, além de (re)discutir todos os postulados da teoria da Referenciação, a saber: 1) a instabilidade do real; 2) o caráter dinâmico; 3) uma ação negociada; e 4) um trabalho sociocognitivo. Destacamos os aspectos fulcrais que afetam o processo de categorização dos referentes, entre eles, sobressaem-se o ponto de vista e o contexto sócio-histórico. Ademais, introduzimos e discutimos a noção de referente.

No capítulo 2, tratamos dos processos referenciais investigados nesta pesquisa: a Introdução Referencial e a Anáfora. Apresentamos algumas propostas classificatórias, entre elas a de Cavalcante (2012), e logo realizamos uma discussão criteriosa acerca dos critérios definicionais destes processos e dos limites tênues de suas supostas fronteiras. Ainda, apresentamos uma revisão dos conceitos e, conseqüentemente, das principais características do gênero a ser analisado: a parábola.

Uma vez exposto o referencial teórico, base para nossa dissertação, no capítulo 3, passamos a discorrer sobre a abordagem metodológica adotada em nossa pesquisa. Organizamos o capítulo em duas subseções: primeiro tratamos da caracterização da pesquisa, seção na qual classificamos o método adotado; e, segundo, discorreremos sobre o método de procedimento, seção que se divide nos seguintes subitens: 1. Delimitação do Universo – onde descrevemos o *corpus* utilizado na análise; 2. Categorias de análise – onde apontamos quais os critérios adotados durante a observação dos textos que delinearam os resultados da pesquisa; 3. Procedimentos de coleta – onde descrevemos a seleção e organização do *corpus*; 4. Procedimentos de análise – onde indicamos o passo a passo da análise para testar as hipóteses levantadas.

Finalmente, no capítulo 4, apresentamos a análise dos exemplares do *corpus*, na qual destacamos, como resultados, encontrados primeiro, a escassez de recategorizações referenciais lexicais e, segundo, a função discursiva aparentemente específica do processo anafórico do gênero de provocar, no interlocutor, uma expectativa de que um outro referente (seja através de um processo anafórico ou de IR), tome características de um referente já introduzido por meio de expressão referencial linguística.

1 LINGUÍSTICA TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO

Neste capítulo, exporemos, brevemente, um histórico da Linguística de Texto e a evolução de seus aspectos prioritários ao longo dos anos. Abordaremos o estatuto atual do texto como lugar de interação, além de (re)discutir todos os postulados da teoria da Referenciação, a saber: 1) a instabilidade do real; 2) o caráter dinâmico; 3) uma ação negociada; e 4) um trabalho sociocognitivo. Destacaremos os aspectos fulcrais que afetam o processo de categorização dos referentes, entre eles sobressaem-se o ponto de vista e o contexto sócio-histórico. Ademais, introduziremos e discutiremos a noção de referente.

Vemos como o texto, como entidade linguística, sempre existiu e sua definição sempre suscitou discussão, de maneira que, até hoje, “é praticamente impossível estabelecer uma única definição de texto que seja suficientemente completa” embora, por outro lado, seja “possível perceber recorrências nas definições que apontam para consensos importantes a respeito do panorama atual dos estudos sobre o texto” (CUSTÓDIO FILHO & CAVALCANTE, 2010, p. 1). Ao longo do tempo, na academia, viu-se necessária a criação de uma disciplina que analisasse, exclusiva e detalhadamente, este tão complexo fenômeno. Surge, então, na segunda metade da década de 60, a Linguística Textual. No início dessa trajetória, segundo Koch (2004), o texto era visto como uma frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico, de maneira que os estudiosos desta época se debruçavam sobre a análise interfrásticas e/ou a construção de gramáticas do texto. Nas análises interfrásticas, deveriam ser contemplados fenômenos, como a pronominalização, a seleção do artigo (definido/indefinido), a ordem das palavras, a relação tema/tópico – rema/comentário, a concordância dos tempos verbais, as relações entre enunciados não ligados por conectores explícitos, etc., e deu-se primazia às relações referenciais, particularmente a correferência, considerada um dos principais fatores de coesão textual. Já as gramáticas de texto, segundo Koch (2004, p. 5), teriam como tarefas básicas:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade;
- b) levantar critérios para delimitação de textos, já que a completude é uma de suas características essenciais;
- c) diferenciar as várias espécies de textos.

Os estudiosos desta época, na tarefa de construir gramáticas de texto, abordaram, enfaticamente, aspectos semânticos da língua, como as relações (semânticas) entre enunciados do texto não ligados por conectores, cadeias de pressuposições, cadeias isotópicas, etc., e

concebiam o texto como uma expansão de macroestruturas tematicamente centrada. Até aqui, tem-se, basicamente, uma abordagem a nível sintático-semântica.

Não demorou muito, na década de 70, para que alguns fatores extralinguísticos passassem a ser considerados para a concepção do texto e para a sua análise. A intenção comunicativa foi um destes primeiros fatores, de forma que priorizou-se aspetos pragmáticos para o desenvolvimento de pesquisas nesta época e procurava-se descrever a geração, interpretação e análise dos textos, desde a estrutura pré-linguística da intenção comunicativa até a sua concretização material, de modo que o ouvinte não se limitava, simplesmente, a “entender” o texto no que concerne à sua manifestação superficial, mas, sim, reconstruir os propósitos comunicativos que tinha o falante ao estruturá-lo, ou seja, descobrir o “para quê” do texto (KOCH, 2004, p. 15). Assim, já não se estudava a língua como um sistema autônomo, mas seu funcionamento em situações concretas de comunicação, de maneira que

os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, e passam a serem considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante (HEINEMANN, 1982 *apud* KOCH, 2004, p.14).

Vemos como passa-se de uma abordagem sintático-semântica para uma concepção que considera, prioritariamente, aspectos pragmáticos. Na década de 80, amplia-se, significativamente, o conceito de coerência, adotando-se uma perspectiva pragmático-enunciativa que não a vê como uma mera propriedade ou qualidade do texto em si, mas um fenômeno mais amplo, no qual deve-se levar em consideração a situação de interação, a relação entre o texto e seus usuários, além de outros diversos fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional.

Nesta época, interessa, prioritariamente, o processamento cognitivo do texto, a tônica está nas operações de ordem cognitiva, ou seja, prioriza-se os diversos conhecimentos ativados pelos participantes do ato comunicativo de forma que o texto passa a ser considerado como o resultado de processos mentais. Para Heinemann & Viehweger (1991 *apud* KOCH, 2004, p.14), quatro grandes sistemas de conhecimento concorrem para o processamento textual: 1. conhecimento linguístico, que compreende os conhecimentos gramatical e lexical, e é responsável pela articulação som-sentido; 2. conhecimento enciclopédico, também conhecido como conhecimento semântico ou conhecimento de mundo, aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo; 3. Conhecimento sociointeracional, aquele sobre as ações verbais, ou seja, sobre as formas de *inter-ação* através da linguagem; e 4.

conhecimento referente a modelos textuais globais, aquele que permite aos falantes reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo.

Como vemos, aspectos sintático-semânticos e pragmáticos eram analisados. Não obstante, priorizava-se os de ordem cognitiva, ou seja, tudo o que tinha relação com os vários conhecimentos dos participantes do ato comunicativo. Estes conhecimentos, evidentemente, relacionavam-se com fenômenos mentais e sociais que, até então, eram concebidos separadamente. No entanto, não demorou muito para que tal separação começasse a ser motivo de questionamentos, de modo que, após diversas pesquisas em várias áreas da ciência, conclui-se que as operações cognitivas não se dão, simplesmente, na cabeça dos indivíduos, mas, na realidade, são o resultado da interação de várias ações conjuntas por eles praticadas (KOCH, 2004, p. 30). Assim, passam a importar não somente aspectos sintático-semânticos, pragmáticos e cognitivos, mas também, sobretudo, fatores de ordem sociocognitivo interacional. Nessa perspectiva, os sujeitos passam a ser vistos como atores/construtores sociais e o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e, por ele, são constituídos (KOCH, 2004, p. 33). Percebe-se que a coerência, na verdade,

surge da percepção de uma atividade negociada de sentido que depende da intenção argumentativa do locutor, da coparticipação do interlocutor, das indicações marcadas na superfície do texto e de um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados” (CAVALCANTE *et al.*, 2014, p. 21).

Com esta nova abordagem e considerando os mais diversos aspectos sociais, culturais, históricos, contextuais, a(s) intenção(ões) comunicativa(s), aspectos cognitivos dos participantes do ato comunicativo-interativo, etc., uma velha questão que, durante muito tempo tem estado presente em discussões filosóficas, lógicas, semânticas, semiológicas e, evidentemente, linguísticas, (re)apresenta-se na pauta dos estudos do texto: a relação língua-mundo. Até que ponto as expressões linguísticas referem-se especularmente aos objetos do mundo?

No processo de construção de sentidos, faz-se, sempre, uma remissão ao mundo, seja este concreto ou abstrato, visível ou invisível, de modo que nas diversas relações entre linguagem e sentidos não se pode deixar de lado a questão da referência.

Em primeiro lugar, recordemos que a ideia de que a realidade, em si, não existe, de que, na verdade, a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural e que essa concepção não é nova. Coseriu (1977) já advertia que

é inútil querer interpretar as estruturações linguísticas sob o ponto de vista das pretensas estruturas “objetivas” da realidade: é preciso começar por estabelecer que não se trata de estruturas da realidade, mas de estruturações impostas à realidade pela interpretação humana. (COSERIU, 1977, p. 46)

Assim sendo, assumimos que as expressões linguísticas não se referem especularmente às coisas do mundo, de modo que os referentes linguísticos não são meros espelhos da realidade, e sim, construídos nas negociações dentro da interação. Desse modo, surge uma nova abordagem para o fenômeno que propõe substituir a noção de referência pela de *referenciação*.

[...] passando de referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20).

As autoras, numa tentativa de melhor esclarecimento de suas ideias, mencionam Rastier (1994, p.19) que, por sua vez, afirma que a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou do estado de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”. Não se trata somente de um ajustamento de nomenclatura, “mas uma decisão metodológica, conceitual, no que concerne à visão da língua em relação aos seus processos de discursivização, de construção do mundo discursivo” (SILVA, 2013). Dessa forma, concebe-se que, quando um enunciador pretende representar alguma entidade, ele utiliza-se de algum termo ou uma situação discursiva referencial. Esse processo de designação é produto desta operação de “representação”, de modo que a entidade designada não é vista como o objeto do mundo (real, físico, concreto) e passa a ser concebida como objeto de discurso, construído no/pelo discurso, a depender de diversos fatores sociocognitivo-discursivos. Sobre isso, Koch (2002, p. 79) comenta que

a referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos de discurso* e não como objetos do mundo (KOCH, 2002, p. 79, grifo da autora).

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), estes objetos de discurso são construídos na interação e passam a ser concebidos como produtos *fundamentalmente culturais* da atividade cognitiva e interativa dos falantes. Os autores nos dizem que

de maneira geral, argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados “objetos de discurso” não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos - fundamentalmente culturais - desta atividade. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 142)

Assim, o referente é construído “na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.20), uma vez que são as atividades humanas, linguísticas e cognitivas que, de fato, conferem sentido ao mundo. Conforme propõem Mondada e Dubois (2003), Koch (2002, 2004) e Marcuschi (2005, 2007, 2008), a referenciação, à luz de uma concepção sociocognitiva interacionista, é considerada uma atividade, sobretudo, discursiva, o que implica dizer que é na interação que se processa a construção da realidade que, por sua vez, se dá no/pelo discurso. Os sujeitos, cooperativamente, constroem suas versões públicas de mundo nas práticas discursivas situadas historicamente. Assim, não se aceita a existência de um mundo pronto e acabado, mas uma “realidade” construída no/pelo discurso na interação. Sobre isso, Marcuschi (2007, p. 94) comenta que “dizer é um modo de construir o mundo, mas dizer é dizer para alguém, de modo que a construção do mundo pelo discurso é dialógica, isto é, interativa. Daí por que ela se dá no discurso”. Os referentes, vistos como objetos de discurso, se associam com a percepção e a intenção dos enunciadores na construção de seus discursos. Cada interlocutor apreende, interpreta, categoriza o mundo à sua maneira, constrói “versões públicas do mundo” que estão estreitamente ligadas tanto às experiências sócio-históricas e culturais do sujeito quanto aos processos mentais (cognitivos) destes.

Custódio Filho (2011, p.111) destaca cinco ideias centrais que caracterizariam os postulados desta abordagem para o fenômeno da “representação”, a saber:

- os objetos dados a referir são inerentemente instáveis, por isso a linguagem reelabora o real, e não apenas o expressa objetivamente;
- o caráter dinâmico da referenciação permite que um mesmo referente passe por modificações (recategorizações) ao longo da interação;
- a construção dos referentes no texto é negociada entre os participantes;
- a referenciação resulta de um trabalho sociocognitivo;

- a construção dos referentes passa por processos de estabilização. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.111)

Com relação ao primeiro tópico, a instabilidade do “real”, vemos como determinado objeto a referir pode ser (re)elaborado de diversas formas, de modo que a realidade, na verdade, é produto da percepção cultural de um enunciador, que realiza escolhas lexicais entre a diversidade que sua (s) língua (s) lhe oferece para poder apresentar a sua “realidade”, para poder representar o mundo tal como ele o concebe. Os atores vinculados à construção do ato discursivo escolhem um elemento linguístico entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece, levando em conta, sobretudo, aquilo que se quer dizer. Nesse processo de interação, o enunciador, portanto, “opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer”. (KOCH, 2005, p. 34). A referenciação, portanto, constitui-se uma atividade discursiva na qual os sujeitos, em interação com outros sujeitos, realizam escolhas em função de um querer-dizer, como assevera Koch (2005). Assim sendo,

A discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção do próprio real. Ao manipularmos uma forma simbólica, usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. E, desse modo, também manipulamos a estrutura da realidade de maneira significativa (KOCH, 2002, p. 81).

Isso não implica em não aceitar a existência de um mundo objetivo, concreto, real, mas em reconhecer a não relação especular entre este mundo e aquilo que é utilizado para representá-lo. Em outras palavras,

nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 5).

Nesse processo de reelaboração dos dados sensoriais, objetos de mundo passam a ser representados no/pelo discurso de modo que passa-se a falar em objetos do discurso, produtos fundamentalmente culturais da atividade cognitiva e interativa dos participantes do ato comunicativo, **referentes** que, “não são vistos como objetos do mundo nomeados pela palavra, mas como imagens que fabricamos deles” (CAVALCANTE, 2005, p. 9), que, não são “como por vezes se diz, a realidade, mas, sim, a sua realidade, isto é, o que o discurso escolhe ou institui como realidade” (DUCROT, 1984, p. 419). São, na realidade, a

representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto (CAVALCANTE *et al.*, 2014, p. 27). Para Blikstein (1995, p. 80), os referentes

são uma “realidade fabricada”, que idealizamos não somente com base no que as expressões referenciais significam, mas também sob a influência do que aprendemos em nossa cultura, como se esses padrões fossem “óculos sociais”

Vemos, dessa forma, como os referentes são construídos na interação, no/pelo discurso, ao longo do processo de referenciação e evidenciamos que não há uma descrição única, universal e atemporal, uma vez que tal processo, invariavelmente, situa-se em práticas sociais (MONDADA, 2003, p. 29 *apud* SILVA, 2013, p. 57). Assim, a construção de tais objetos de discurso se dá em um nível puramente cognitivo e discursivo a partir da representação cognitiva socialmente compartilhada do mundo real e do conhecimento relativamente estabilizado das categorias utilizadas em cada situação de comunicação. “As categorias não são nem evidentes, nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos”. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 28). Segundo as autoras, há dois fatores fulcrais, mas não únicos, que afetam o processo de categorização dos referentes. O primeiro deles é o ponto de vista do enunciador. Para as autoras

a variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, por exemplo, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa: ela pode ser igualmente tratada de “antieuropéia” ou de “nacionalista”, segundo o **ponto de vista** ideológico adotado. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 22 e 23, grifo nosso)

Em texto clássico¹, que apresenta os pilares e postulados da referenciação, esta expressão (ponto de vista) aparece inúmeras vezes. As autoras afirmam ainda que “tais variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p.23), ou seja, se considerarmos que a pragmática está estreitamente ligada à intenção comunicativa que têm os participantes do ato comunicativo, vemos, novamente, como as autoras associam a categorização dos referentes com o(s) ponto(s) de vista(s) que os enunciadores possuem. Na realidade, corroboramos com as autoras em que o ponto de vista do enunciador influenciará

¹ MONDADA, L & DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização**: uma abordagem dos processos de referenciação. Contexto, São Paulo, 2003. (p. 17 a 52)

fortemente em como determinado referente será “referido”. Vejamos os seguintes exemplos apresentados em Silva (2004, p. 65-66):

(1) “ASSALTANTE MORRE EM TIROTEIO COM A POLÍCIA

O assaltante Juscelino Xavier dos Santos, 32 anos, que residia na cidade de União, morreu em tiroteio com a Polícia Militar...” (Jornal O Dia, 19 de março de 2003)

(2) “PINTOR É ASSASSINADO PELA POLÍCIA

Policiais de Miguel Alves (cidade localizada a 110 quilômetros de Teresina), mataram na noite de anteontem, durante uma operação, o pintor Juscelino Xavier dos Santos...” (Jornal Meio Norte, 19 de março de 2003)

(3) “ARTESÃO EXECUTADO POR POLICIAIS EM BARREIRA

O artesão Juscelino Xavier dos Santos, 30 anos, foi executado anteontem com um tiro de arma de grosso calibre, na virilha, ao tentar passar em uma barreira formada por policiais civis e militares...” (Jornal Diário do Povo, 19 de março de 2003)

Observamos como o ente, o ser, o objeto de mundo *Juscelino Xavier dos Santos*, foi categorizado de três formas distintas: 1. “assaltante”; 2. “pintor”; 3. “artesão”. Considerando que o objetivo do trabalho de Silva (2004) era investigar os processos referenciais presentes nas notícias escritas sobre o mesmo episódio em três jornais diferentes para analisar a orientação do **ponto de vista** decorrente da seleção das expressões referenciais que introduziam o referente desde o título do texto, inferimos que tal categorização revela, em certa medida, o ponto de vista adotado pelo enunciador, o que confirma o exposto por Mondada & Dubois (2003).

Custódio Filho (2011) afirma que é possível reconhecer esta estratégia de orientação do ponto de vista não só no gênero notícia, mas em vários outros, como vemos em (4):

(4) Vamos enfrentar o monstro

O uso do crack no Brasil já é tratado no âmbito do governo federal como um caso grave de saúde pública, mas com um viés de risco à segurança pública. Tanto assim que o presidente Luiz Inácio da Silva determinou, no início deste mês, que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, [sic] que organize um seminário com especialistas para discutir a questão.

Não é necessário ser um especialista para se perceber o quanto o crack é uma droga devastadora e que coloca em risco não somente a saúde e a segurança dos usuários, mas das famílias e comunidades afetadas pelo crescente consumo desta substância entorpecente.

Relatos cada vez mais dramáticos envolvem desde a venda de utensílios e móveis para sustentar o vício até assaltos e homicídios

cometidos por jovens – alguns deles ainda nem bem saídos da infância. Algo que não é somente preocupante, mas grandemente assustador.

Pais e mães, educadores, profissionais de saúde e policiais hoje manifestam o temor de que o crack chegue cada vez mais perto de jovens e crianças. Vulneráveis, eles podem ser levados a este abismo de difícil volta. As razões para o grande medo precisam se fazer acompanhar, claro, de ações corajosas e imediatas para o enfrentamento.

O crack é um monstro que coloca sob risco comunidades em todo o Brasil. Enfrentá-lo com determinação é uma medida urgente e inadiável. Além do combate ostensivo ao tráfico, faz-se necessário [sic] que, o quanto antes, fazer chegar às escolas o material didático para dar a professores o conhecimento necessário para que instruem seus alunos sobre os malefícios desta droga.

Quanto mais informação se tiver sobre os efeitos das drogas, quanto mais pudermos mostrar quão feio e ruim é esse monstro, mais chance teremos de impedir que ele seduza nossos jovens e crianças.

(Jornal Meio Norte, 21 de março de 2010.)

No exemplo (4), observamos como o objeto de mundo *crack*, categorizado prototipicamente pelo vocábulo *crack*, é recategorizado através de diversas outras expressões referenciais ao longo do editorial: *o monstro, uma droga devastadora, substância entorpecente, monstro que coloca sob risco comunidades em todo o Brasil, esta droga, este monstro*. A menção destas expressões avaliativas para referir-se ao referente *crack* (todas com certo teor axiológico negativo) revela, explicitamente, o ponto de vista do enunciador. Por exemplo, no título do artigo, a expressão “o monstro”, que categoriza o referente *crack*, já remete ao conhecimento enciclopédico do interlocutor a uma figura terrível.

Outro fator importante que afeta a categorização dos referentes é o **contexto** discursivo. Para Mondada & Dubois (2003, p. 40, grifo nosso), “a indicialidade da linguagem e do discurso quebra a ilusão de dar uma descrição única e estável do mundo e sublinha sua necessária **dependência contextual**” de modo que, por exemplo, um “piano pode ser categorizado como um instrumento musical no contexto de um concerto, ou como um móvel pesado e incômodo no contexto de uma mudança” ou, ainda, segundo as autoras, “poderá facilmente imaginar um contexto discursivo em que a referência ao piano percorre sucessivamente uma e outra categoria” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p.24). Para Cavalcante *et al.* (2014), o contexto de produção é essencial para o reconhecimento do estatuto do texto e, conseqüentemente, de sua coerência. Em Silva (2013), por exemplo, encontramos que

o objeto *Dilma Vana Rousseff* pode ser sincronicamente referido, por exemplo, como *a Ministra da Casa Civil* e como *a candidata do PT à presidência da República Federativa do Brasil*. Diacronicamente, pode-se observar que, em 1970, Dilma era considerada *uma rebelde* e, por esse

motivo, foi presa, sofreu tortura pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) por ser considerada *uma ameaça* à estabilidade política e econômica do País. Já em 2011, a antes “rebelde” assumiu a presidência do Brasil, e foi incluída na lista das 100 personalidades mais influentes do planeta, pela revista Times, enquanto que uma parcela da população, não aprovava seu governo. (SILVA, 2013, p. 56)

Observamos, neste caso, como o contexto sócio-histórico assume forte influência sobre a categorização do objeto *Dilma*, de modo que, em um determinado momento histórico, ela era categorizada como *a Ministra da Casa Civil*, em outro momento, como *candidata do PT à presidência da República Federativa do Brasil*, e, ainda em outro, *uma rebelde*, ou *uma ameaça*.

Vemos, dessa forma, como, para as autoras, o contexto discursivo e o ponto de vista são fatores essenciais que estão estreitamente ligados ao fenômeno da categorização.

[...] quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser “deategorizado”, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de **contexto** ou de **ponto de vista** (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 27, grifo nosso).

É importante ressaltar que, em uma análise a partir de uma perspectiva sociocognitiva discursiva, o primordial não é avaliar a correta ou adequada relação entre o objeto do mundo e a categoria escolhida para representá-lo, mas observar, a partir de uma investigação minuciosa de aspectos linguísticos e sociocognitivos, como tais objetos de mundo são representados e quais fatores estão implicados neste complexo processo de representação, ou seja, como os sujeitos, em suas práticas sociais situadas, referem-se ao mundo.

A questão não é mais avaliar a adequação de um rótulo “correto”, mas de descrever em detalhes os procedimentos (linguísticos e sócio-cognitivos) pelos quais os atores sociais se referem uns aos outros – por exemplo, categorizando qualquer um como sendo um “homem velho”, em vez de um “banqueiro”, ou de um “judeu”, etc., tendo em conta o fato destas categorias poderem ter eventualmente consequências importantes para a integridade da pessoa. (SACKS, 1972;1992 *apud* MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 23)

Como afirmamos anteriormente, o ponto de vista e o contexto discursivo não são os únicos fatores que afetam a construção de sentido(s). Para Cavalcante *et al.* (2014), a existência de um texto está atrelada à possibilidade de se atribuir coerência a uma dada ocorrência comunicativa (não exclusivamente linguística). Esta coerência surge da percepção de uma unidade de sentido negociada, que depende da intenção argumentativa do locutor, da

coparticipação do interlocutor, das indicações marcadas na superfície do texto e de um vasto conjunto de conhecimentos compartilhados.

Ao longo do complexo processo de construção de referentes, determinado objeto de discurso, a depender, como dito, de diversos fatores, sobretudo do propósito argumentativo dos sujeitos participantes da interação, pode ir sofrendo modificações de várias naturezas ao longo da progressão textual. Vejamos a seguinte parábola:

(5)

El juicio	
1	Cuenta una antigua leyenda que en la Edad Media <u>un</u>
2	<u>hombre</u> muy virtuoso fue injustamente acusado de asesinato. El
3	culpable era una persona muy influyente del reino, y por eso desde
4	el primer momento se procuró hallar un chivo expiatorio para
5	encubrirlo.
6	<u>El hombre</u> fue llevado a juicio y comprendió que tendría
7	escasas oportunidades de escapar a la horca. El juez, aunque
8	también estaba confabulado, se cuidó de mantener todas las
9	apariencias de un juicio justo. Por eso le dijo <u>al acusado</u> :
10	“conociendo tu fama de hombre justo, voy a dejar tu suerte en
11	manos de Dios: escribiré en dos papeles separados las palabras
12	culpables e inocente. Tú escogerás y será la Providencia la que
13	decida tu destino”.
14	Por supuesto, el perverso funcionario había preparado dos
15	papeles con la misma leyenda: culpable. <u>La víctima</u> aun sin conocer
16	los detalles, se dio cuenta de que el sistema era una trampa. Cuando
17	el juez la conminó a tomar uno de los papeles, <u>el hombre</u> respiró
18	profundamente y permaneció en silencio unos segundos con los
19	ojos cerrados. Cuando la sala comenzaba ya a impacientarse, abrió
20	los ojos y con una sonrisa, tomó uno de los papeles, se metió a la
21	boca y lo engulló rápidamente. Sorprendidos e indignados, los
22	presentes le reprocharon.
23	- Pero, ¿qué ha hecho? ¿Ahora cómo diablos vamos a
24	saber el veredicto?
25	- Es muy sencillo, - replicó <u>el hombre</u> - es cuestión de leer
26	el papel que queda y sabremos lo que decía el que me tragué.
27	Con ira y coraje debieron liberar <u>al acusado</u> y jamás
28	volvieron a molestarlo.

Fonte: GUTIÉRREZ & TRUJILLO, 2002, p. 43-44

Versão em português	
1. O julgamento	
1	Conta uma antiga lenda que na Idade Média um homem
2	muito virtuoso foi injustamente acusado de assassinato. O culpado
3	era uma pessoa muito influente do reino, por isso desde o
4	primeiro momento procurou achar um bode expiatório para
5	encobri-lo.
6	O homem foi levado ao julgamento e compreendeu que
7	teria escassas oportunidades de escapar da forca. O juiz, embora
8	também estava confabulado, cuidou de manter todas as aparências
9	de um julgamento justo. Por isso, disse ao acusado: “conhecendo
10	tua fama de homem justo, vou deixar tua sorte nas mãos de Deus:

11	escreverei em dois papéis separados as palavras <i>culpado</i> e
12	<i>inocente</i> . Você escolherá e será a Providência a que decida o teu
13	destino”.
14	Evidentemente, o perverso funcionário havia preparado
15	dois papéis com a mesma palavra: <i>culpado</i> . A vítima mesmo sem
16	conhecer os detalhes, se deu conta de que o sistema era uma
17	armadilha. Quando o juiz ordenou tomar um dos papéis, o homem
18	respirou profundamente e permaneceu em silêncio uns segundos
19	com os olhos fechados. Quando a sala começava a ficar
20	impaciente, abriu os olhos e com um sorriso, pegou um dos
21	papéis, meteu na boca e o engoliu rapidamente. Surpreendidos e
22	indignados, os presentes disseram:
23	- Mas o que foi que você fez? Agora como diabos vamos
24	saber o veredito?
25	- É muito simples, - disse o homem – é questão de ler o
26	papel que fica e saberemos o que dizia o que eu engoli.
27	Com ira e raiva deveram liberar o acusado e jamais
28	voltaram a incomodá-lo.

Podemos notar como nesta parábola o referente (e protagonista) *hombre* deixa de ser simplesmente *un hombre* (linhas 1 e 2) para ser *el acusado* (linha 9) e logo *la víctima* (linha 15). Notamos, ainda, como, ao final da parábola, tal referente volta a ser categorizado como *el hombre* (linhas 17 e 25) e, ainda, novamente, como *el acusado* (linha 27). Ademais, podemos notar como *El juicio* (título da parábola) é recategorizado como um *sistema* (l. 16), que, por sua vez, passa a ser *una trampa* (l. 16). Ainda, podemos perceber como *el juez* (l. 7), expressão linguística que, *a priori*, se refere a alguém que deve exercer fielmente a justiça (portanto, alguém “bom”), passa a ser *el perverso funcionario* (l. 14). Deste modo, vemos como os referentes vão sendo recategorizados durante a progressão textual.

Para Ciulla e Silva (2008, p.50), tal recategorização se dá não somente a nível cotextual, concreto, na superfície textual, mas também a nível semântico/conceitual, abstrato, no universo discursivo. Isso implica concluir que mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maioria das vezes, pois o entorno discursivo é elaborado de modo que os objetos de discurso evoluam, conseqüentemente, modificando-os. Vejamos o seguinte exemplo:

(6)

Frango xadrez simples

- 500g de peito de frango sem osso e sem pele cortado em cubos
- 1 litro de água fervente
- Sal e pimenta a gosto

- 3 colheres (sopa) de óleo vegetal
- 2 cebolas médias descascadas e cortadas em cubos
- 2 pimentões verdes cortados em cubos
- 2 copos de água
- 2 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1/2 vidro de molho de soja (shoyu)
- 1 xícara (chá) de amendoim torrado

Modo de preparo

Preparo: 10 mins › Cozimento: 20 mins › Pronto em: 30 mins

1. Coloque o peito de frango cru em uma peneira e por cima despeje a água fervente. Isto é só para que o frango perca o rosado, mas não cozinhe por completo.

Tempere com sal e pimenta. Reserve.

2. Em uma panela grande, aqueça 1 colher do óleo e refogue a cebola e o pimentão até que estejam macios. Remova os legumes da panela e reserve.

3. Nesta mesma panela acrescente o restante do óleo, quando estiver bem quente, frite o frango até dourar. Acrescente a cebola e o pimentão refogados e desligue o fogo.

4. Em outra panela, acrescente a água, o amido de milho, o açúcar e o molho de soja. Mexa sem parar até ferver e engrossar.

5. Junte esse molho ao frango, acrescente o amendoim e sirva com arroz.

Fonte: Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/2237/frango-xadrez-simples.aspx> Acessado em: 10-09-2018

No exemplo anterior, podemos observar, claramente, as diversas transformações pelas quais passa o referente da expressão *frango*, presente no título da receita. No tópico 1 do modo de preparo, embora a expressão *o frango* retome diretamente o referente do vocábulo *frango* do título da receita, vemos como aquele já não é simplesmente um frango, tampouco somente cru em uma peneira, mas já foi escaldado pela água fervente. No tópico 3, o referente de *o frango* já não está só escaldado, mas também frito, e até dourado. Finalmente, no tópico 5, o referente de *o frango* já está “pronto” já se lhe agregou cebola e o pimentão refogados, e o molho de soja. Reiteramos o fato de que, considerando o universo discursivo, pode-se perceber mudanças no referente, mesmo quando este é retomado pela mesma expressão referencial linguística que o introduziu. Daí, ao nosso ver, teríamos dois tipos de recategorizações: a) *recategorização referencial lexical*, que implicaria na retomada do

referente através de menção de expressão referencial diferente da que o introduziu; b) *recategorização referencial conceitual*, que consiste na mudança/evolução do referente mesmo quando este é retomado pela mesma expressão referencial que o introduziu, ideia ilustrada através do exemplo (6).

Ademais, parece evidente que, para que o interlocutor possa construir determinado referente expresso por expressão referencial linguística, é necessário que se conheça o(s) significado(s) desta. Como afirma Pereira (2015, p. 22):

Um ponto relevante sobre o referente é a sua elaboração. Apenas somos capazes de representar cognitivamente essa entidade se soubermos o significado das expressões referenciais que as manifestam num determinado enunciado.

Durante o processo de produção e compreensão textual, a forma como o referente é construído passa por um processo de negociação entre as diversas pistas oferecidas pelo enunciador e uma espécie de avaliação destas realizada pelo interlocutor, que pode aceitar ou rejeitar as características (do referente) apresentadas, de modo que a construção do(s) referente(s) se dá num complexo processo de negociação entre os participantes do ato comunicativo que trabalham de forma colaborativa. Os referentes, então, passam a ser resultados de relações intersubjetivas, ou seja, de relações cognitivas e sociais estabelecidas entre os participantes da interação, que negociam contextualmente um sentido conforme diversos interesses comunicativos. Esta construção colaborativa é “constitutiva de qualquer situação comunicativa” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.117) e não significa construir “versões da realidade ao bel-prazer do locutor, mas sim, de submeter a versão à aceitação de outros participantes da interlocução (CAVALCANTE *et. al.*, 2014, p. 38).

Para ilustrar tal postulado, os autores utilizam-se de uma cena do romance *A época da inocência* (*The age of innocence*), de Edith Warton. No entanto, para melhor clareza da ilustração, faz-se necessária a realização de alguns esclarecimentos acerca do enredo da obra. Segundo os autores, a narrativa ocorre em Nova York, na segunda metade do século XIX. É centralizada no personagem Newland Archer, jovem advogado pertencente à elite aristocrática da cidade. No começo da trama, Archer inicia o noivado com May Welland, que também era membro da alta sociedade nova-iorquina. No dia em que os dois ficam noivos, chega à cidade, após anos na Europa, Ellen Olenska, prima de May, agora divorciada (o que, para a época, representava um estigma social). Newland Archer, aos poucos, se apaixona por Ellen e a paixão é correspondida, o que faz ambos sofrerem, porque sabem que se trata de um amor proibido. Embora apaixonado por outra mulher, Newland se casa com May, no entanto,

sempre que pode, aproveita as oportunidades para estar próximo de Ellen para desfrutar de sua companhia (sem nenhuma conotação sexual). Então, em um determinado momento da trama, Ellen, temendo não resistir à paixão que sente pelo marido da prima, resolve viver em Washington. Newland planeja fazer-lhe uma visita e diz à sua esposa que irá a Washington a trabalho. Acontece que a avó de May e Ellen adoece e pede que esta última venha visitá-la. Ellen chegará exatamente no dia em que Newland pretendia viajar. Na cena anterior ao texto do exemplo a seguir, a mãe de May está angustiada, porque nenhum membro da família pode buscar Ellen na Estação, na cidade vizinha de New Jersey. Newland oferece-se para buscá-la. Logo depois, Newland e May se encontram numa carruagem e travam o seguinte diálogo:

(7)

[...]

- Eu não quis preocupar mamãe criando novos obstáculos, mas como você vai encontrar Ellen amanhã e trazê-la a Nova York se você está indo para Washington?

- Ah, eu não vou mais – Archer respondeu.

- Não vai? Por quê, o que aconteceu? – Sua voz era clara como um sino e cheia de solicitude conjugal.

- O caso acabou... adiado.

- Adiado? Que estranho. Eu vi, hoje de manhã, um bilhete do sr. Letterblair [o chefe de Newland] para mamãe dizendo que ele iria a Washington amanhã de manhã para o grande caso de patente a respeito do qual vai discutir na Suprema Corte. Você disse que era um caso de patente, não disse?

- Bem... é o seguinte: o escritório todo não pode ir. Letterblair decidiu ir esta manhã.

- Então o caso não está adiado? – May, continuou, com uma insistência tão estranha a ela que Newland sentiu o sangue subir à face [...]

- Não, mas minha ida está – ele respondeu, amaldiçoando as explicações desnecessárias que havia dado quando tinha anunciado sua intenção de ir a Washington. [...] – Eu não vou até mais tarde; ainda bem, para a conveniência da sua família.

- Sim, é terrivelmente conveniente – May concordou, radiante – que você possa encontrar Ellen, afinal de conta, você viu como mamãe apreciou sua oferta para fazê-lo.

(WARTAN, Edith. *The age of innocence*, 15. Ed. Versão online disponível em: http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk_files=3532234. Acesso em: 21 jan. 2014. P. 129. Tradução livre de Valdinar Custódio Filho)

Podemos perceber como o desenvolvimento do tema depende estreitamente da interação do casal, que expressa concordâncias e acrescenta mudanças, o que faz com que os objetos de discurso se instaurem a partir de negociações que se configuram em tal interação. Ainda segundo os autores, há dois casos claros de negociação dos referentes em (7): 1. o caso jurídico do escritório; 2. a viagem para Washington.

Com relação ao caso jurídico do escritório, Newland afirma que foi adiado. Temos, aqui, uma primeira recategorização: o caso foi *adiado*. Não obstante, a esposa de Newland mostra-lhe que sabe que o chefe dele viajará para tratar o caso. Neste momento, embora não

manifesto explicitamente através de expressão linguística a nível cotextual, nota-se, claramente, uma modificação ao caso, que passa de *adiado* a *não adiado*, mudança esta que se deve explicitamente à negociação entre os participantes do ato comunicativo.

Quanto à viagem a Washington, Newland a vê como *conveniente*, uma vez que foi devido ao adiamento que pode ficar disponível para buscar a prima na estação, o que foi uma alívio para a mãe de May, ou seja, para Newland é *conveniente* que ele adie sua ida a Washington, exatamente, para ajudar a mãe de sua esposa em sua angústia em não poder contar com ninguém para buscar Ellen na estação; enfim, para Newland, é *conveniente* para a família (de sua esposa). Por outro lado, May concorda com seu esposo quanto à conveniência do adiamento da viagem, no entanto, ela insinua que tal conveniência não favorece sua mãe, mas sim, seu marido, que poderá se encontrar com a prima. Deste modo, vemos como este duplo sentido de conveniente também resulta de uma negociação comunicativa entre o casal.

Além de possuir um caráter altamente dinâmico e de ser um processo de construção negociada de sentidos, a referenciação é um processo inerentemente sociocognitivo. Isso implica considerar não só aspectos mentais, relativos aos conhecimentos (enciclopédico, linguístico-textual, interacional, etc.) dos interlocutores, mas também os diversos conhecimentos sociais resgatados pelos participantes do ato interativo a partir de suas experiências culturais. Vejamos o exemplo a seguir:

(8)

Los dos halcones	
1	Un rey recibió como obsequio dos pichones de halcón y los entregó al maestro de cetrería
2	para que los entrenara. Pasados unos meses, el instructor le comunicó que uno de los halcones
3	estaba perfectamente educado, pero que no sabía qué le sucedía <u>al otro</u> : no se había movido de <u>la</u>
4	<u>rama</u> desde el día de su llegada a palacio, e incluso había que llevarle el alimento hasta allí.
5	El rey mandó llamar a curanderos y sanadores de todo tipo, pero nadie pudo hacer volar al
6	ave. Encargó entonces la misión a miembros de la corte, pero nada sucedió; por la ventana de sus
7	habitaciones, el monarca veía que el pájaro continuaba inmóvil. Publicó por fin un bando entre
8	sus súbditos solicitando ayuda, y a la mañana siguiente vio al halcón volar ágilmente por los
9	jardines.
10	—Traedme al autor de ese milagro —dijo.
11	En seguida le presentaron a un campesino.
12	—¿Tú hiciste volar al halcón? ¿Cómo lo lograste? ¿Eres mago, acaso?
13	Entre feliz e intimidado, el hombrecito explicó: —No fue difícil, Su Alteza: sólo corté <u>la</u>
14	<u>rama</u> . El pájaro se dio cuenta de que tenía <u>alas</u> y se lanzó a <u>volar</u> .

Fonte: GUTIÉRREZ & TRUJILLO, 2002, p. 90-91

Versão em português	
Os dois falcões	

1	Um rei recebeu como obsequio dois filhotes de falcão e os entregou ao mestre de cetreria
2	para que os treinasse. Passados alguns meses, o instrutor lhe comunicou que um dos falcões
3	estava perfeitamente educado, mas que não sabia o que acontecia com o outro: não tinha saído do
4	galho desde o dia da sua chegada no palácio, e inclusive tinham que que lhe levar o alimento até
5	ele.
6	O rei mandou chamar curandeiros de todo tipo, mas ninguém pode fazer voar o falcão. Ele
7	encarregou, então, a missão a membros da corte, mas nada aconteceu; pela janela de seus
8	quartos, o monarca via que o pássaro continuava imóvel. Finalmente, publicou um comunicado
9	entre os seus súditos solicitando ajuda, e na manhã seguinte viu o falcão voar agilmente pelos
10	jardins.
11	— Tragam-me o autor deste milagre - disse.
12	Em seguida lhe apresentaram um camponês.
13	— Você fez voar o falcão? Como vou o conseguiu? Você é mago, por acaso?
14	Entre feliz e intimidado, o homenzinho explicou:
15	— Não foi difícil, Sua Alteza. Eu só cortei o galho. O pássaro se deu conta de que tinha
16	asas e se lançou a voar.

Considerando o texto anterior como uma parábola e reconhecendo o caráter alegórico de tal gênero, para construir-se o sentido supostamente requerido pelo enunciador, faz-se necessário que o interlocutor ative não só os conhecimentos de mundo, interacional e linguístico, mas também as experiências socioculturais para a reconstrução das relações comparativa-alegóricas do texto e, conseqüentemente, reconhecimento de recategorizações referenciais implícitas. Em (8), vemos, por exemplo, como *la rama* (l. 13-14) deixa de ser simplesmente *um galho* e é recategorizada sociocognitivamente como “aquilo no qual nos apoiamos; uma espécie de *zona de conforto*”. Vemos, também, como *alas* (l. 14) passa a ser “instrumento(s) ou capacidade(s) que uma pessoa tem para poder “crescer na vida””. Percebemos, ainda, como o ato de *volar* representa não só a ação de *mover-se pelo ar*, mas é recategorizado sociocognitivamente de maneira implícita como “abandonar a zona de conforto e crescer na vida”. Todas estas recategorizações não estão presentes no texto a nível cotextual, mas podem ser recuperadas, uma vez que trabalhamos mentalmente para interpretar os textos, de modo que aquilo que falta para completar os sentidos é captado a partir dos conhecimentos prévios (armazenados na mente), o que faz com que a referência seja uma atividade cognitiva (CAVALCANTE *et al.*, 2014).

Além disso, percebemos que a parábola *Los dos halcones* só faz sentido porque, a partir de nossas experiências socioculturais (no mundo), temos conhecimento de que existem muitas pessoas acomodadas, conformadas com sua situação e, devido a tal acomodação, não se movem, não fazem nada; e que, às vezes, a melhor solução seria fazer com que esta pessoa deixe sua zona de conforto (ou seja, *cortarle la rama*). Este conhecimento provém de modelos

culturais que vivenciamos de alguma maneira, o que faz com que a referenciação seja, também, uma atividade sociocultural.

Assim, levando-se em consideração não um sujeito ‘encarnado’, mas um sujeito sociocognitivo, faz-se necessário considerar que, durante a construção textual, os mais variados processos de referenciação, como a escolha e a determinação, dependem de diversos fatores que influenciam na linguagem, tais como a situação na qual se encontra tal sujeito, seus pontos de vista, seu conhecimento de mundo, seus domínios e papéis sociais, sua cultura, escolarização, gênero, sua intenção comunicativa, etc. Vemos como no ato de referenciar não se representa a realidade “pura”, mas uma realidade criada pela percepção cultural do sujeito discursivo. Os referentes são objetos de discurso, frutos de tal percepção e da visão de mundo deste sujeito, que não é visto somente como decodificador, mas como um sujeito sociocognitivo construtor do mundo. Esses objetos de discurso se constroem no processo de interação e não se confundem com a realidade extralinguística. “É da inter-relação entre a língua e as práticas sociais que emergem os referentes, ou ‘objetos-de-discurso’, por meio dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta” (CAVALCANTE, 2005, p.125).

Expostos, brevemente, os postulados da teoria da referenciação, que em palavras de Cavalcante et. al. (2014, p.41) trata-se da construção sociocognitivo-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processos de negociação, faz-se necessária uma (re)discussão acerca dos processos referenciais, uma vez que pretendemos analisar tais fenômenos em nossa investigação, para, então, posicionarmos teoricamente.

2 PROCESSOS REFERENCIAIS

Neste capítulo, trataremos dos processos referenciais investigados nesta pesquisa: a Introdução Referencial e a Anáfora. Apresentaremos algumas propostas classificatórias, entre elas a de Cavalcante (2012), e logo realizaremos uma breve discussão acerca dos critérios definicionais destes processos e dos limites tênues de suas supostas fronteiras. Ainda, apresentaremos uma revisão dos conceitos e, conseqüentemente, das principais características do gênero a ser analisado: a parábola.

Dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos por Koch e Marcuschi (ano), Cavalcante (2011) divide os processos referenciais em dois grandes grupos: a introdução referencial, que revela a primeira aparição do referente, e as anáforas. Para a autora, o processo de introdução referencial acontece quando o referente é apresentado, geralmente no cotexto, sem que nenhuma outra expressão o tenha evocado anteriormente, de maneira que inexistente a possibilidade de remissão a algum outro elemento (anterior ou posterior). Por outro lado, quando há a possibilidade interpretativa de uma remissão ou retomada de algum referente, falamos de anáfora. Vejamos alguns exemplos:

(9)

El alacrán	
1	Un maestro oriental que vio cómo un alacrán se estaba ahogando, decidió sacarlo del
2	agua, pero cuando lo hizo, el alacrán lo picó.
3	Por la reacción al dolor, el maestro lo soltó, y el animal cayó al agua y de nuevo estaba
4	ahogándose. El maestro intentó sacarlo otra vez, y otra vez el alacrán lo picó. Alguien que había
5	observado todo, se acercó al maestro y le dijo:
6	- Perdón, ¡pero usted es terco! ¿No entiende que cada vez que intente sacarlo del agua lo
7	picará?".
8	El maestro respondió:
9	- La naturaleza del alacrán es picar, y eso no va a cambiar la mía, que es ayudar.
10	Y entonces, ayudándose de una hoja el maestro sacó al animalito del agua y le salvó la
11	vida.
Texto anônimo retirado de < https://www.aciprensa.com/historias/el-alacran-y-la-caridad-6 >	

Versão em português O escorpião	
1	Um mestre oriental que viu como um escorpião estava se afogando, decidiu tirá-lo da
2	água, mas quando o fez, o escorpião o picou.
3	Pela reação à dor, o mestre o soltou, o animal caiu na água e de novo estava se afogando.
4	O mestre tentou tirá-lo outra vez, e outra vez o escorpião o picou. Alguém que havia observado
5	tudo, se aproximou do mestre e lhe disse:
6	- Perdão, mas você é teimoso! Não entende que cada vez que tente tirá-lo da água, o
7	picará?

8	O mestre respondeu:
9	- A natureza do escorpião é picar, e isso não vai mudar a minha, que é ajudar.
10	E então, pegando a folha de um a árvore, o mestre tirou o animalzinho da água e salvou
11	sua vida.
<p>Texto anônimo retirado de <https://www.aciprensa.com/historias/el-alacran-y-la-caridad-6></p>	

Observamos, por exemplo, como as expressões *el alacrán* (no título) e *un maestro oriental* (lin. 1) introduzem novos referentes; por outro lado as expressões *el animal* (lin. 3) e *el animalito* (lin. 10) recategorizam e retomam diretamente o referente introduzido pela expressão título do exemplo (7), o que configura um processo anafórico.

Assim, segundo Cavalcante (2011), a menção no cotexto seria o primeiro critério adotado para a elaboração do quadro classificatório dos processos referenciais.

[...] poderíamos resumir esses dois grandes processos referenciais, fundamentados nesse critério de menção no cotexto, dizendo assim: há duas funções gerais das expressões referenciais: 1) introduzir formalmente um novo referente no universo discursivo; 2) promover, por meio de expressões referenciais, a continuidade de referentes já estabelecidos no universo discursivo. (CAVALCANTE, 2011, p. 59)

A seguir, apresentamos, de forma mais detalhada, os processos referenciais abordados nesta pesquisa.

2.1 INTRODUÇÃO REFERENCIAL

Koch e Elias (2009) sugerem dois tipos de introdução referencial, divididos, por sua vez, em “ativação ancorada” e “não ancorada”. De acordo com as autoras:

Quando o escritor introduz no texto um objeto de discurso totalmente novo dizemos que produziu uma **introdução não ancorada**. Quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma primeira categorização do referente [...]. Por sua vez, o escritor produz uma **introdução (ativação) ancorada** sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores. (KOCH E ELIAS, 2009, p.134, grifo nosso)

Para Cavalcante *et. al.* (2014, p. 58), falar-se-á de introdução referencial apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto. Percebemos que a noção de introdução não

ancorada de Koch e Elias (2004) se aproxima da noção de introdução referencial de Cavalcante (2011), enquanto que a noção de introdução ancorada assemelha-se ao que Cavalcante (2011) chama de anáfora indireta. Daí, vemos como um mesmo fenômeno, neste caso linguístico, pode ser “categorizado” a partir de expressões referenciais diferentes. Podemos notar, assim, o quão complexo é a questão da conceptualização de conceitos no âmbito acadêmico, uma vez que, muitas vezes, o mesmo fenômeno é rotulado de diversas formas, segundo o autor que o faz; e que, neste trabalho de rotulação de conceitos, autores escolhem determinada abordagem, perspectiva ou ponto de vista para conceituar dado fenômeno e esta escolha, evidentemente, influencia na nomenclatura escolhida por tal autor(a).

Ciulla e Silva (2008), por sua vez, argumenta que uma entidade referida pela primeira vez no contexto pode ser parcialmente dada ou conhecida devido à sua saliência no universo discursivo. Para ilustrar seu pensamento, a autora utiliza-se do seguinte exemplo de Cavalcante e Costa (2006):

(10) Joãozinho

A professora de matemática pergunta ao Joãozinho:

- Joãozinho, tem três passarinhos no galho de uma árvore. Você pega sua espingardinha e mata um. Quantos ficam no galho?

- Nenhum, professora - responde ele.

- Como, Joãozinho? Pense bem... Você tem 3 passarinhos, mata um. Quantos sobram?

- Nenhum, professora. Quando eu acertar o primeiro, os outros dois saem voando e não sobra nenhum no galho.

- Bem, Joãozinho, a resposta não foi correta, mas eu gosto muito do seu jeito de pensar.

Assim, diz o Joãozinho:

- Professora, eu também tenho uma perguntinha. Ali no banco do jardim estão sentadas três moças. Uma está comendo um sorvete, a outra está chupando um sorvete e a outra está mordendo um sorvete. Qual delas é casada?

A professora, muito constrangida e vermelha, pensa um pouco e responde:

- Bem, acho que é a que está chupando o sorvete.

E o Joãozinho:

- Errado, professora, é a que está com aliança no dedo, mas eu gosto muito da sua maneira de pensar...

(Piada veiculada pela internet – citado por CAVALCANTE e COSTA, 2006, p.13)

De acordo com a autora, através de um processo dêitico de memória compartilhada, o *frame* “piada de Joãozinho” é ativado, fazendo com que, a partir deste aspecto, determinados elementos, como, por exemplo, o referente “a professora de matemática”, prototípica do *frame* (piada de Joãozinho), possa ser considerado velho. Por outro lado, de acordo com o

critério de menção no cotexto, este mesmo referente pode ser considerado novo, uma vez que, além de aparecer pela primeira vez no cotexto, tem a possibilidade de realizar referências posteriores. Desse modo, a autora levanta a questão da fronteira tênue entre a IR e a anáfora indireta (a ser discutida posteriormente, nesta dissertação), além de, corroborando com Mondada & Dubois (2003) sobre a questão da referenciação como atividade colaborativa e negociada, concluir que os processos referenciais implicam uma espécie de reajuste, ou seja, geralmente há algum conhecimento sobre os objetos referidos que é reformulado e/ou complementado através da atividade colaborativa dos interlocutores. Finalmente, outra grande contribuição da autora foi o fato de concluir que um mesmo referente introduzido no cotexto, geralmente por expressão referencial, pode ser interpretado de diversas maneiras por diferentes interlocutores, uma vez que as IRs devem ser consideradas não em termos absolutos, mas em termos relativos de graus de conhecimento sobre o aspecto dado/novo. Ademais, “vale ressaltar que o modo como o enunciador e seus possíveis interlocutores ou coenunciadores constroem a representação desses referentes em suas mentes jamais será o mesmo em outra situação efetiva de comunicação” (PEREIRA, 2015, p. 22). Assim, para Ciulla e Silva (2008, p. 63), IR “é o caso em que um referente novo é apresentado para o discurso, sem a ativação de qualquer fonte (a não ser o conhecimento enciclopédico)”. Para ilustrar a ideia a autora apresenta o seguinte exemplo:

(11) Aborto, centrado no nó das trigonometrias, meditando múltiplos quadriláteros, centrado ele mesmo no quadrado do quarto, as superfícies de cal, os triângulos de acrílico, suspensos no espaço por uns fios finos os polígonos, Isaiah o matemático, sobrolho pelugoso, inquietou-se quando descobriu *o porco*. (Hilda Hilst, Gestalt – *apud* CIULLA E SILVA, 2008, p.76, grifo nosso)

Ciulla e Silva (2008) destaca que, até que a expressão referencial *o porco* apareça no cotexto, nada do que foi expresso anteriormente contribui em alguma medida para que haja algum tipo de remissão ao referente da expressão referencial em questão. Quiçá, a expressão “inquietou-se” poderia fazer com que o interlocutor pressupusesse algo estranho no discurso, mas nada o suficiente para que o interlocutor imaginasse o referente de *o porco*. Deste modo, a expressão *o porco* configurar-se-ia como IR.

Retomando a questão da dicotomia novo-velho nas introduções referenciais, Cavalcante (2004) afirma que:

Falaremos de introdução referencial apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto. Diremos que há dois recursos

fundamentais de introdução de um referente considerado “novo” no texto: ou ele é mencionado por simples apelo à memória comum [...] sem nenhuma marca dêitica de remissão ao conhecimento partilhado, ou é expresso para remeter, por meio de expressões indiciais, a uma das coordenadas dêiticas de pessoa (eu, você), tempo (hoje, amanhã), espaço (aqui, ali) ou memória dos interlocutores (naquele dia, essa história de...). (CAVALCANTE, 2004, p. 2)

Desta forma, vemos como a autora amplia a definição de IR, acrescentando-lhe o elemento dêitico e reformulando a concepção de que bastaria que determinada expressão inaugurasse um novo referente para ser considerada IR, propondo, assim, o seguinte quadro:

Quadro 1 - Proposta classificatória das Introduções referenciais

Introduções Referenciais						
Não-dêiticas	Dêiticas					
	Dêixis pessoal	Dêixis social	Dêixis espacial	Dêixis temporal	Dêixis memorial	Dêixis textual

Fonte: Cavalcante (2004, p. 2)

A autora afirma, ainda, que uma introdução referencial é instaurada somente quando, durante o processo de compreensão, um referente, ainda que não manifestado por uma expressão referencial, é construído pela primeira vez na mente do coenunciador do texto/discurso. Esse referente pode, ou não, ser retomado anaforicamente ao longo do texto. (CAVALCANTE *et al.*, 2014, p. 60)

Investigando as recategorizações ocorridas em texto literários, mais especificamente em poemas, Jaguaribe (2005), em seu projeto de tese, destaca a possibilidade de que o referente seja recategorizado ao mesmo tempo que é categorizado no cotexto.

Uma outra ocorrência de recategorização muito produtiva no texto literário é, por exemplo, aquela que se processa explicitamente no nível linguístico, às vezes por uma metáfora, às vezes por uma expressão não trópica, sobre um objeto do mundo que está categorizado na mente do enunciador. Não se explicitando em nenhum lugar do texto, esse objeto já aparece recategorizado, o que exige que haja entre enunciador e coenunciador um conhecimento partilhado específico, ou que o coenunciador possa reconstruir, por meio de seus conhecimentos enciclopédicos ou de suas vivências, a rede de relações feitas cognitivamente pelo enunciador. (JAGUARIBE, 2005, p. 40)

Para ilustrar seu pensamento, a autora menciona o poema *Consoada*, de Manuel Bandeira:

Consoada, de Manuel Bandeira.

Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),
 Talvez eu tenha medo,
 Talvez sorria, ou diga:
 - Alô, iniludível!
 O meu dia foi bom, pode a noite descer.
 (A noite com os seus sortilégios),
 Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
 A mesa posta,
 Com cada coisa em seu lugar.
 (Poema citado em JAGUARIBE, 2005, p. 40)

No poema, embora a expressão “morte” não esteja expressa no cotexto, podemos observar a evidência da presença do referente *morte* no poema. De acordo com a autora, este caso se configura como uma introdução referencial recategorizadora, uma vez que o sujeito enunciador (o poeta) recategoriza o objeto de mundo *morte*, categorizado prototipicamente pela expressão “morte”, apresentando-o no cotexto como *a indesejada das gentes*. Permitimo-nos realizar uma breve observação acerca do posicionamento de Jaguaribe (2005): se consideramos este um caso de IR recategorizadora, parece não ser exagero concluir que, em todo caso em que haja uma expressão referencial que introduza um novo referente (a nível cotextual) e que esta expressão não seja prototípica caracterizadora deste referente, estaríamos diante de um caso de IR recategorizadora. Por outro lado, arriscamos, ainda, a propor uma reflexão mais abrangente e desafiadora: se se considera o referente *morte* como já existente no universo discursivo, no conhecimento enciclopédico compartilhado, ao longo da leitura, através de movimentos de idas e vindas, a partir do momento que o interlocutor reconhece a relação entre a expressão referencial *a indesejada das gentes* e o referente *morte* (já existente no conhecimento enciclopédico compartilhado entre os interlocutores), poderíamos imaginar que, a partir deste momento, o que há entre a expressão referencial *a indesejada das gentes* e o referente *morte* é um processo anafórico de retomada. Reconhecemos a ousadia desta proposta interpretativa e, de todas as formas, concordamos com Silva (2013, p.73) quando afirma que “a recategorização das introduções referenciais (doravante IRs) é um fenômeno que precisa ser pesquisado de forma minuciosa para ampliar os estudos sobre esses processos referenciais.”

Em sua tese de doutorado, Silva (2013), analisando as formas e funções das IRs, encontra os seguintes resultados, condensados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Formas e funções das Introduções Referenciais segundo Silva (2013)

Formas	Funções
--------	---------

<ol style="list-style-type: none"> 1. expressões referenciais aparentemente neutras, ou seja, sem marcas mais explicitamente avaliativas; 2. apresentação de referentes por imagens; 3. palavras e/ou imagens com marcas intertextuais; 4. introduções referenciais recategorizadoras. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. inaugurar os referentes no texto/discurso; 2. orientar o ponto de vista desde o título e ao longo do texto; 3. encapsular porções textuais; 4. causar “estranhamento” inicial sobre o referente, fazendo o leitor buscar, durante a leitura, a confirmação de quem é o objeto citado nas palavras e/ou imagens utilizadas no gênero textual.
--	--

Fonte: Elaboração própria

Considerando tal quadro, analisaremos os processos de IR presentes no *corpus* escolhido para esta pesquisa. Ademais, pretendemos analisar os processos anafóricos, o que nos leva a (re)discutir questões conceituais referentes a estes processos.

2.2 ANÁFORA

O termo anáfora, etimologicamente associado à ideia de “repetição”², trata-se de um processo de continuidade referencial constituído pela remissão ou retomada de um referente já construído em uma determinada situação de comunicação. Quando *retoma* um referente, o elemento anafórico reativa objeto(s) de discurso introduzidos, como é o caso das anáforas diretas correferenciais, que podem apontar para trás e/ou para frente; quando *remete* a um referente já construído, inaugura um novo objeto de discurso, o que caracteriza a anáfora indireta. Além de introduzir um novo referente, as anáforas indiretas se caracterizam pela não vinculação com a correferencialidade e pelo status do referente dado por pistas do contexto. Para Cavalcante *et. al.* (2014, p. 76), quando “um referente é explicitado pela primeira vez no cotexto, mas apresentado ao coenunciador com se lhe fosse conhecido, porque outros elementos do contexto favorecem essa identificação”, fala-se de anáfora *indireta*. A autora ilustra-o com o seguinte texto:

(12) ATENTADO À MARATONA DE BOSTON DE 2013 foi um atentado ocorrido em 15 de abril de 2013, quando duas bombas foram detonadas na Maratona de Boston aproximadamente às 14h50min (hora local), na rua Boylston, perto da Praça Copley, na cidade de Boston, Estados Unidos,

² O termo anáfora vem do latim *anaphōra*, e este do grego *ἀναφορά* anaphorá; literalmente “repetição” (DRAE, 2018, disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=2UrsVn1>> acessado em 30-10-2018).

pouco antes da linha de chegada da prova que se desenrolava. As explosões mataram três pessoas e feriram mais de 170.

Em 19 de abril, os serviços de inteligência informaram que dois suspeitos foram identificados como Tamerlan Tsarnaev, de 26 anos, que foi morto durante um tiroteio com policiais, e Dzhokhar Tsarnaev, de 19 anos, capturado no dia 20. Os suspeitos, de origem muçulmana, são dois irmãos nascidos na Chechênia que viviam legalmente nos Estados Unidos desde 2003. (CAVALCANTE *et al.*, 2014, p.69)

A pesquisadora afirma que “as expressões *As explosões* e *os serviços de inteligência* figuram pela primeira vez no texto e, por isso, **pareceriam indicar** um novo referente. Contudo, não se pode dizer que elas “criam” um referente completamente novo (grifo nosso)” A nosso ver, não *pareceriam indicar*, e, sim, de fato, *criam* um novo referente, uma vez que em nenhum momento do processo de leitura fez-se alusão a tais referentes (“as explosões” e “os serviços de inteligência”), portanto, não só são introduzidos explicitamente no contexto, mas também são construídos cognitivamente pela primeira vez, embora reconheçamos a clara relação semântica (ancoragem) com expressões linguísticas referenciais anteriores (*bomba* e *atentado*).

Comentando o trabalho de definição de anáfora indireta realizado por Marsuschi (2001)³, Pereira (2015, p.33) afirma que esse autor “reintroduz, no contexto da gramática, aspectos sociocognitivos relevantes que permitem repensar tópicos gramaticais na interface com a semântica e a pragmática”. Para o autor, pode-se dizer que

o estudo das AI, além de ser uma oportunidade para rever as relações entre *pragmática* e *cognição* e exigir análises mais cuidadas da noção de *modelos mentais* e do funcionamento **semântico** da língua (em especial do *léxico* e dos *papéis temáticos*), tal estudo propiciaria uma produtiva revisão de noções de *língua*, *categoria*, *referência*, *inferência*, *texto* e *coerência* (MARCUSCHI, 2001, p. 219, grifo nosso)

Vemos como, para o autor, análises mais detalhadas da noção de *modelos mentais* e do funcionamento **semânticos** (grifo nosso) da língua são exigidas para uma melhor compreensão do fenômeno da anáfora indireta. Também, ressaltamos o fato da complexidade e, quiçá, impossibilidade de se estabelecer limites para os campos semânticos, uma vez que estes, a partir de uma perspectiva sociocognitiva discursiva, tem estreita relação com aspectos socioculturais do interlocutor, seu conhecimento de mundo, etc.

³ MARCUSCHI, L. A. **Anáfora Indireta**: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

De acordo com Schwarz (2000, p. 50 *apud* MARCUSCHI, 2001), as características da AI são:

- a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico de base decisivo para a interpretação da AI;
- b) a ausência de relação de correferência entre a âncora e a AI, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c) a interpretação da AI ocorre como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor;
- d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Entre as características apresentadas por Schwarz (2000), percebemos, nos exemplos utilizados na literatura para ilustrar o fenômeno, que a presença de uma âncora está no nível do interpretável, ou seja, sendo o referente construção mental (como veremos mais adiante) e sendo a mente atribuída a um indivíduo (sujeito discursivo), somente este (o interlocutor) seria capaz de reconhecer, ou não, tal âncora, de modo que a classificação adequada do processo referencial só seria possível depois de tal reconhecimento por parte do interlocutor.

Além das anáforas direta e indireta, vimos que Cavalcante (2012, p. 127)⁴, em seu quadro classificatório considera, ainda, as anáforas encapsuladoras, que se caracterizam por resumir uma porção do texto anterior (ou posterior) inaugurando um novo referente e, portanto, criando um novo tópico para o discurso. De acordo com Francis (1994), quando a expressão encapsuladora opera de modo prospectivo, contribui para a previsão de algumas informações. Também, além de encapsular um trecho de informações, geralmente dispersas no discurso, frequentemente acrescenta-lhe certo teor avaliativo. Apesar de que as anáforas encapsuladoras geralmente tenham sido descritas como um tipo de anáfora indireta, Cavalcante (2003:115) afirma que este tipo de anáfora é, na verdade, “meio direta e meio indireta”, uma vez que a expressão anafórica encapsuladora pode referir-se diretamente a informações já mencionadas, resumindo-as (o que refletira seu caráter anafórico *direto*), além de inaugurar um novo objeto de discurso remetendo a algo já mencionado no texto (o que refletiria seu caráter anafórico *indireto*), fato que demonstra certa imprecisão neste conceito.

Realizada esta breve exposição sobre os conceitos e características dos processos de IR e Anáfora, observamos algumas questões controversas que precisam ser (re)discutidas com o fim de nos posicionarmos teoricamente.

⁴ Ver página 32

2.3 PROCESSOS REFERENCIAIS: (RE)DISCUTINDO A RELAÇÃO

Estreitas são as relações entre os processos referenciais e, por parecer-nos pertinentes algumas questões que permeiam este entremeio, pretendemos, assim, nesta seção, (re)discutir a relação entre tais processos. Adotamos uma perspectiva sociocognitivo-discursiva, que considera não só o cotexto para uma análise linguística, mas também a situação enunciativa, os conhecimentos de mundo, enciclopédico e linguístico dos participantes do ato interativo, o contexto sócio-histórico e etc. Assim sendo, concebemos que há uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Para as autoras, essas práticas não são

imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Assim sendo, em termos de *referenciação*, o sentido lexical de uma palavra é apenas um dos elementos a serem considerados e não é suficiente para a construção do sentido. (CIULLA e SILVA, 2008, p.47)

2.3.1. A noção de “referente”

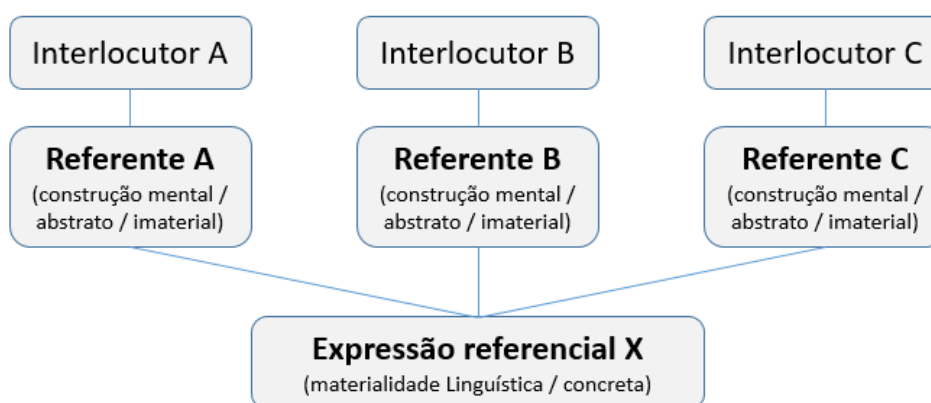
Reconhecemos que todo e qualquer fenômeno, em nosso caso, linguístico, pode ser analisado a partir de diversas perspectivas. Assim, para que possamos tratar de esboçar uma tentativa de melhor compreender a diferença entre os processos referenciais, será de suma importância definir o que entendemos por *referente*. Deste modo, corroboramos com Cavalcante (2011) quando afirma que

referentes são entidades que construímos **mentalmente** quando enunciamos um texto. São realidades **abstratas**, portanto, **imateriais**... é na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação - sempre **instável** - dessas entidades a que se denominam referentes (CAVALCANTE, 2011, p.15, grifo nosso)

Aqui, cabe destacar uma palavra-chave que deverá ser considerada sempre em nossas reflexões e análises dos processos referenciais de aqui em diante: **mentalmente**. A autora

afirma que os referentes são entidades que construímos *mentalmente* e, portanto, trata-se de algo abstrato, imaterial, algo que está em nossa mente. Sendo assim, devemos, em primeiro lugar, reconhecer a complexidade dos fenômenos que ocorrem em nossa mente, reconhecer a complexidade dos fenômenos cognitivos. Em segundo lugar, embora reconheçamos a parte coletiva e universal da “mente humana”, que possui características e propriedades inerentes a todos os seres humanos, não podemos desconsiderar o caráter individual, único, que tem a mente de cada indivíduo, o que nos faz concluir a possibilidade de que o referente (construção mental) de uma expressão referencial “X” construído mentalmente pelo interlocutor A não seja o mesmo do construído pelo interlocutor B, embora se trate da mesma expressão referencial, conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 2 – construção instável do referente



Fonte: Elaboração própria.

Associando o conceito de Cavalcante (2011) com a figura 02, talvez esta (a figura) illustre, em certa medida, a ideia da autora quando afirma que “construímos uma representação – sempre **instável** – dessas entidades a que se denominam referentes” (grifo nosso). Para explicitar a importância de se conceber o referente como construção mental, e que esta construção mental “é construída na interação, na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais” (Ibid, 2011), vejamos o seguinte exemplo:

(13) En un país en guerra había **un rey** que causaba miedo... (GUTIÉRREZ & TRUJILLO, 2007, p. 50)

A expressão referencial **un rey** introduz um referente; este, por sua vez, é construído mentalmente pelo interlocutor. Levar em consideração o fato de que o referente (construção

mental) da expressão referencial *un rey* está associado a diversos fatores sociocognitivos discursivos e culturais será de suma importância para a compreensão da discussão que pretendemos propor ao longo desta seção. No entanto, para facilitar o entendimento, cremos pertinente, neste momento, realizar uma breve revisão dos conceitos dos processos referenciais - objetos de análise desta dissertação: anáfora e introdução referencial.

Corroborando com a ideia de Apothéloz (1995) de que “não há tipologia satisfatória dos fatos anafóricos”, Koch e Marcuschi (1998) afirmavam que “a retomada anafórica é uma estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal compreendida”. Assim, aceitamos o desafio de uma tentativa de uma melhor compreensão do fenômeno.

Lyons (1977) já questionava a interpretação de uma relação especular referencial a nível cotextual entre expressão anafórica e expressão de IR, quando sugeria que, na verdade, o pronome, por exemplo, se referia ao que o antecedente se refere. Vejamos:

(14) “*O menino chorava muito. Ele não gostava de brincadeiras de mau-gosto.*”

Em (14), o pronome **ele**, na verdade, se refere ao que a expressão referencial *o menino* se refere, fato que apontaria para um terceiro elemento, uma construção mental, o objeto referido. Em estudo posterior, Lyons (1982) aprimorando a ideia, afirma que o referente é uma representação que existe no “universo do discurso” criado pelo texto e é o enunciador que faz a referência – e não a expressão referencial. Em primeiro lugar, cabe-nos ressaltar tal afirmação que será chave para a nossa sugestão de mudança de nomenclatura: o fato de que “o enunciador é quem faz a referência”. Em segundo lugar, destacaríamos o fato de que Lyons já concebia que “o referente é uma representação que existe “no universo do discurso””, pensamento adotado por Cavalcante (2011).

A diferença clássica entre *anáfora direta* e *indireta* está estreitamente ligada com a noções de retomada e remissão, respectivamente. Enquanto as anáforas diretas **retomam** um referente já construído, as anáforas indiretas fazem uma **remissão** ao referente. Para Schwarz (2000, p.49), as anáforas indiretas são:

[...] expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

Marcuschi (2001) acrescenta à definição de Schwarz, além das expressões definidas, as expressões pronominais. Assim, para o autor, a definição de anáfora indireta foi reelaborada da seguinte forma:

No caso da Anáfora Indireta, trata-se de expressões definidas [e expressões pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2001, p. 223).

Assim, os referentes são introduzidos no texto através de âncoras⁵, como se já fossem conhecidos, uma vez que se relacionam indireta ou associativamente com elementos presentes no contexto e/ou em nosso conhecimento de mundo. Dito de outra forma por Koch (2003, p. 107):

trata-se de formas nominais que se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, o que permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais, possibilitando [...] a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.

Nos inquieta a aparente contradição residida no fato de que um processo anafórico possa introduzir um novo referente, uma vez que esta é função caracterizadora do processo de IR.

Em (14), embora levando-se em consideração toda a complexidade dos aspectos sociocognitivo-discursivos, parece ser que não haveria outra possibilidade interpretativa senão a de que *ele* retoma diretamente o referente construído pela expressão referencial *o menino*, tratando-se, assim, de um processo de *anáfora direta*.

No entanto, a partir desta perspectiva sociocognitivo-discursiva, percebemos que, às vezes, o que parece ser um claro exemplo de anáfora direta, na verdade, não é. O que geralmente ocorre é que o referente é introduzido por uma expressão referencial, remetido praticamente pela mesma expressão referencial, mas, na verdade, se analisarmos mais profundamente, notamos como vai-se atribuindo-lhe mais características ao referente, de modo que este vai sendo “recategorizado”, ou modificado, ao longo do processo de progressão textual. Isso, talvez, nos remeta ao fato de que anáfora seja um mecanismo de progressão textual (KOCH e MARCUSCHI, 1998). Assim, sob esta perspectiva, podemos

⁵ Ver MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

afirmar que as noções de remissão e retomada não bastam para a distinção categórica entre anáfora direta e indireta, uma vez que percebemos processos de remissão em processos considerados, tradicionalmente, como anáfora direta. Vejamos o seguinte exemplo:

(15) Quis sentar-se **num banco do jardim**, porque na verdade não sentia a chuva e não se importava com o frio. Só mesmo um pouco de medo, porque ainda não resolvera o caminho a tomar. **O banco** seria um ponto de repouso. (LISPECTOR, “Fuga”, *apud* CIULLA E SILVA, 2008, p. 49)

No exemplo (15), o referente “um banco do jardim” é introduzido por uma expressão nominal indefinida, uma vez que ele ainda não faz parte da memória discursiva do interlocutor. No final, é *retomado* por uma expressão nominal definida “o banco”, porém, apesar de inicialmente parecer que o “banco do jardim” seria qualquer um, ele, ao ser “retomado” aparentemente por um processo de anáfora direta, passa a ser um lugar de repouso para o personagem. Em outras palavras, podemos concluir que em (15) há um processo de *anáfora indireta*, uma vez que, mesmo utilizando-se da mesma expressão linguística “banco”, o “banco do jardim” do início deixa de ser um mero “banco de jardim” e passa a ser um lugar de repouso no final; assim, embora o referente seja o mesmo, ele ganha uma característica a mais, o que nos faz concluir que temos uma remissão ao referente – e não uma retomada, portanto, um processo de anáfora indireta – e não direta. Quando determinado referente é introduzido durante o processo de progressão textual-discursivo, vai-se atribuindo-lhe explícita ou implicitamente certas características a tal referente, de modo que percebe-se a presença de um processo de recategorização do referente durante a progressão textual-discursiva. Para Ciulla e Silva (2008, p. 50)

mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maior parte das vezes, pois, normalmente o entorno discursivo é trabalhado no sentido de fazer evoluir os objetos, modificando-os. Destacamos com estas observações que, a questão de que mesmo nas anáforas correferenciais, de um modo geral, há transformações do objeto e, por isso, dizer que elas recuperam *diretamente* o objeto nem sempre nos parece adequado.

A introdução referencial, como já expressei, é tradicionalmente definida “quando um objeto for considerado novo no contexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento no texto” (CAVALCANTE, 2004, p. 2) Não obstante, tanto os processos de reconhecimento *novo/velho* como *engatilhado/não-engatilhado* se dão na situação de interação e na relação interlocutor-texto, de modo que resulta complexo preestabelecer uma

classificação que contemple todas as situações de enunciação. Assim, ao nosso ver, parece evidente o caráter fluido da relação entre a *anáfora* e a *introdução referencial*, de maneira que uma classificação relativamente adequada só será possível se se considerar todos os aspectos sociocognitivos, discursivos e culturais que permeiam a situação de enunciação.

Adotamos, como critério de classificação, o exposto no conceito de referente: se o referente é construído pela primeira vez na mente do interlocutor, tratar-se-á de um processo de IR; a situação de comunicação, os conhecimentos prévios do interlocutor, inclusive em aspectos culturais, serão definitivos para tal classificação. Se, por outro lado, o referente já introduzido é retomado ou remitido, temos um caso de anáfora. Deste modo, tratamos de resolver o problemático espaço de interseção entre tais processos e estabelecer uma espécie de fronteira entre eles. Se o referente é uma construção mental, a classificação do processo referencial estará estreitamente relacionada a como se dá tal construção.

Quando Koch (2003) define anáfora indireta, afirma que conhecimentos, dos mais diversos tipos na memória dos interlocutores, são mobilizados para que referentes já construídos sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais. Para a mobilização desses conhecimentos, âncoras são responsáveis por fazer a ponte entre o que é informação dada e nova informação, num processo de referenciação implícito/indireto que demanda a ativação dos conhecimentos prévios de cada indivíduo para a sua interpretação. Segundo a autora, “a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste [...] em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva” (KOCH, 2009, p.59). A autora ilustra sua ideia com o seguinte exemplo:

(16) Há alguns anos, *as pichações* que passaram a borrar casas, edifícios e monumentos de São Paulo – e de outras grandes cidades brasileiras – começaram a ganhar características novas. Pode-se questionar se políticas apenas representativas são a melhor forma de enfrentar o problema – ainda que, neste quesito elementar, *o poder público* pareça complacente, já que, conforme reportagem, *as gangues* reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores para atividades menos predatórias.
Fonte: Exemplo retirado de Koch (2004, grifo nosso).

Lima (2017), ao analisar o exemplo de Koch (2004), afirma que a expressão nominal definida *as gangues* é uma anáfora indireta, pois, antes de sua menção no contexto, não há nenhum elemento explícito que estabeleça uma relação direta com ela. No entanto, há uma relação indireta com a palavra *pichações*, âncora responsável por tornar o texto coerente. Ao nosso ver, se assumimos que há tal relação entre *gangues* e *pichações*, resulta fácil aceitar

relações entre outros referentes introduzidos por expressões referenciais, e *pichações*; por exemplo, é possível ver relação entre *poder público* e *pichações* (em (16)), uma vez que quando o referente de *poder público* é introduzido, é logo associado ao “problema” das *pichações*. Deste modo, de forma similar ao que acontece na relação *gangues-pichações*, nada impediria classificar a relação entre *poder público* e *pichações* como anafórica, uma vez que é possível perceber que, em *poder público*, “há uma relação indireta com a palavra “pichações”, âncora responsável por tornar o texto coerente” (LIMA, 2017).

Percebemos a relação indireta entre *gangues* e *pichações*, no entanto, parece-nos muito mais evidente e explícito a introdução de um novo referente, nestes casos, que pareceria ser mais adequado nomear tal processo como *introdução referencial ancorada*, uma vez que é muito mais provável e explícita a introdução referencial do que um processo anafórico, embora reconheçamos e aceitemos a possibilidade de interpretação por este último.

Como já expressei nesta dissertação, entre as características da anáfora indireta apresentadas por Schwarz (2000) e outros pesquisadores, destacaremos: 1) a presença de uma âncora; 2) a introdução de um novo referente. Aqui, permitimo-nos realizar outra breve reflexão: como vimos, segundo Cavalcante *et. al.* (2014), o referente é construção mental, algo abstrato, geralmente instável. Sendo o referente construção mental e considerando a mente inerente à existência de um indivíduo, sujeito discursivo, concluímos que somente o interlocutor (portador de uma mente) poderá ser capaz de reconhecer (ou não) a presença de uma âncora, de modo que a característica 1 (presença de uma âncora), do que se conhece como anáfora indireta, está no nível do possível; por outro lado, parece inexistir a possibilidade interpretativa de que não haja introdução de um novo referente em todos os casos analisados e utilizados para ilustrar o que se conhece como anáfora indireta. Assim, como já expressei, pareceria ser mais adequado que se nomeasse tal fenômeno (o que se conhece como anáfora indireta) como *introdução referencial ancorada* (caso haja o reconhecimento de uma âncora por parte do interlocutor). Se por outro lado, o interlocutor não consegue perceber a presença de uma âncora, estar-se-ia diante de um processo de *introdução referencial pura*. Evidentemente que reconhecemos a simplicidade com a qual tratamos o complexo tema, no entanto, cremos pertinente a questão levantada. Para Pereira (2015, p. 25):

o processo anafórico independe de critérios formais e semânticos, pois o que possibilita o acesso ao referente, e, conseqüentemente, a interpretação da anáfora são as inferências realizadas e/ou o percurso cognitivo elaborado para suas realizações.

Concordamos, ainda, com Pereira (2015, p.23) quando afirma que “a busca pela delimitação de fronteiras definicionais entre os processos anafóricos ainda está em andamento, pois ainda há muito que refletir sobre o tema”.

Marcuschi (2001, p.217), em sua tentativa de ilustrar o tipo de continuidade referencial promovida por anafóricos responsáveis pela remissão, mas não a retomada de um referente, apresenta o seguinte exemplo:

(17) Essa história começa com uma família que vai a **uma ilha** passar suas férias. [...] Quando amanheceu eles foram ver como estava **o barco**, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. (grifo nosso)

Ferrari (2014) afirma que, no exemplo anterior, a expressão referencial “o barco” é responsável pela ativação de um novo referente, cuja introdução está ancorada em um elemento presente no co(n)texto, entre outros que configuram esse modelo textual: o referente “uma ilha”. Segundo a autora, trata-se, portanto, de um caso de anáfora indireta, pois não se tem uma retomada entre o anafórico e seu antecedente, e sim uma remissão. Não obstante, parece-nos evidente que a relação entre *o barco* e *uma ilha* é mais distante do que em *as pichações* e *as gangues* (do exemplo (17)), de modo que tal remissão de *o barco* a *uma ilha* é questionável. Em outras palavras, considerando o referente como construção mental, neste caso, nada garante que a construção do referente de *o barco* de alguma forma remeta ao referente de *uma ilha*. Ademais, poderíamos inferir que, sendo assim, qualquer expressão nominal definida introduzida depois de *uma ilha* teria uma relação anafórica com esta. Não obstante, é (quase) inquestionável como a expressão referencial *o barco* introduz um novo referente de forma que, novamente, preferiríamos nomear tal processo como *introdução referencial ancorada* (neste caso, ancorada em *uma ilha*) a anáfora indireta.

Vejamos este outro exemplo:

(18) No metrô parisiense, há algum tempo, um anúncio publicitário. Vê-se **um casal** abraçado. **Ele a** tem em seus braços, deitada (citado por APOTHELÓZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.260, grifos nossos)

Paradigmaticamente, um casal é composto por um homem e uma mulher, de modo que a expressão *ele* retomaria diretamente o homem enquanto que a expressão *a* retomaria diretamente a mulher. Assim, ter-se-iam, claramente, dois casos de anáfora direta. No entanto, para um interlocutor que tenha “duas mulheres” como modelo paradigmático de casal, ao construir o referente da expressão *um casal*, provavelmente, construirá mentalmente dois

objetos de discurso: duas mulheres. Ademais, provavelmente, a menção das expressões referenciais *ele* e *a* (pronome *a*), neste caso, para este interlocutor, terá um caráter de surpresa, o que fará com que ele reconstrua mentalmente um dos objetos de discurso que compuseram o referente da expressão referencial *um casal*. Assim, ter-se-ia uma reconstrução de um dos objetos de discurso, uma introdução de um novo referente (*um homem*) ancorada no referente da expressão *um casal*, de modo que, novamente, estaríamos diante de um caso de *introdução referencial ancorada*. Este caso ilustra algo, quiçá ainda não discutido na literatura acerca dos processos referenciais: a possibilidade de que pronomes introduzam novos referentes.

Para Pereira (2015, p. 16):

Vista dessa maneira, a referência não está “nas expressões”, mas é construída através delas em conjunto com os outros fatores do entorno discursivo. Assim, consideramos que o processo anafórico é, na verdade, parte dos processos referenciais, já que a sua determinação não depende exclusivamente das expressões em si, mas do uso dessas expressões e de como podemos interpretá-las.

Ainda tratando da complexa relação entre os processos de retomada (anáfora direta) e remissão (anáfora indireta), Cavalcante (2011, p. 8) afirma que

[...] é na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências *socioculturais* que construímos uma representação – sempre *instável* – dessas entidades a que se denominam *referentes*.

Desta forma, retomando, em certa medida, nossa discussão apresentada no início desta seção, analisemos com mais detalhe o exemplo (13).

(13) En un país en guerra había **un rey** que causaba miedo... (GUTIÉRREZ & TRUJILLO, 2007, p.50)

Em primeiro lugar, conforme expresso por Cavalcante (2011, p. 8), fatores *socioculturais* podem influenciar na construção de um referente, de modo que, em (13), o referente de *un rey* pode ser construído, por exemplo, *com uma coroa* em uma cultura, ou *sem uma coroa* em outra cultura. O fator cultural influenciaria fortemente na construção deste referente.

Em segundo lugar, se construímos uma representação e se esta representação é sempre *instável* (conforme CAVALCANTE, 2011, p. 8), isso implica dizer que o referente de *un rey*

pode ser construído mentalmente pelo interlocutor A com uma coroa e pelo interlocutor B sem uma coroa. Assim sendo, quando a expressão referencial *a coroa* seja expressa explicitamente no cotexto, no primeiro caso (para o Interlocutor A) se dará um caso de **anáfora direta**, uma vez que a expressão referencial *uma coroa* somente estaria retomando diretamente o referente “*coroa*”, já construído mentalmente por este interlocutor no momento da construção do referente de *un rey*. Por outro lado, no segundo caso (para o interlocutor B), teríamos algo relativamente complexo a discutir: se interpretarmos este segundo caso como anáfora indireta, estaríamos assumindo que o referente *uma coroa* estaria fazendo remissão a *un rey*. Desta forma, parece ser que, como já expressei nesta dissertação, qualquer expressão definida, introduzida no cotexto depois de uma introdução referencial explícita, seria um caso de anáfora indireta. O problema que se plantea aqui é que se se classifica tal processo como anáfora indireta, assume-se que, de alguma forma, há algum tipo de remissão, no entanto, também, como já expressei nesta dissertação, nada garante que haja, de fato, tal remissão, uma vez que este processo acontece na mente, em um nível meramente abstrato, e é o interlocutor que, de fato, poderá (ou não) realizar tal remissão. Desse modo, concordamos com Pereira (2015, p. 27) quando afirma que

Os aspectos cognitivos envolvidos no ato da inferência são complexos devido a sua relatividade. Essa inferência necessária à interpretação das anáforas depende de diversos fatores, como conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, aspectos sociais, interacionais, dentre outros. O que queremos dizer é que um referente pode ser acessível para um falante, mas, para outro falante da mesma língua, com todas as condições necessárias à interpretação, pode não ser.

Já para Ciulla e Silva (2008, p.70),

[...] o que pode acontecer em algumas situações, porém, é que esse conhecimento prévio é ou pode ser ativado de maneira mais/menos sutil ou de maneira mais/menos solicitada, [...] E é também levando em conta essa gradação que pretendemos situar a introdução referencial em relação à anáfora, e não sempre como uma dicotomia.

Assim sendo, concluímos que a complexidade da classificação de tais processos referenciais está relacionada, sobretudo, ao fato de que a construção destes referentes acontece em um nível cognitivo, mental.

Em primeiro lugar, vimos que o processo de construção de referentes se dá na mente, portanto, corroboramos com Cavalcante (2011) quando afirma que é algo abstrato, imaterial,

além de explicitar a dificuldade de uma classificação adequada dos processos referenciais. Tal dificuldade se dá, na verdade, devido à tentativa de entender as expressões referenciais como elementos de contorno bem definidos e pré-estabelecidos, numa tentativa de classificação que parece deixar de lado fatores sociocognitivos discursivos e interacionais (KOCH e MARCUCSCHI, 1998)

Em segundo lugar, concordamos com Lima (2017, p.56) quando afirma que “podemos dizer que a base para a interpretação das anáforas são as relações semânticas e os conhecimentos que cada indivíduo carrega”. Deste modo, uma classificação adequada dos processos referenciais dependerá não só do co(n)texto, mas de diversos outros de aspectos sociocognitivo discursivos, como conhecimentos de mundo, enciclopédico e linguístico dos participantes do ato de interação, e o contexto sócio-histórico, e, sobretudo, do fato de conceber-se os referentes como construções mentais.

A interpretação de uma expressão referencial não está limitada a ela mesma, pois sua compreensão depende de diversos elementos que vão desde o material linguístico até o conhecimento de mundo compartilhado. (PEREIRA, 2015, p.21).

Também, concordamos com Ciulla e Silva (2008, p.70) quando assume que os limites entre IR, anáforas e dêixis são fluidos e afirma que a determinação dos processos referenciais, dessa forma, depende do uso das expressões e de como podemos interpretá-las, como numa espécie de jogo, em que, de um lado, está o enunciador, que fornece pistas e indica um caminho e, de outro, o seu interlocutor, que reconhece traços e constrói sua versão (CIULLA E SILVA, 2008, p. 70). A autora afirma ainda que

as anáforas podem ter uma fonte mais ou menos explícita, que pode ou não ser reconhecida pelo interlocutor, e que pode ou não ser essencial para que o referente seja construído; no caso de a fonte não ser reconhecida, trata-se de uma introdução referencial. Isso sugere, no mínimo, duas coisas: em primeiro lugar, que as introduções referenciais devem ser vistas não em termos absolutos mas em termos relativos de graus de conhecimento sobre o que é dado e o que é novo; em segundo lugar que, nesse caso, um mesmo processo pode ser interpretado de maneiras diferentes por diferentes interlocutores, pois, para cada um, a quantidade e o tipo de informação pode variar também no que diz respeito ao aspecto velho/novo. (CIULLA E SILVA, 2008, p. 70)

Finalmente, podemos explicitar que a complexidade dos processos referenciais se deve ao fato de se conceber os referentes como construções mentais. Assim, sendo os referentes construções mentais e sendo os fenômenos que acontecem em nossa mente relativamente

complexos, resulta fácil aceitar a complexidade de uma classificação adequada e unânime dos processos referenciais, uma vez que estes estão estreitamente relacionados à forma como se dá a construção de referentes. Todas estas possibilidades interpretativas ousadas e inovadoras só serão possíveis se se conceber o referente como construção mental e atribuir-se a mente a um sujeito discursivo (o interlocutor), e não pela ótica de um enunciador, como é feito nas classificações tradicionais.

Ao nosso ver, considerando o referente como construção mental, e considerando que uma mente está associada a um ser biológico (a um interlocutor), concluímos que quem realiza a construção dos referentes é ninguém menos que, o interlocutor, evidentemente, levando em conta diversos fatores sociocognitivos discursivos (intenção comunicativa do enunciador, ponto de vista do enunciador, contexto sociodiscursivo, domínios e papéis sociais, etc.), sobretudo suas experiências socioculturais. Deste modo, a classificação do processo referencial será diferente, segundo o interlocutor, ou seja, é o interlocutor quem poderá classificar adequadamente o processo referencial.

Realizadas estas breves provocações/reflexões acerca da tênue fronteira entres os diversos processos referenciais, faz-se necessário tratar do gênero analisado nesta pesquisa: a parábola.

2.4. A Parábola

A linguagem usada nas mais diversas esferas da atividade humana deu lugar à aparição de *tipos relativamente estáveis* de enunciados, com características próprias, definidos não só por aspectos formais, mas também por aspectos sociocomunicativos e funcionais, entendidos por Bakhtin (1997) como gêneros do discurso. Para o autor,

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissociavelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Ou seja, os enunciados vão sendo utilizados pelos seres humanos nos mais diversos contextos e, por eles, vão se estabilizando tanto formal como funcionalmente. Assim, surgem os gêneros discursivos. Para considerarmos parábola um gênero discursivo, assumimos que tais enunciados refletem as condições específicas e as finalidades da esfera social nas quais foram produzidos.

De acordo com o *Theological dictionary of the New Testament* (1967), o vocábulo *parábolé* deriva do verbo *parabollo* que, por sua vez, é uma forma composta dos seguintes segmentos: a) o prefixo *pará*, que significa, em português, *lado a lado, ao lado de, ao longo de* (cf. Novo Dicionário da Língua Portuguesa), e b) *ballo*, verbo cujo significado pode ser traduzido ao português como *jogar, trazer, colocar*. Daí teríamos, então, a composição, *colocar lado a lado com, manter ao lado, jogar para*. Parece ser que este foi o percurso que a língua grega encontrou para culminar com o conceito de *comparar*, uma vez que, para que duas coisas possam ser comparadas, o que se faz é colocá-las uma ao lado da outra para que se perceba suas características semelhantes e diferentes. (SANT'ANNA, 2010).

Bueno (1974, p. 825) diz que parábola é “narração alegórica que encerra uma doutrina moral”. Para Moisés (1999, p. 385), parábola é

[...] uma narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra sua estrutura diamétrica. Distingue-se das outras duas formas literárias pelo fato de ser protagonizada por seres humanos. Vizinha da alegoria, a parábola, comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas: numa prosa altamente metafórica e hermética, veicula um saber apenas acessível aos iniciados. Com quanto se possam arrolar exemplos profanos, a parábola semelha exclusiva da Bíblia, onde são encontradas em abundância: o Filho Pródigo, A Ovelha Perdida, O bom Samaritano, O Lázaro e o Rico.

De acordo com a Enciclopédia Barsa, parábola trata-se de “uma composição semelhante à fábula e ao apólogo, constituindo estas três de finalidade moralista. É uma narrativa curta, na qual os personagens são seres humanos, diferentemente da fábula em que se costumam usar animais personificados, e do apólogo em que tomam vida os objetos inanimados” (BARSA, 1975, p. 256-D). Coutinho (1989), na enciclopédia da Literatura Brasileira, define parábola como

Narrativa curta, destinada a veicular princípios morais, religiosos ou verdades gerais, mediante comparação com acontecimentos correntes, ilustrativos, usando seres humanos. É assim relacionada à fábula e à alegoria. Exemplos clássicos estão na Bíblia, como a Parábola do Filho Pródigo e a do Bom Samaritano (COUTINHO, 1989, p.72)

Segundo o DRAE (Dicionário da Real Academia Espanhola), parábola é “narração de um acontecimento fingido de que se deduz, por comparação ou semelhança, uma verdade importante ou um ensinamento moral”⁶ (DRAE, 30-04-2018, tradução nossa). Por outro lado, para Tavares (1974), parábola é

[...] uma narrativa curta de sentido alegórico e moral. Nas parábolas não se encontram os animais, essencialmente falando, como nas fábulas, nem os seres inanimados, como nos apólogos. Entram apenas acidentalmente, pois a medida direta da parábola é o homem e sua destinação transcendente. Nas fábulas e apólogos os bichos e as coisas referem-se indiretamente aos homens contendo lições quase sempre críticas e satíricas. Nas parábolas, os ensinamentos procuram ser mais profundos e menos pragmáticos como nas duas outras espécies alegóricas. Melhores exemplos de parábolas não encontramos não encontramos do que as que deixou Jesus no Novo testamento, como a do Filho Pródigo, a do bom Samaritano, a do Semeador etc. (TAVARES, 1974, p.178)

Numa abordagem mais literária, Kayser (1958) observa que se fala de parábolas quando todos os elementos de uma ação, exposta ao leitor, refere-se, ao mesmo tempo, a uma outra série de objetos e processos. A clara compreensão da ação do primeiro plano elucidada, por comparação, sobre a maneira de ser da outra. A rigidez na construção de uma parábola provém da intenção didática. Os exemplos mais conhecidos são as parábolas da Bíblia (“O reino dos céus é como um semeador[...]”). Como parábola, num sentido mais restrito, entende-se uma forma literária que, no todo, contém uma comparação. (KAYSER, 1958, p.131)

As Parábolas são entendidas como histórias de estrutura composicional curta e objetiva tem como foco transmitir ensinamentos e normalmente, eles são aplicados a comparações da vida real com elementos comuns à época em que foram escritas. Os ensinamentos transmitidos são os mais variados, mas, normalmente, vemos ensinamentos ligados à moral e virtudes, à sabedoria e também à religião e a doutrina. (LAVISIO & BARBOSA, 2016, p. 51)

Depois de haver confrontado diversos conceitos para o vocábulo *parábola*, Arantes (2006) apresenta cinco aspectos comuns que caracterizam tal gênero, a saber: a) narrativa curta de sentido alegórico; b) protagonizada por seres humanos; c) construída por meio de uma comparação; d) tem a finalidade de veicular um ensinamento moral de caráter profundo e

⁶ Narración de un suceso fingido de que se deduce, por comparación o semejanza, una verdad importante o una enseñanza moral (DRAE, acessado em 30-04-2018)

transcendente; e) os textos mais clássicos são de origem bíblica. *No corpus* analisado pela pesquisadora, entre tais características, a terceira e a quarta estão mais presentes, sendo, assim, fundamentais na estrutura do gênero.

Permitimo-nos realizar duas críticas ao processo de classificação dos exemplares nos gêneros realizado por Arantes (2006) em sua investigação:

1. Afirma-se nos conceitos analisados que uma das características da parábola é que os **protagonistas** são seres humanos. No entanto, em sua obra, a autora analisa os “tipos de **personagens**” e não os protagonistas, uma vez que sabemos que nem todo personagem é protagonista. Isto, evidentemente, influenciou na conclusão à qual chega a autora com relação à classificação dos exemplares nos gêneros, de acordo com o tipo de personagens.
2. A autora afirma que “para classificar os textos do *corpus* como apólogo, fábula ou parábola utilizamos a classificação *a priori* dada pela comunidade discursiva, pela sociedade, pela cultura” (ARANTES, 2006, p.102). Isso implica na escassa (ou talvez nula) presença de critérios para classificação dos exemplares do *corpus*.

Para nossa análise, um texto será considerado um exemplar de *parábola* quando seja uma a) narrativa curta de sentido alegórico; b) protagonizada por seres humanos; c) construída por meio de uma comparação; d) e que tenha a finalidade de veicular um ensinamento moral.

No que concerne à estrutura da parábola, à sua forma na evidência do seu estilo, segundo Cerqueira & Torga (2014), uma de suas características fundamentais é a predominância do tipo textual narrativo, que, por sua vez, possui elementos como fato, personagens, temporalidade, conflito, solução, tempo e espaço, e se caracteriza por ser uma história passível de ser contada, ou seja, constitui uma forma de *épos* – gênero literário que o autor apresenta oralmente para um público a escutá-lo. Geralmente, são narrativas extremamente breves e isto se relaciona ao fato de que pode ser considerada uma narrativa secundária, no sentido de que se encontra entretecida no corpo de outra construção discursiva. Por tratar-se de narrativa curta, pode ser contada em diálogos e discursos públicos e, então, estabelecer uma estratégia comunicativa com objetivos definidos.

De acordo com Sant’anna (2010), a parábola apresenta os personagens, o tempo e o espaço sem reproduzir ou copiar a realidade dita sensível. Em outras palavras, os personagens são apresentados sem nomes próprios, sem a individualidade marcada por essa distinção, o que gera maior identificação com o público, além de, geralmente, serem identificados como lavradores, fazendeiros, juízes, reis, servos, pais, filhos e demais tipos sociais. Logo, é o direcionamento dos elementos composicionais do discurso que delineiam, indiretamente, o

perfil tipificado de cada um. Na categoria do espaço, este, também, geralmente é representado sem especificidades de localizações ou qualquer indício de reconhecimento de um lugar específico na realidade extraliterária, e, quando ocorre a menção a locais determinados, trata-se de um recurso artístico para evocar sentimentos adequados à narrativa. Finalmente, com relação ao tempo, em geral, não há correspondências históricas e se caracteriza pela ausência de perspectivas cronológicas, prospectivas ou retrospectivas. (CERQUEIRA & TORGA, 2014)

Como um gênero literário, a parábola divide-se, segundo Sant'Anna (1998), em duas versões: a antiga e a moderna. As narrativas denominadas como parábolas antigas são caracterizadas pelas parábolas de Jesus, expressas pela Bíblia, no Novo Testamento. Já as narrativas parabólicas modernas são representadas pelos textos da Literatura Moderna e Contemporânea. Por outro lado, não há como conceber nenhuma manifestação linguística fora do campo dos gêneros discursivos. Assim, é ínfimo afirmar, hoje, que a parábola seja somente um gênero literário, pois além de não servir só ao meio cultural e artístico, conseguimos identificar, nela as características de um gênero discursivo apontadas por Bakhtin para que um gênero seja, de fato, um gênero.

As abordagens das parábolas são de inspiração do cotidiano da sociedade, assuntos que exigem reflexão e que possuem um caráter moral. Camargo (1954), de acordo com explicação de Sant'Anna (2010), ao desenvolver um estudo sobre o tema das parábolas, propôs duas maneiras de construção para ele, a forma rudimentar e a forma mais complexa e elaborada da temática.

Quando se leem as expressões forma rudimentar e forma elaborada em relação à construção parabólica, deve-se entender que se está tratando do material que fará parte do tema da narrativa; por um lado, quando se tratar de alguma matéria que tem um referente direto na natureza ou na rotina da vida, falar-se-á de uma forma rudimentar; por outro lado, quando se tratar de uma matéria que se apresente como produto da imaginação, ter-se-á uma forma complexa e elaborada. (SANT'ANNA, 2010, p. 153).

Ao analisarmos a composição estrutural de uma parábola, constatamos que se trata de uma narrativa breve, justificada pelo fato de objetivar passar um ensinamento, o que não permite a escrita de textos longos e exaustivos. Ressaltamos, ainda, que embora os personagens parabólicos sejam representados por seres humanos, em algumas parábolas, encontramos a presença de animais ou objetos, entretanto, eles não ocupam a posição principal, são apenas colaboradores para a ação central. Na parábola “Los dos halcones” (ver página 28), por exemplo, a presença dos animais (los halcones) não é o foco. O centro da

parábola está na ação do *campesino*, ser humano. Assim, como já expressei, ao ser protagonizada por seres humanos, a parábola não define seus personagens com nomes próprios, tampouco atribui, a eles, características psicológicas individualizantes, como já expressei. Assim, em termos estruturais, não há descrições pormenorizadas de personagens, pois, em geral, os personagens apresentam caracterizações representativas de determinados grupos sociais, não havendo a focalização de único indivíduo, mas de uma coletividade.

Ademais, como já reiteradamente expressei, a parábola é uma narrativa breve, de caráter dramático em sua estrutura. Apresenta, sempre, uma moral implícita no corpo do texto, de caráter mais universal. O tempo da narrativa não é marcado cronologicamente e não há correspondências históricas que possam defini-lo exatamente; assim, o tempo passado e o tempo presente são os tempos das narrativas parabólicas; as figuras de linguagem são usadas com certa frequência nas parábolas, principalmente a metáfora e a comparação. A presença de adjetivação constante ao comparar atitudes, comportamentos, modos de vida, colabora para a intensificação do sentido alegórico que a parábola objetiva transmitir; há abundância de artigos indefinidos que não apontam para uma situação específica, levando o interlocutor a imaginar uma situação que se encaixe para a sua vida. Com relação ao contexto de produção, hoje, a parábola é um texto voltado para a circulação em diferentes esferas, sendo encontrada desde as mais simples, como a do cotidiano, até as mais complexas, como a literária, a religiosa, a acadêmica e a jurídica.

Expostos brevemente as características do gênero analisado nesta pesquisa, apresentaremos os aspectos metodológicos adotados para a realização da mesma.

3 METODOLOGIA

Uma vez exposto o referencial teórico, base para nossa dissertação, passamos a discorrer, nesta seção, sobre a abordagem metodológica adotada em nossa pesquisa. Organizamos esta seção em duas subseções: primeiro tratamos da caracterização da pesquisa, seção na qual classificamos o método adotado e, segundo, discorreremos sobre o método de procedimento, seção que se divide nos seguintes subitens: 1. Delimitação do Universo – onde descrevemos o *corpus* utilizado na análise; 2. Categorias de análise – onde apontamos quais os critérios adotados durante a observação dos textos que delinearão os resultados da pesquisa; 3. Procedimentos de coleta – onde descrevemos a seleção e organização do *corpus*; 4. Procedimentos de análise – onde indicamos o passo a passo do referencial teórico para testar as hipóteses levantadas.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Além de uma pesquisa bibliográfica, realizamos uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, que, para Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.79), é aquela na qual se registra, analisa fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. Adotamos o método hipotético-dedutivo, no qual, a partir de um processo de inferência dedutiva, testamos qualitativamente as ocorrências dos processos de IR e anáfora no gênero escolhido, além de analisar o fenômeno da recategorização.

3.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO

3.2.1 Delimitação do Universo

O *corpus* escolhido constitui-se de onze parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca* de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo. Uma vez escolhido o *corpus*, traduzimos à língua portuguesa e contextualizamos os exemplares de parábola, identificamos e descrevemos todos os processos de IR e anáfora presentes, para logo analisá-los, à luz do referencial teórico, de modo a averiguar como os referentes são construídos de maneira que o gênero cumpra seu propósito basilar de veicular a “moral da história”. Assim, durante o processo de análise, consideraremos toda expressão linguística (referencial ou não [elemento verbal]), e inclusive elementos sociocognitivo discursivos,

sempre associando o processo de construção de referentes ao propósito comunicativo do gênero em análise.

3.2.2. Categorias de Análise

Com relação às IRs, apresentamos uma adaptação do quadro proposto por Silva (2013) que nos elencará as categorias a serem analisadas; no entanto, considerando que os exemplares do gênero parábola com os quais trabalharemos não possuem linguagem visual nem verbo-visual, não ajuizaremos as formas de apresentação do referente por meio destas “linguagens”:

Quadro 3 – Formas e funções das IRs adaptado de Silva (2013)

Formas	Funções
1. Menção do referente por meio de expressão referencial; 2. Marcas intertextuais na inauguração de referentes no texto/ discurso; 3. Apresentação por expressão recategorizadora	1. inaugurar os referentes no texto/discurso 2. orientar o ponto de vista desde o título e ao longo do texto 3. encapsular porções textuais 4. causar “estranhamento” inicial sobre o referente, fazendo o leitor buscar, durante a leitura, a confirmação de quem é o objeto citado nas palavras e/ou imagens utilizadas no gênero textual.

Fonte: Adaptado de Silva (2013, p.79)

Quanto aos processos anafóricos, consideramos todo o referencial teórico abordado a partir dos conceitos oriundos da literatura da área, sobretudo Marcuschi (2000), Schwarz (2000), Cavalcante (2001), levamos em consideração Pereira (2015) que analisou as funções discursivas dos processos anafóricos em quatro gêneros: notícias, anúncios publicitários, artigo de opinião e piada. Novamente, considerando a ausência de elementos não-verbais nos exemplares do gênero parábola analisados em nossa pesquisa, não levamos em consideração as funções discursivas tratadas por Pereira (2015) que abordam estes elementos; ademais, como a *dêixis* não foi objeto de análise desta investigação, tampouco consideramos as funções discursivas atribuídas por Pereira (2015) a este fenômeno. Assim, chegamos ao seguinte quadro:

Quadro 4 – Funções discursivas dos processos anafóricos nos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada

Gênero	Processo Referencial	Funções Discursivas
Notícia	Anáforas Diretas	- manter o tópico discursivo; - destacar um referente no discurso; - promover a progressão textual.
	Anáforas Indiretas	- inserir subtópico no discurso.
	Anáforas Encapsuladoras	- sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.
Anúncio	Anáforas Diretas	- destacar um referente no discurso. - relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais. - manter o tópico discursivo
	Anáforas Indiretas	- promover duplo sentido. - relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais; - promover uma recuperação prospectiva - engajar o leitor no texto - promover o nome da empresa - recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial
	Anáforas Encapsuladoras	- ativar referentes novos - resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional. - sintetizar uma ideia
Artigo de opinião	Anáforas Diretas	- manter o tópico discursivo; - promover a progressão textual; - destacar um referente no discurso; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor;
	Anáforas Indiretas	- recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial; - promover a progressão textual; - engajar o leitor no texto; - retomar um referente através de emissão de juízo de valor; - estabelecer viés argumentativo; - inserir subtópico no discurso; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor;
	Anáforas Encapsuladoras	- resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional; - ativar referentes novos; - sintetizar uma ideia; - enumerar referentes de forma prospectiva; - promover progressão textual; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor;

Piada	Anáforas Diretas	<ul style="list-style-type: none"> - manter o tópico discursivo; - destacar referentes no discurso; - promover o humor; - promover quebra de expectativa; - promover a progressão textual;
	Anáforas Indiretas	<ul style="list-style-type: none"> - manter o tópico discursivo; - promover a progressão textual; - inserir subtópico no discurso; - promover quebra de expectativa; - estabelecer relação de causa-consequência; - relacionar referentes dispersos no discurso; - inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor; - promover o humor; - recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial; - estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo; - aproximar o leitor do texto; - recategorizar um referente;
	Anáforas Encapsuladoras	<ul style="list-style-type: none"> - resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional; - promover quebra de expectativa; - manter o tópico discursivo; - sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso; - ativar referentes novos de forma prospectiva; - ativar referentes novos de forma prospectiva; - atribuir características ao referente; - promover humor;

Fonte: Adaptado de Pereira (2015)

A partir deste quadro já adaptado, elaboramos; um outro que elenca as funções discursivas por processo referencial, sem fazer a repetição das mesmas:

Quadro 5 – Funções discursivas das IRs adaptado de Silva (2013) e dos processos anafóricos adaptado de Pereira (2015)

Funções discursivas dos processos referenciais			
Introdução referencial	Anáfora Direta	Anáfora Indireta	Anáfora Encapsuladora
<ul style="list-style-type: none"> - inaugurar os referentes no texto/discurso - orientar o ponto de vista desde o título e ao longo do 	<ul style="list-style-type: none"> - manter o tópico discursivo; - destacar um referente no discurso; - promover a 	<ul style="list-style-type: none"> - inserir subtópico no discurso; - promover a progressão textual; - promover duplo 	<ul style="list-style-type: none"> - sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional; - ativar referentes novos; - sintetizar uma ideia;

<p>texto;</p> <ul style="list-style-type: none"> - encapsular porções textuais; - causar “estranhamento” inicial sobre o referente, fazendo o leitor buscar, durante a leitura, a confirmação de quem é o objeto citado nas palavras e/ou imagens utilizadas no gênero textual. 	<p>progressão textual;</p> <ul style="list-style-type: none"> - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor; - promover o humor; - promover quebra de expectativa; 	<p>sentido;</p> <ul style="list-style-type: none"> - promover uma recuperação prospectiva; - engajar o leitor no texto; - recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial; - retomar um referente através de emissão de juízo de valor; - estabelecer viés argumentativo; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor; - manter o tópico discursivo; - promover quebra de expectativa; - estabelecer relação de causa-consequência; - relacionar referentes dispersos no discurso; - inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor; - promover o humor; - estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo; - aproximar o leitor do texto; - recategorizar um referente; 	<ul style="list-style-type: none"> - enumerar referentes de forma prospectiva; - promover progressão textual; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor; - promover quebra de expectativa; - manter o tópico discursivo; - sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso; - ativar referentes novos de forma prospectiva; - atribuir características ao referente; - promover humor;
---	---	---	--

Fonte: adaptado de Silva (2013) e Pereira (2015)

Como podemos observar, este quadro sintetiza as funções discursivas das IRs encontradas por Silva (2013), dos processos anafóricos, encontradas por Pereira (2015). Esta, ao analisar o trabalho de Ciulla e Silva (2008), conclui que sua principal contribuição “não foi a de criar um novo quadro de funções, mas, sim, a de suscitar a ideia de que existem funções específicas em um gênero”. (PEREIRA, 2015, p.180).

3.2.3 Procedimentos de coleta

Os dois volumes da obra *La culpa es de la vaca* possuem exemplares de vários gêneros, e segundo consta na própria capa, estes são: *anécdotas*, *parábolas*, *fábulas* e *reflexiones*. Realizamos a leitura minuciosa de todos os textos, para então, de acordo com as características apresentadas na seção *Parábola* desta dissertação, agrupar somente os exemplares que materializassem o gênero a ser analisado: *parábola*. Depois, preparamos um arquivo em *Word* com as onze parábolas encontradas e a partir de então iniciamos nossa análise propriamente dita.

3.2.4 Procedimentos de análise

Definidos os textos, as categorias de análise e realizada a coleta, passamos à análise dos textos. O primeiro passo consistiu em, a partir de uma leitura minuciosa e detalhada dos exemplares, identificar e classificar todos os processos de IR e Anáfora. Repetimos este processo várias vezes de modo a que nenhum destes processos referenciais deixassem de ser contemplados.

Uma vez identificados e classificados os processos referenciais, passamos à análise das formas e funções de acordo com as categorias analíticas. Novamente, por tratar-se de uma análise qualitativa, repetimos tal procedimento inúmeras vezes, sempre averiguando a relação *processo referencial X propósito comunicativo do gênero*, uma vez que este era um dos principais objetivos nosso. Assim, consideramos toda expressão linguística (referencial ou não [elemento verbal]), e outros aspectos da construção textual (propósito comunicativo do enunciador, contexto, pontos de vista, etc.), sempre associando os processos referenciais em análise (IR e Anáfora) ao propósito comunicativo do gênero em análise. Finalmente, apresentamos os principais resultados encontrados, no próximo e último capítulo deste trabalho.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Trataremos agora da análise dos onze exemplares do gênero coletados para a nossa pesquisa que apresentarão as características discutidas nos tópicos anteriores, com o intuito de testar no *corpus* selecionado as categorias de análise. Primeiro, faremos um resumo do enredo e depois exporemos o texto original; logo identificaremos os principais referentes da narrativa para depois classificar os processos referenciais encontrados relacionando como tais processos contribuem para a moral da história.

Vemos como o exemplo (5) traz como ensinamento que mesmo nos momentos onde parece não haver saída, é possível que a encontremos; que por mais difícil que se nos apresente uma situação, nunca deixemos de buscar a saída, nem de lutar até o último momento; em momentos de crise, só a imaginação é mais importante que o conhecimento. Vejamos:

(5)

	1. El juicio	1. O julgamento
1	Cuenta una antigua leyenda que en la	Conta uma antiga lenda que na Idade
2	Edad Media un hombre muy virtuoso fue	Média um homem muito virtuoso foi
3	injustamente acusado de asesinato. El	injustamente acusado de assassinato. O culpado
4	culpable era una persona muy influyente del	era uma pessoa muito influente do reino, por isso
5	reino, y por eso desde el primer momento se	desde o primeiro momento procurou achar um
6	procuró hallar un chivo expiatorio para	bode expiatório para encobri-lo.
7	encubrirlo.	O homem foi levado ao julgamento e
8	El hombre fue llevado a juicio y	compreendeu que teria escassas oportunidades de
9	comprendió que tendría escasas	escapar da força. O juiz, embora também estava
10	oportunidades de escapar a la horca. El juez,	confabulado, cuidou de manter todas as
11	aunque también estaba confabulado, se cuidó	aparências de um julgamento justo. Por isso,
12	de mantener todas las apariencias de un	disse ao acusado: “conhecendo tua fama de
13	juicio justo. Por eso le dijo al acusado:	homem justo, vou deixar tua sorte nas mãos de
14	“conociendo tu fama de hombre justo, voy a	Deus: escreverei em dois papéis separados as
15	dejar tu suerte en manos de Dios: escribiré en	palavras <i>culpado</i> e <i>inocente</i> . Você escolherá e
16	dos papeles separados las palabras <i>culpable</i> e	será a Providência a que decida o teu destino”.
17	<i>inocente</i> . Tú escogerás y será la Providencia	Evidentemente, o perverso funcionário
18	la que decida tu destino”.	havia preparado dois papéis com a mesma
19	Por supuesto, el perverso funcionario	palavra: <i>culpado</i> . A vítima mesmo sem conhecer
20	había preparado dos papeles con la misma	os detalhes, se deu conta de que o sistema era
21	leyenda: culpable. La víctima aun sin	uma armadilha. Quando o juiz ordenou tomar um
22	conocer los detalles, se dio cuenta de que el	dos papéis, o homem respirou profundamente e
23	sistema era una trampa. Cuando el juez la	permaneceu em silêncio uns segundos com os
24	conminó a tomar uno de los papeles, el	olhos fechados. Quando a sala começava a ficar
25	hombre respiró profundamente y permaneció	impaciente, abriu os olhos e com um sorriso,
26	en silencio unos segundos con los ojos	pegou um dos papéis, meteu na boca e o engoliu

<p>27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40</p>	<p>cerrados. Cuando la sala comenzaba ya a impacientarse, abrió los ojos y con una sonrisa, tomó uno de los papeles, se metió a la boca y lo engulló rápidamente. Sorprendidos e indignados, los presentes le reprocharon.</p> <p>- Pero, ¿qué ha hecho? ¿Ahora cómo diablos vamos a saber el veredicto?</p> <p>- Es muy sencillo, - replicó el hombre - es cuestión de leer el papel que queda y sabremos lo que decía el que me tragué.</p> <p>Con ira y coraje debieron liberar al acusado y jamás volvieron a molestarlo.</p> <p><i>“Por más difícil que se nos presente una situación, nunca dejemos de buscar la salida, ni de luchar hasta el último momento. Em momentos de crisis, solo la imaginación es más importante que el conocimiento.”</i> Albert Einstein</p>	<p>rapidamente. Surpreendidos e indignados, os presentes disseram:</p> <p>- Mas o que foi que você fez? Agora como diabos vamos saber o veredito?</p> <p>- É muito simples, - disse o homem – é questão de ler o papel que fica e saberemos o que dizia o que eu engoli.</p> <p>Com ira e raiva deveram liberar o acusado e jamais voltaram a incomodá-lo.</p> <p><i>“Por mais difícil que se nos apresente uma situação, nunca deixemos de buscar a saída, nem de lutar até o último momento. Em momento de crise, só a imaginação é mais importante que o conhecimento”.</i> Albert Einstein</p>
--	---	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 43 e 44.

No exemplo (5), menção da expressão *el culpable* (o culpado - lin. 3 e 4) com artigo definido nos leva a associar sua referência à da expressão *asesinato* (assassinato), uma vez que em todo *asesinato* (assassinato) deve haver um *culpable* (culpado), de modo que este processo referencial configurar-se-ia com o que Marsuschy (2003) e Cavalcante (2014) denominam de anáfora indireta. O mesmo acontece com a expressão *el juez* (o juiz - l. 10), que está claramente associada ao referente introduzido pela expressão referencial que intitula o exemplo (5), uma vez que não se poderia ter um *juicio* (julgamento) sem um *juez* (juiz). *El culpable* (o culpado - lin. 3 e 4) e *el juez* (o juiz - lin.10) além de *manter o tópico discursivo, promovem a progressão textual*.

A expressão *una persona muy influyente del reino* (uma pessoa muito influente do reino), que parece introduzir um novo referente, apenas recategoriza o referente homologado pela expressão *el culpable* (o culpado), que deixa de ser simplesmente um *culpable* (culpado) e passa a ser *una persona muy influyente del reino* (uma pessoa muito influente do reino);

A menção da expressão *un chivo expiatorio* (um bode expiatório) provoca no interlocutor uma expectativa de que um outro referente tome características deste (seja através de um processo anafórico ou de IR), de forma que durante o processamento textual, uma vez confirmada esta relação, se dê um processo de recategorização deste (novo ou velho) referente

que, além de ser o que a forma como será referido expressa, será também *un chivo expiatorio* (um bode expiatório). Em (5), *un chivo expiatorio* (um bode expiatório - lin.6), em um primeiro momento introduz um novo referente; logo, durante a progressão textual seu referente será atribuído a um outro, novo (se através de um processo de IR) ou velho (se através de um processo anafórico). Neste caso, embora não explicitado no cotexto, a partir da pista “*injustamente acusado*” e, durante o processo de leitura, o interlocutor confirmará que o *hombre muy virtuoso* foi o *chivo expiatorio*; a partir deste momento, ter-se-ia uma recategorização do referente da expressão *un hombre muy virtuoso* que passaria a ser *un chivo expiatorio*. Deste modo, concebido como IR o processo apresentado pela expressão *un chivo expiatorio* (lin.6) cumpre a função proposta por Silva (2013, p. 118) de “‘estranhamento’ inicial sobre o referente, fazendo o leitor buscar, durante a leitura, a confirmação de quem é o objeto citado nas palavras e/ou imagens utilizadas no gênero textual”; por outro lado, concebido como anáfora o processo apresentado pela expressão *un chivo expiatorio* (lin.6) apresenta a função de *engajar o leitor no texto*.

Vários fatores implicam na construção de referentes, e como vimos a referenciação se caracteriza, entre outros pontos, por ser uma atividade socio-cognitivo-discursiva. Considerando isto, observamos que existe a possibilidade de que alguns referentes sejam não só construídos socio-cognitivamente sem menção de expressão referencial (ver Custódio Filho (2011)) mas também, recategorizados socio-cognitivamente, sem menção de expressão referencial, a partir de referentes já introduzidos no cotexto e expressos no contexto; vejamos, por exemplo, como é possível que o interlocutor recategorize o referente introduzido pela expressão expressa no título do exemplo (5) como um “*juicio no justo*” (julgamento não justo), a partir de pistas linguísticas como a expressão *confabulado* e a expressão *apariencias*, esta última associada a *de un juicio justo*.

A recategorização do referente de *dos papeles* (dois papéis - lin. 16) é imprescindível para a construção adequada de um dos sentidos do texto, e supostamente requerido pelo enunciador, e conseqüente cumprimento do propósito basilar do gênero, de veicular um ensinamento. Observamos como *los dos papeles* (os dois papéis) com palavras diferentes (*culpable* e *inocente*) passam a ter a mesma palavra, *culpable* (culpado), e a partir desta recategorização-chave o interlocutor poderá **conceber** que tanto *el papel que queda* (o papel que ficou - lin. 36-37) como *el que me tragué* (o que eu engoli - lin. 37-38) possuem a mesma sentença: *culpable* (culpado); de maneira que todos os que não sabiam da trama deduzirão que o papel que *el hombre* (o homem) tirou (expresso pela expressão *uno de los papeles* (um dos papéis - lin. 24) e logo retomado pelo pronome *lo* (o - lin.30)) e logo engoliu, e que

representaria sua sentença, teria que ser o que possuía a palavra *inocente*, uma vez que o papel que sobrou possuía a palavra *culpable*.

Com relação às anáforas indiretas ancoradas na expressão que intitula o exemplo (5), temos: *el culpable* (o culpado - lin. 3-4), *asesinato* (assassinato - lin. 3), *la horca* (a forca - lin. 10), *el juez* (o juiz - lin. 10), *los presentes* (os presentes - lin. 31) e *el veredicto* (o veredito - lin. 34).

A expressão *el perverso funcionario* (lin. 19) retoma e recategoriza o referente *el juez* (lin. 10); *el sistema* (lin. 22-23) retoma e recategoriza *el juicio* (no título); *Dios* (Deus - lin. 15) passa a ser *la Providencia* (lin. 17-18); todas estas anáforas diretas, ao nosso ver, cumprem a função de *promover a progressão textual*. O referente *un hombre muy virtuoso* é inicialmente categorizado como *el hombre* (o homem), logo passa a ser *el acusado* (o acusado - lin. 13) e depois *la víctima* (a vítima – lin. 21). Notamos ainda como ao final da parábola tal referente volta a ser categorizado como *el hombre* (o homem - linhas 24-25 e 35-36) e, ainda, novamente, como *el acusado* (o acusado - lin. 39-40).

Quadro 6 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (5)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>El juicio</i>	<i>Juicio</i> (lin. 8)/ <i>El sistema</i> (lin. 22-23)/ <i>Una trampa</i> (lin. 23)
<i>El juez</i>	<i>El perverso funcionario</i> (lin. 19) / <i>El juez</i> (lin. 23)
<i>Un hombre muy virtuoso</i>	<i>El hombre</i> (lin. 8) / <i>El acusado</i> (lin. 13) / <i>La víctima</i> (lin. 21) / <i>El hombre</i> (lin. 24-25) / <i>El hombre</i> (lin. 35-36) / <i>El acusado</i> (lin. 39-40)

Fonte: elaboração própria

Em (19), aprendemos que não importa quão belos e fascinantes sejam os problemas que aparecem em nossas vidas, estes devem ser enfrentados e resolvidos. Vejamos:

(19)

	2. El Problema	2. O problema
1	Un gran maestro y un guardián	Um grande mestre e um guardião
2	compartían la administración de un	compartilhavam a administração de um
3	monasterio zen. Cierta día el guardián murió,	monastério zen. Certo dia o guardião morreu, e
4	y había que sustituirlo. El gran maestro	havia que o substituir. O grande mestre reuniu
5	reunió a todos sus discípulos, para escoger a	todos os seus discípulos para escolher quem teria
6	quien tendría ese honor. “Voy a presentarles	essa honra. “Vou lhes apresentar um problema –
7	un problema – dijo –. Aquel que lo resuelva	disse. Aquele que o resolva primeiro será o novo
8	primero será el nuevo guardián del templo”.	guardião do templo”. Trouxe ao centro da sala
9	Trajo al centro de la sala un banco, puso	um banco, colocou sobre este um enorme e
10	sobre este un enorme y hermoso florero de	bonito vaso de porcelana com uma bonita rosa
11	porcelana con una hermosa rosa roja y	

<p>12 señaló: “Este es el problema”.</p> <p>13 Los discípulos contemplaban</p> <p>14 perplejos lo que veían: los diseños</p> <p>15 sofisticados y raros de la porcelana, la</p> <p>16 fresca y elegancia de la flor... ¿Qué</p> <p>17 representaba aquello? ¿Qué hacer? ¿Cuál era</p> <p>18 el enigma? Todos estaban paralizados.</p> <p>19 Después de algunos minutos, un alumno se</p> <p>20 levantó, miró al maestro y a los demás</p> <p>21 discípulos, caminó hacia el vaso con</p> <p>22 determinación, lo retiró del banco y lo puso</p> <p>23 en el suelo.</p> <p>24 “Usted es el nuevo guardián – le dijo</p> <p>25 el gran maestro, y explicó –: Yo fui muy</p> <p>26 claro, les dije que estaban delante de un</p> <p>27 problema. No importa qué tan bellos y</p> <p>28 fascinantes sean, los problemas tienen que</p> <p>29 ser resueltos. Puede tratarse de un vaso de</p> <p>30 porcelana muy raro, un bello amor que ya no</p> <p>31 tiene sentido, un camino que debemos</p> <p>32 abandonar pero que insistimos en recorrer</p> <p>33 porque nos trae comodidades. Sólo existe</p> <p>34 una forma de lidiar con los problemas:</p> <p>35 atacarlos de frente. En esos momentos no</p> <p>36 podemos tener piedad, ni dejarnos tentar por</p> <p>37 el lado fascinante que cualquier conflicto</p> <p>38 lleva consigo”.</p> <p><i>Los problemas tienen un raro efecto sobre la mayoría de nosotros: nos gusta contemplarlos, analizarlos, darles vueltas, comentarlos,... Sucede con frecuencia que comparamos nuestros problemas con los de los demás y decimos: “Su problema no es nada... ¡espere a que le cuente el mío!”</i></p> <p><i>Se ha dado en llamar “parálisis por análisis” a este proceso de contemplación e inanición. ¿Y la solución?</i></p>	<p>vermelha e disse: “Este é o problema”.</p> <p>Os discípulos contemplavam perplexos o que viam: os <i>designs</i> sofisticados e raros da porcelana, a frescura e elegância da flor... O que representava aquilo? O que fazer? Qual era o enigma? Todos estavam paralisados. Depois de alguns minutos, um aluno se levantou, olhou para o mestre e para os demais discípulos, caminhou em direção ao vaso com determinação, o retirou do banco e o colocou no chão.</p> <p>- O senhor é o novo guardião – disse-lhe o grande mestre, e explicou: Eu fui claro, disse-lhes que estavam diante de um problema. Não importa o quão belo e fascinante sejam, os problemas têm que ser resolvidos. Pode se tratar de um vaso de porcelana muito raro, um belo amor que já não tem sentido, um caminho que devemos abandonar, mas que insistimos em percorrer porque nos traz comodidades. Só existe uma forma de lidar com os problemas: atacá-los de frente. Nestes momentos não podemos ter piedade, nem nos deixar tentar pelo lado fascinante que qualquer conflito leva consigo.</p> <p><i>Os problemas têm um raro efeito sobre a maioria de nós: gostamos de contemplá-los, analisá-los, dar-lhes voltas, comentá-los,... Acontece com frequência que comparamos nossos problemas com os dos demais e dizemos: “Seu problema não é nada... espere a que eu lhe conte o meu!”</i></p> <p><i>Tem-se chamado “paralisação por análise” este processo de contemplação e inanição. E a solução?</i></p>
---	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 45 e 46.

Observamos como de forma similar à expressão *chivo expiatorio* (bode expiatório) do exemplo (5), a expressão que encabeça o título do exemplo (19), *el problema* (o problema), além de, aparentemente, introduzir um novo referente no discurso, provoca no interlocutor uma expectativa de que um outro referente tome características deste, neste caso através de uma IR, de maneira que durante o processo de leitura, uma vez confirmada esta relação, se dê um processo de recategorização deste novo referente que, além de ser o que a forma como será referido expressa, será também um *problema*. O artigo definido (*el*), característico do processo de IR, reforça esta ideia. Assim, concebido como anáfora, o processo apresentado

pela expressão *el problema* (título) apresenta a função de *engajar o leitor no texto*, uma vez que este se engajará na leitura do texto com o intuito de “descobrir” de qual problema trata a parábola.

Em (19), o *gran maestro* (o grande mestre - lin. 1) reúne todos os seus discípulos e lhe diz que ia apresentar-lhes um *problema* (lin. 7); logo, traz ao centro da sala *un banco* (um banco - lin. 10-11) e coloca sobre ele *un enorme y hermoso florero de porcelana* (um enorme e bonito vaso de porcelana) que, por sua vez, continha *una hermosa rosa roja* (um linda rosa vermelha - lin. 11). Finalmente afirma: “*Este es el problema*” (lin. 12). Durante a progressão textual, em um primeiro momento, nesta expectativa/busca pela identificação do referente que seria *el problema* (título), o interlocutor se encontra com uma primeira possibilidade: *un banco* (lin. 9); logo com a menção da expressão *un enorme y hermoso florero de porcelana con una hermosa rosa roja* (lin. 10-11) surge uma segunda possibilidade interpretativa que parece ser confirmada a partir do momento que *el gran maestro* confirma que *este es el problema*, indicando claramente que o *enorme y hermoso florero de porcelana con una hermosa rosa roja* é *el problema*. As características definicionais desse referente não coincidem com o conteúdo semântico da expressão selecionada pelo *gran maestro* para referir-se ao “jarro”, de modo que apesar de sua afirmação, ainda assim, continua no interlocutor a dúvida da confirmação do referente de *el problema* (lin. 12). Tal dúvida parece explicitar-se quando *los discípulos* (os discípulos) utilizam-se da expressão *aquello* (aquilo), cujo referente poderia ser a ação realizada pelo *gran maestro* (o que configuraria um processo de anáfora encapsuladora) ou “o jarro” (o que configuraria um processo de anáfora direta). Parece ser que, de fato, somente ao final do texto tal dúvida é sanada, quando o *gran maestro* afirma: “*Yo fui muy claro, les dije que estaban delante de un problema. No importa qué tan bellos y fascinantes sean, los problemas tienen que ser resueltos. Puede tratarse de un vaso de porcelana muy raro...*” (grifo nosso).

A expressão *sus discípulos* (seus discípulos - lin. 5) introduz um novo referente de forma ancorada ao referente de *un gran maestro* (um grande mestre), uma vez que o conteúdo semântico/conceitual da expressão *maestro* implica na existência de *discípulo(s)*, o que configura o processo de anáfora indireta com a função de *inserir subtópico no discurso*. A expressão *ese honor* (essa honra - lin. 6), através de um processo anafórico encapsulador categoriza seu referente: a substituição do guardião que havia morrido; este (o referente da expressão *ese honor*), por sua vez, não pode ser recuperado cotextualmente, embora o conteúdo semântico da expressão *sustituir* (substituir - lin. 4) claramente dá margem à possibilidade de sua construção. *La sala* (a sala - lin 9) introduz um novo referente de forma

ancorada ao referente de *un monasterio zen* (lin. 2-3), uma vez que o conteúdo semântico/conceitual da expressão *monasterio* implica na possibilidade de existência de *sala(s)*, o que configura, novamente, um processo de anáfora indireta com a função de *insertar subtópico no discurso*. Observamos, ainda, a aparente impossibilidade de recuperação cotextual do referente da expressão *el enigma* (o enigma - lin 18), que está claramente no universo discursivo, assim como o referente de *los problemas* (lin. 28); com relação a *el enigma* (lin 18), tal expressão poderia referir-se ao “‘problema’ de reconhecer qual é o ‘problema’”.

Em (19), observamos a escassez de recategorizações referenciais lexicais; somente *el vaso* (lin 21) recategoriza *el florero* (lin. 10). A maioria dos referentes introduzidos em (19) são retomados pela mesma expressão referencial que os introduziu, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 7 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (19)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>Un problema</i> (lin. 7)	<i>el problema</i> (título) / <i>lo</i> (lin. 7) / <i>un problema</i> (lin. 26-27)
<i>Un gran maestro</i> (lin. 1)	<i>El gran maestro</i> (lin. 4) / <i>al maestro</i> (lin. 20) / <i>el gran maestro</i> (lin. 25)
<i>un guardián</i> (lin. 1)	<i>el guardián</i> (lin. 3) / <i>lo</i> (lin. 4)
<i>sus discípulos</i> (lin. 5)	<i>los discípulos</i> (lin. 13)
<i>un banco</i> (lin. 9)	<i>el banco</i> (lin. 22)
<i>un enorme y hermoso florero de porcelana con una hermosa rosa roja</i> (lin. 10-11)	<i>el vaso</i> (lin. 21) / <i>lo</i> (lin. 22) / <i>lo</i> (lin. 22)

Fonte: elaboração própria

O exemplo (20) nos ensina que ser humilde e ter tempo para conversar e conviver em família tem muito mais valor que qualquer bem material desta existência. Vejamos:

(20)

	3. Fortunas del campo	3. Bênçãos do campo
1	Cierta vez un acaudalado padre de	Certa vez um rico pai de família levou
2	familia llevó a su hijo a un viaje por el	seu filho para uma viagem pelo campo com o
3	campo con el firme propósito de que este	firme propósito de que este visse o quão pobres
4	viera cuán pobres eran ciertas personas y	eram certas pessoas e compreendesse o valor das
5	comprendiera el valor de las cosas y lo	coisas e o abençoado que eram eles. Estiveram
6	afortunados que eran ellos. Estuvieron un día	um dia e uma noite na fazenda de uma família
7	y una noche en la granja de una familia	camponesa muito humilde. Ao concluir a

<p>8 campesina muy humilde. Al concluir el viaje, 9 ya de regreso en casa, le preguntó a su hijo: 10 — ¿Qué te pareció el viaje? 11 — ¡Muy bonito, papá! 12 — ¿Viste qué tan pobre y necesitada 13 puede ser la gente? 14 — Sí. 15 — ¿Y qué aprendiste? 16 — Vi que nosotros tenemos un perro 17 en casa, ellos tienen cuatro. Nosotros 18 tenemos una piscina de veinticinco metros, 19 ellos un riachuelo sin fin. Nosotros tenemos 20 lámparas importadas en el patio, ellos tienen 21 las estrellas. Nuestro patio llega hasta el 22 muro de la casa, el de ellos hasta el 23 horizonte. Especialmente, papá, vi que ellos 24 tienen tiempo para conversar y convivir en 25 familia. Tú y mi mamá deben trabajar todo el 26 tiempo y casi nunca los veo. 27 El padre se quedó mudo y el niño 28 agregó: 29 — Gracias, papá, por enseñarme lo 30 ricos que podríamos llegar a ser.</p>	<p>viagem, já de regresso em casa, perguntou a seu filho: — O que você achou da viagem? — Muito bonita, papai. — Você viu que tão pobre e necessitada podem ser as pessoas? — Sim. — E o que você aprendeu? — Vi que nós temos um cachorro em casa, eles têm quatro. Nós temos uma piscina de vinte e cinco metros, eles um riacho sem fim. Nós temos lâmpadas importadas no quintal, eles têm as estrelas. Nosso quintal chega até o muro da casa, o deles até o horizonte. Especialmente, papai, vi que eles têm tempo para conversar e conviver em família. Você e minha mãe devem trabalhar todo o tempo e quase nunca os vejo. O pai ficou mudo e o filho acrescentou? — Obrigado, papai, por me ensinar o quão rico poderíamos chegar a ser.</p>
---	---

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 62 e 63.

Mais uma vez, observamos como a expressão linguística *Fortunas del campo* (Bênçãos do campo - título) provoca no interlocutor uma expectativa de que uma outra expressão linguística “introduza um novo referente” e que este seja atribuído ao referente da expressão *Fortunas del campo* de modo que, ao nosso ver, esta expressão caracterizaria uma introdução Referencial Recategorizadora. Em (20), somente no final do texto é possível, de fato, identificar quais seriam as *fortunas del campo*⁷. Por outro lado, concebido como anáfora, o processo apresentado pela expressão *fortunas del campo* (título) apresenta a função de *engajar o leitor no texto*, uma vez que este possivelmente se engajará na leitura do texto com o intuito de “descobrir” quais seriam as *fortunas del campo*.

Observamos que para *el padre* (o pai) o referente da expressão *la gente* (as pessoas - lin. 13) eram as pessoas que compunham a *família campesina muy humilde* (família camponesa muito humilde); por outro lado, notamos que para *el hijo* (o filho), o referente da expressão *la gente* (lin. 13) era sua própria família (sua mãe, seu pai e ele mesmo). Tal relação referencial só é possível que se confirme ao final do texto quando *el hijo* lhe diz a seu

⁷ Em (20) as *fortunas del campo* seria o fato de que a *família campesina muy humilde* tinha quatro cachorros em casa, um riacho sem-fim, as estrelas para iluminar, um quintal que chegava até o horizonte e tempo para conversar e conviver em família, enquanto que a família do *hijo* tinha somente um cachorro em casa, lâmpadas importadas no quintal, este que chegava somente até o muro da casa, e não tinha tempo para desfrutar em família.

pai “*Gracias, papá, por enseñarme lo ricos que podríamos llegar a ser* (obrigado, papai, por me ensinar o quão rico poderíamos chegar a ser)”, indicando que para ele (*el hijo*), eles (sua família) eram pobres e necessitados, características apresentadas por seu pai para a expressão *la gente* (lin. 13). Deste modo, vemos como a partir de uma mesma expressão linguística pode-se construir diversos referentes, neste caso, segundo a concepção dos personagens.

Em (20), observamos novamente a escassez de recategorizações referenciais lexicais; somente *papá* (papai - líneas 11 e 23) recategoriza *un acaudalado padre de familia* (um rico pai de família - lin. 1) e *el niño* (o menino - lin. 27) recategoriza *su hijo* (seu filho – lin. 2). A maioria dos referentes introduzidos em (20) são retomados pela mesma expressão referencial que os introduziu, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 8 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (20)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>padre de familia</i> (lin. 1-2)	<i>papá</i> (lin. 11) / <i>el padre</i> (lin. 27) / <i>papá</i> (lin. 23)
<i>su hijo</i> (lin. 2)	<i>este</i> (lin. 3) / <i>su hijo</i> (lin. 9) / <i>el niño</i> (lin. 27)
<i>un viaje por el campo</i> (lin. 2-3)	<i>El viaje</i> (lin. 8) / <i>El viaje</i> (lin. 10)

Fonte: elaboração própria

Aprendemos em (21) que os obstáculos que aparecem em nossas vidas são oportunidades para que possamos crescer; e que muitas vezes teremos recompensas por havê-los superado. Ademais, notamos como a cadeia referencial textual é estabelecida não só a partir de diversas pistas discursivas, mas também de pista linguísticas cotextuais. Vejamos:

(21)

	4. Obstáculo en el camino	4. Obstáculo no caminho
1	Un rey puso una gran roca en medio	Um rei colocou uma grande rocha no
2	del camino, obstaculizando el paso. Luego	meio do caminho, obstaculizando a passagem.
3	se escondió para ver si alguien la retiraba.	Logo se escondeu para ver se alguém a retirava.
4	Los comerciantes más adinerados	Os comerciantes mais ricos do reino e
5	del reino y algunos cortesanos que pasaron	alguns cortesãos que passaram simplesmente
6	simplemente rodearon la roca. Muchos	arrodaram a rocha. Muitos culpam o rei de não
7	culparon al rey de no mantener los caminos	manter os caminhos limpos, mas ninguém fez
8	despejados, pero ninguno hizo algo para	nada para retirar o obstáculo.
9	retirar el obstáculo.	
10	Entonces llegó un campesino que	Então chegou um camponês que levava
11	llevaba una carga de verduras. La dejó en el	uma carga de verduras. Deixou-a no chão e tratou
12	piso y trató de mover la roca a un lado del	de mover a rocha para um lado do caminho.
13	camino. Después de empujar y fatigarse	Depois de empurrar e se cansar muito, o
14	mucho, lo logró. Mientras recogía su carga,	

15 16 17 18 19 20 21 22 23 24	<p>encontró una cartera en el piso, justo donde había estado la roca. Contenía muchas monedas de oro y una nota del rey, indicando que esa era la recompensa para quien despejara el camino.</p> <p>El campesino aprendió lo que los otros nunca entendieron. Cada obstáculo presenta una oportunidad para mejorar la propia condición. ¡Si alguna vez cae, levántese y siga adelante!</p>	<p>conseguiu. Enquanto recolhia a sua carga, encontrou uma carteira no chão, exatamente onde havia estado a rocha. Continha muitas moedas de ouro e uma nota do rei, indicando que era essa a recompensa para quem liberasse o caminho.</p> <p>O camponês aprendeu o que os outros nunca entenderam. Cada obstáculo apresenta uma oportunidade para melhorar a própria condição. Se alguma vez você cai, levante-se e siga adiante!</p>
--	--	---

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 79 e 80.

Novamente, de modo similar ao que aconteceu nos exemplos analisados anteriormente, em (21) a expressão de aparente introdução referencial *el obstáculo* (presente no título) provoca no interlocutor uma expectativa de que uma outra expressão linguística “introduza um novo referente” e que este seja atribuído ao referente da expressão *el obstáculo* (o obstáculo), o que configura tal processo como, a priori, uma introdução referencial recategorizadora. Observamos que o vocábulo *obstaculizando* (lin. 2) funciona como uma pista linguística a nível de cotexto que contribui na construção da relação anafórica entre *roca* (rocha - lin. 1) e *obstáculo* (título); em outras palavras, fica claro no texto que a *roca* (lin. 1) obstaculiza a passagem e, evidentemente, aquilo que obstaculiza é um obstáculo, portanto, a *roca* (lin. 1) (que obstaculiza a passagem) é o *obstáculo* (título). A partir deste momento da leitura, o interlocutor é capaz de estabelecer esta relação anafórica entre *roca* (lin. 1) e *obstáculo* (título). Ademais, ressaltamos o fato de que, também, a partir deste momento já não temos simplesmente um processo de Introdução Referencial recategorizadora mas também um processo anafórico, com função de *engajar o leitor no texto*. Tal relação é definitivamente confirmada quando, na linha 9, o sujeito enunciador escolhe a mesma expressão linguística presente no título para referir-se à *roca*.

Observamos como, uma vez introduzido o referente *un rey* (um rei - lin 1), quando *el reino* (o reino - lin 5) aparece no cotexto seu referente é logo associado ao referente de *un rey* (lin 1), uma vez que todo *reino* deve ter um *rey*. Ademais, há a possibilidade de que em *un reino* haja comerciantes, de modo que quando a expressão linguística *los comerciantes más adinerados* (os comerciantes mais ricos - lin 4) aparece no cotexto, seu referente é associado ao referente da expressão *reino* (lin 5), de modo similar ao que acontece na relação *reino-rey*. Tais fenômenos são configurados, assim, como anáforas indiretas que, além de *manter o tópico discursivo, promovem a progressão textual*.

Reconhecendo o caráter comparativo-alegórico do gênero, é possível que o interlocutor sociocognitivamente realize construções referenciais para além do explícito no cotexto; assim, *el camino* (o caminho - título) pode representar “nossa vida” e *la roca* (a rocha - lin 1) um dos muitos obstáculos que se nos apresentam; o *rey* (lin 1) poderia ser, quiçá, o “ser que guia nossas vidas”; *Los comerciantes más adinerados del reino* (lin 4) e *algunos cortesanos* (alguns cortesãos - lin 5) seriam as muitas pessoas que evitam os problemas, os arroteiam e não os enfrentam; *muchos* (muitos – lin. 6) seriam aqueles que culpam ao “ser que guia nossas vidas” de não mantê-la tranquila, sem obstáculos; o *campesino* (camponês - lin 10) seria o ser a quem deveríamos ter como exemplo ou até, nós mesmos; a *carga de verduras* (lin. 11) talvez possa representar os problemas que já temos (e levamos) em nossas vidas, o que indicaria a escolha do item lexical *carga*, supostamente não aleatória por parte do enunciador. Todas estas possíveis construções referenciais implícitas são imprescindíveis para que o gênero possa cumprir seu propósito basilar de transmitir um ensinamento.

Além da relação anafórica recategorizadora *roca-obstáculo* já tratada, vemos que *la recompensa* (lin. 18) retoma e recategoriza *muchas monedas de oro* (lin 16-17), configurando-se assim um processo de anáfora direta com a função de *promover a progressão textual*. As demais retomadas se dão por meio da mesma expressão linguística utilizada pelo enunciador para introduzir referente, o que indica, novamente, a escassez de recategorizações referenciais lexicais. Vejamos:

Quadro 9 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (21)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>un rey</i> (lin. 1)	<i>al rey</i> (lin. 7) / <i>el rey</i> (lin. 17)
<i>una gran roca</i> (lin. 1)	<i>obstáculo</i> (título) / <i>la</i> (lin. 3) / <i>la roca</i> (lin. 6) / <i>el obstáculo</i> (lin. 9) / <i>la roca</i> (lin. 12) / <i>la roca</i> (lin. 16)
<i>el camino</i> (título)	<i>el camino</i> (lin. 1) / <i>el camino</i> (lin. 19)
<i>Un campesino</i> (lin. 10)	<i>El campesino</i> (lin. 20)
<i>Una carga de verduras</i> (lin. 11)	<i>la</i> (lin. 11) / <i>su carga</i> (lin. 14)
<i>Monedas de oro</i> (lin. 16-17)	<i>La recompensa</i> (lin. 18)

Fonte: elaboração própria

O exemplo (22) nos traz como lição que é fácil perceber quando uma pessoa é “vazia”, sem conteúdo, simplesmente pelo barulho que faz, pelo seu muito falar e interromper as conversas dos outros. Também, como já expressei, vemos que o caráter comparativo-alegórico

do gênero *parábola* possibilita a construção de referentes no universo discursivo não explícitos no cotexto. Vejamos:

(22)

	5. La carreta vacía	5. A carroça vazia
1	Cierta mañana, mi padre me invitó a	Certa manhã, meu pai me convidou para
2	dar un paseo por el bosque y yo acepté con	dar um passeio pelo bosque e eu aceitei com
3	placer. Se detuvo en una curva y después de	prazer. Ele parou numa curva e depois de um
4	un pequeño silencio me preguntó:	pequeno silêncio me perguntou:
5	- Además del cantar de los pájaros,	— Além do cantar dos pássaros, você
6	¿escuchas algo?	escuta algo?
7	Agucé mis oídos y algunos segundos	Agudizei meus ouvidos e alguns
8	después le respondí:	segundos depois respondi:
9	- Estoy escuchando el ruido de una	— Estou escutando o barulho de uma
10	carreta.	carroça.
11	- Eso es -dijo mi padre-. Es una	— Exatamente — disse meu pai—. É
12	carreta vacía.	uma carroça vazia.
13	- ¿Cómo sabes que está vacía, si aún	— Como o senhor sabe que é uma
14	no la vemos? -le pregunté.	carroça vazia se ainda não a vemos?
15	Y él respondió:	— perguntei.
16	- Es muy fácil saber que una carreta	E ele respondeu:
17	está vacía, por causa del ruido. Cuanto	— É muito fácil saber que uma carroça
18	menos cargada está una carreta, mayor es el	está vazia, por causa do barulho. Quanto
19	ruido que hace.	menos
20	Me convertí en adulto y aún hoy,	carregada está uma carroça, maior é o barulho
21	cuando veo a una persona hablando	que faz.
22	demasiado, a una persona inoportuna, que	Fiquei adulto e até hoje, quando vejo uma
23	interrumpe la conversación de todo el	pessoa falando muito, uma pessoa inoportuna,
24	mundo, tengo la impresión de oír la voz de	que interrompe a conversa de todo o mundo,
25	mi padre diciendo: Cuanto menos cargada	tenho a impressão de ouvir a voz de meu pai
26	está una carreta, mayor es el ruido que hace.	dizendo: “Quanto menos carregada está uma
		carroça, maior é o barulho que faz”.

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 131 e 132.

Vemos como *la carreta* (a carroça) em uma comparação alegórica passa a ser “as pessoas”; *el ruido de la carreta* (o barulho da carroça) passa a ser, então, o barulho que fazem as pessoas; deste modo, embora não explícito no cotexto podemos, através de uma atividade sociocognitivo discursiva, perceber como a construção linguística *cuanto menos cargada está una carreta* poderia ser parafraseada/interpretada por “quanto menos conteúdo possui uma pessoa”, fazendo referência ao “vazio” que possuem muitas pessoas e como estas, em geral, produzem muito barulho, falam muito, são inoportunas, interrompem a conversa de todo o mundo. Uma vez mais, reiteramos o fato da importância destas recategorizações referenciais implícitas para a construção do(s) sentido(s) supostamente requerido(s) pelo enunciador e consequente cumprimento do propósito basilar do gênero de transmitir um ensinamento.

Em (22), observamos como o referente de *una carreta* (uma carroça - lin 10) não é o mesmo de *una carreta* (uma carroça - lin. 18) o que nos leva à conclusão básica da possibilidade de que pese a que se repita uma mesma expressão linguística no cotexto, tal expressão possa ter referentes distintos. A expressão *una carreta* (lin. 10) aparentemente introduz um novo referente; no entanto, a partir do momento que o pai afirma que se trata de uma *carreta vacía* (lin. 12) logo associamos o referente da expressão *una carreta* (lin. 10) ao da expressão que intitula o exemplo (22) passando a que tal processo se configure como uma anáfora direta, com a função de *manter o tópico discursivo e destacar um referente no discurso*. Por outro lado, vemos como *una carreta* (lin. 18) pode referir-se simplesmente a “uma carroça” em geral; mas, dificilmente associaríamos seu referente ao da expressão que intitula o exemplo (22). De igual maneira, os referentes de *una carreta* (lin 18) e *una carreta* (lin. 26) tampouco seriam associados ao referente da expressão de *una carreta* (lin. 10).

O exemplo (23) nos mostra que muitas vezes tentamos realizar algo quando somos crianças (ou jovens) e, por não haver conseguido aquilo ao qual nos propusemos, muitas vezes desistimos; e chega um dia, um terrível dia, que aceitamos nossa impotência e já não voltamos a tentar novamente; o texto nos ensina que somos capazes de romper com as correntes que nos aprisionam ao nosso passado. Analisemo-lo linguisticamente:

(23)

	6. El elefante sumiso	6. O elefante submisso
1	Quando yo era chico me encantaban	Quando eu era menino eu adorava os
2	los circos. Lo que más me gustaba eran los	circos. O que eu mais gostava era dos animais, e
3	animales, y mi preferido era el elefante.	meu preferido era o elefante. Durante a
4	Durante la función, la enorme bestia	apresentação, a enorme besta impressionava
5	impresionaba a todos por su peso, su tamaño	todos pelo seu peso, seu tamanho e sua
6	y su descomunal fuerza. Pero, después de la	descomunal força. Mas, depois da atuação e até
7	actuación y hasta un rato antes de volver al	um momento antes de voltar ao palco, a gente
8	escenario, uno podía encontrar al elefante	podia encontrar o elefante detrás da carpa
9	detrás de la carpa principal, con una pata	principal, com uma pata acorrentada a uma
10	encadenada a una pequeña estaca clavada en	pequena estaca cravada no chão. A estaca era só
11	el suelo. La estaca era sólo un minúsculo	um minúsculo pedaço de madeira, enterrado
12	pedazo de madera, apenas enterrado	superficialmente. E embora a corrente fosse
13	superficialmente. Y aunque la cadena era	grossa e poderosa, me parecia obvio que esse
14	gruesa y poderosa, me parecía obvio que ese	animal, capaz de arrancar uma árvore pela raiz,
15	animal, capaz de arrancar un árbol de cuajo,	poderia arrancar a estaca e fugir. O mistério do
16	podría arrancar la estaca y huir. El misterio	elefante era evidente: por que o elefante não
17	era evidente: ¿por qué el elefante no huía, si	fugia, se poderia arrancar a estaca com o mesmo
18	podría arrancar la estaca con el mismo	esforço que eu necessitaria para quebrar um
19	esfuerzo que yo necesitaría para romper un	fósforo? Que força misteriosa o mantinha
20	fósforo? ¿Qué fuerza misteriosa lo mantenía	amarrado?
21	atado?	
22	Tenía siete u ocho años, y todavía	Eu tinha sete ou oito anos, e ainda

<p>23 confiaba en la sabiduría de los mayores. 24 Pregunté entonces a mis padres, maestros y 25 tíos, buscando respuesta a ese misterio. No 26 obtuve una coherente. Alguien me explicó 27 que el elefante no escapaba porque estaba 28 amaestrado. Hice entonces la pregunta 29 obvia: “Y si está amaestrado, ¿por qué lo 30 encadenan?” No recuerdo haber recibido 31 ninguna explicación satisfactoria. 32 Con el tiempo olvidé el misterio del 33 elefante y de la estaca, y sólo lo recordaba 34 cuando me encontraba con personas que me 35 daban respuestas incoherentes, por salir del 36 paso, y, un par de veces, con personas que se 37 habían hecho la misma pregunta. Hasta que 38 hace unos días me encontré con una persona, 39 lo suficientemente sabia, que me dio una 40 respuesta que al fin me satisfizo: el elefante 41 no escapa porque ha estado atado a una 42 estaca parecida desde que era muy pequeño. 43 Cerré los ojos y me imaginé al 44 elefantito, con solo unos días de nacido, 45 sujeto a la estaca. Estoy seguro de que en 46 aquel momento empujó, jaló y sacudió 47 tratando de soltarse. Y a pesar de todo su 48 esfuerzo no pudo hacerlo: la estaca era muy 49 fuerte para él. Podría jurar que el primer día 50 se durmió agotado por el esfuerzo 51 infructuoso, y que al día siguiente volvió a 52 probar, y también al otro y al de más allá... 53 Hasta que un día, un terrible día, el animal 54 aceptó su impotencia y se resignó a su 55 destino. Dejó de luchar para liberarse.</p>	<p>confiava na sabedoria dos mais velhos. Perguntei então a meus pais, professores e tios, procurando resposta para este mistério. Não obtive uma coerente. Alguém me explicou que o elefante não escapava porque estava adestrado. Eu fiz, então, a pergunta óbvia: “E se está adestrado, por que o amarram?” Não lembro ter recebido nenhuma explicação satisfatória. Com o tempo esqueci do mistério do elefante e da estaca, e só lembrava disto quando eu me encontrava com pessoas que me davam respostas incoerentes, por desviar-se do assunto, e algumas vezes, com pessoas que se haviam feito a mesma pergunta. Até que alguns dias atrás me encontrei com uma pessoa, o suficientemente sabia, que me deu uma resposta que finalmente me satisfez: o elefante não porque sempre esteve amarrado a uma estaca parecida desde que era muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o elefantinho, com poucos dias de nascido, amarrado à estaca. Tenho certeza de que naquele momento, ele empurrou, puxou e sacudiu tratando de se soltar. E apesar de todos o seu esforço ele não pode fazê-lo: a estaca era muito forte para ele. Eu poderia jurar que no primeiro dia ele dormiu muito cansado pelo esforço infructuoso, e que no dia seguinte voltou a tentar, e também no outro e no outro... Até que um dia, um terrível dia, o animal aceitou sua impotência e se resignou ao seu destino. Deixou de lutar para se liberar.</p>
--	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 166 a 168.

A expressão *la enorme bestia* (a enorme besta - lin. 4) configura-se como uma anáfora direta, que retoma e recategoriza *el elefante* (título), e apresenta a função de *promover a progressão textual*, pois acrescenta ao texto uma informação nova.

A expressão *el misterio* (o mistério - lin. 16) a consideramos como uma anáfora encapsuladora, pois resume a porção textual composta pelas duas perguntas que seguem os dois pontos na linha 16. Este é um dos casos que Cavalcante (2011) consideraria como uma anáfora direta com função de anáfora encapsuladora; *directa* porque retoma prospectivamente seu referente e *encapsuladora* porque o encapsula. Esta expressão é retomada, ainda, pelas expressões *ese misterio* (esse mistério - lin. 25), *el misterio del elefante y de la estaca* (o mistério do elefante e da estaca - lin. 32-33) e *lo* (o - lin. 33).

Novamente, observamos como o processo anafórico realizado por meio de repetição da expressão linguística que introduziu um referente é um procedimento frequente e caracterizador do gênero parábola. O referente da expressão *una pequeña estaca* (uma pequena estaca - lin. 10) é retomado três vezes ao longo do texto pela mesma expressão linguística (*la estaca*): nas linhas 11, 16 e 18. Por outro lado, a expressão *una estaca parecida* (lin. 41-42), que parece retomar o referente de *una pequeña estaca* (lin. 10), na verdade introduz um novo referente; o adjetivo *parecida* parece confirmar este processo de introdução referencial. Ademais, as expressões *la estaca* (lin. 45 e lin. 48) retomam o referente introduzido pela expressão *una estaca parecida* (lin. 41-42); assim temos “duas estacas”. Desta maneira, observamos algo similar ao que já havíamos observado no exemplo (20): o fato de que uma mesma expressão linguística (neste caso, *la estaca*) possa ter referentes distintos.

Já o referente em destaque no texto (“*el elefante*”) é retomado pela mesma expressão linguística quatro vezes (nas linhas 8, 17, 27 e 40), tais anáforas diretas claramente cumprem a função de *destacar um referente no discurso*; no entanto, tal referente é recategorizado por *la enorme bestia* (a enorme besta - lin. 4), *ese animal* (esse animal - lin. 14-15), *el elefantito* (o elefantinho - lin. 43-44) e *el animal* (o animal - lin. 53), além de ser retomado pelos pronomes *lo* (o - lin. 20 e lin. 29) e *él* (ele - lin. 49).

Passando à possibilidade de construção de referentes no universo discursivo devido ao caráter comparativo-alegórico do gênero, observamos claramente que “*el elefante*” representa aquelas pessoas que ficam atadas ao seu passado; pessoas que tentaram realizar algo algumas vezes e, porque não o conseguiram, já não voltam a colocá-lo à prova novamente; “*la estaca*” claramente se refere a este “algo”, a aquilo que não conseguimos alcançar.

Através do exemplo (24) aprendemos que para consertar o mundo, para fazê-lo um lugar melhor, faz-se necessário, primeiro, consertar o ser humano, ou seja, a nós mesmos. Vejamos:

(24)

	7. Armar el mundo	7. Ajeitar o mundo
1	Un científico que vivía preocupado	Um cientista que vivia preocupado com
2	con los problemas del mundo, estaba	os problemas do mundo, estava decidido a
3	resuelto a encontrar los medios para	encontrar os meios para diminuí-los. Passava dias
4	disminuirlos. Pasaba días enteros en su	inteiros no seu laboratório, procurando resposta
5	laboratorio, buscando respuestas para sus	para suas dúvidas. Certo dia, seu filho de 7 anos
6	dudas. Cierta día, su hijo de 7 años invadió	invadiu esse santuário com a intenção de ajuda-lo
7	ese santuario con la intención de ayudarlo a	a trabalhar. O cientista, nervoso pela interrupção,

<p>8 trabajar. El científico, nervioso por la 9 interrupción, intentó hacer que el niño fuera 10 a jugar en otro sitio. Viendo que sería 11 imposible sacarlo de allí, procuró distraer su 12 atención. Arrancó la hoja de una revista en la 13 que se representaba el mundo, lo cortó en 14 varios pedazos con unas tijeras y se lo 15 entregó al niño con un rollo de cinta 16 adhesiva, diciéndole: 17 —¿Te gustan los rompecabezas? 18 Voy a darte el mundo para arreglar. Aquí 19 está, todo roto. ¡Mira si puedes arreglarlo 20 bien! 21 Calculó que al niño le llevaría días 22 recomponer el mapa. Pocas horas después, 23 oyó que lo llamaba: 24 —¡Papá, papá, lo hice! ¡Conseguí 25 terminar todo! 26 Al principio, el científico no dio 27 crédito a las palabras del niño. Era imposible 28 que, a su edad, hubiera recompuesto un 29 mapa que jamás había visto. Entonces 30 levantó los ojos de sus anotaciones, seguro 31 de que vería un trabajo digno de un niño. 32 Para su sorpresa, el mapa estaba completo: 33 todas las piezas estaban en el sitio indicado. 34 —Tú no sabías cómo es el mundo, 35 hijo, ¿cómo lo conseguiste? 36 —No sabía cómo es el mundo, pero 37 cuando arrancaste la hoja de la revista, vi 38 que por el otro lado estaba la figura de un 39 hombre. Intenté arreglar el mundo, pero no 40 lo conseguí. Fue entonces cuando le di la 41 vuelta a los recortes y empecé a arreglar el 42 hombre, que yo sabía cómo era. Al terminar, 43 volteé la hoja y vi que había arreglado el 44 mundo.</p>	<p>tentou fazer com que o menino fosse brincar em outro lugar. Vendo que seria impossível tirá-lo dali, procurou distrair a sua atenção. Arrancou a folha de uma revista na qual se representava o mundo, o cortou em vários pedaços com uma tesoura e o entregou ao menino com um rolo de fita adesiva, dizendo-lhe: — Você gosta de quebra-cabeças? Vou te dar o mundo para ajeitar. Aqui está, todo dividido. Veja se você pode ajeitá-lo bem” Calculou que o menino levaria dias em recompor o mapa. Poucas horas depois, ouviu que o chamava: — Papai, papai, o fiz! Consegui terminar tudo! No começo, o cientista não acreditou nas palavras do menino. Era impossível que, na sua idade, tivesse recomposto um mapa que jamais tinha visto. Então levantou os olhos de suas anotações, seguro de que veria um trabalho digno de uma criança. Para sua surpresa, o mapa estava completo: todas as suas peças estavam no lugar indicado. — Você não sabia como é o mundo, filho, como você conseguiu? — Não sabia como é o mundo, mas quando você arrancou a folha da revista, vi que pelo outro lado estava a figura de um homem. Tentei ajeitar o mundo, mas não o conseguí. Foi então quando eu dei a volta aos recortes e comecei a ajeitar o homem, que eu sabia como era. Ao terminar, virei a folha e vi que eu tinha ajeitado o mundo.</p>
--	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2002, pag. 173 e 174.

Iniciamos nossa análise observando que a expressão *el mundo* (título) é introduzida por um artigo definido, critério formal que aponta para um processo anafórico; assim, se consideramos que o conteúdo semântico/conceitual da expressão *el mundo* (o mundo) se encontra no conhecimento enciclopédico dos interlocutores, a relação entre a expressão e seu referente, de fato, seria anafórica, uma vez que *el mundo* simplesmente retomaria seu referente já construído no imaginário coletivo. Por outro lado, se consideramos o critério clássico de menção no cotexto, *el mundo* (título) é a expressão linguística que faz com que o interlocutor construa por primeira vez este referente, configurando, assim, tal processo como introdução referencial. Ademais, notamos que devido ao efeito polissêmico da expressão *el*

mundo resulta complexo pressupor de qual “mundo” o enunciador está tratando, e portanto, de que forma o interlocutor construirá o referente de tal expressão: 1) se as pessoas que estão no mundo; 2) se uma imagem do planeta Terra; 3) se um mapa que o representa, etc. No entanto, na linha 10, o enunciador explicita e esclarece tal questão através da menção da expressão *el mapa* (o mapa - lin. 22) que retoma o referente de *el mundo* (título). Reconhecer que *el mapa* (lin. 22) se trata do mapa-múndi e, portanto, reconhecer que, o referente de *el mapa* (lin. 22) é o mesmo de *el mundo* é imprescindível para a compreensão adequada do(s) sentido(s) do texto.

A expressão *la hoja* (a folha - lin. 12) é uma anáfora indireta ancorada em *una revista* (uma revista - lin. 12). *La hoja de la revista* (a folha da revista - lin. 37) retoma a *la hoja* (lin. 12). A expressão *un mapa que jamás había visto* (um mapa que jamais havia visto - lin. 28-29) embora introduzida por um artigo indefinido (critério formal que apontaria para a classificação do processo como introdução referencial) em realidade, possui o mesmo referente de *el mundo* (lin. 13), fato que caracteriza o processo como anáfora direta.

Vemos ainda que, a partícula *lo* com a função de pronome complemento átono aparece várias vezes ao longo do texto (nove vezes, para ser exato), com pelo menos quatro referentes distintos: 1) *lo* (lin. 7), *lo* (lin. 23) retoma o referente de *un científico* (lin. 1); 2) *lo* (lin. 11) se refere ao “filho do cientista”; 3) *lo* (lin. 13), *lo* (lin. 14) e *lo* (lin. 19) retomam diretamente o referente de *el mundo* (título); e 4) *lo* (lin. 24), *lo* (lin. 35) e *lo* (lin. 40) se refere ao fato de “*arreglar el mundo*” (ajeitar o mundo). Reconhecer os referentes destes pronomes é de suma importância para a compreensão adequada do(s) sentido(s) do texto. Por outro lado e, como já expressei, observamos como tanto *lo* (lin. 14) e *lo* (lin. 13) retomam diretamente o referente de *el mundo* (lin. 13); no entanto, vemos claramente que o referente de *lo* (lin. 14) passou por uma profunda recategorização conceitual, uma vez que já “o mundo” ao qual se refere não está mais inteiro, e sim, cortado em vários pedaços.

Observamos como *el hombre* (o homem - lin. 41-42) retoma diretamente o referente de *un hombre* (lin. 38-39). No entanto, considerando o caráter comparativo-alegórico do gênero (parábola) vemos como é possível que o interlocutor ative um outro referente para a expressão *el hombre* (lin. 41-42): o ser humano; ou seja, vemos como é possível que *el hombre*, na linha 41, já não mais se refira somente à “figura de um homem na folha de uma revista”, mas “ao ser humano, em geral”. De forma similar, observamos como é possível que *el mundo* (lin. 43-44) se refira não somente ao “mapa-múndi”, mas também às “pessoas que estão no mundo”. Estas recategorizações referenciais implícitas são cruciais para que o gênero possa cumprir seu papel basilar de transmitir um ensinamento, neste caso, entender que, para

consertar o mundo faz-se necessário primeiro “consertar” o ser humano. Vejamos o quadro síntese dos processos de anáfora direta do exemplo (24):

Quadro 10 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (24)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>un científico</i> (lin. 1)	<i>lo</i> (lin. 7) / <i>el científico</i> (lin. 8) <i>lo</i> (lin. 23) / <i>el científico</i> (lin. 26)
<i>los problemas del mundo</i> (lin. 2)	<i>los</i> (lin. 4)
<i>su laboratorio</i> (lin. 4-5)	<i>ese santuario</i> (lin. 7)
<i>su hijo</i> (lin. 6)	<i>el niño</i> (lin. 9) / <i>lo</i> (lin. 11) <i>el niño</i> (lin. 15) / <i>le</i> (lin. 16) <i>te</i> (lin. 17) – <i>te</i> (lin. 18) <i>el niño</i> (lin. 21) / <i>el niño</i> (lin. 27)
<i>el mundo</i> (título)	<i>el mundo</i> (lin. 13) / <i>lo</i> (lin. 13) <i>lo</i> (lin. 14)* / <i>el mundo</i> (lin. 18) <i>lo</i> (lin. 19) / <i>el mapa</i> (lin. 22) <i>un mapa que jamás había visto</i> (lin. 28-29) / <i>el mapa</i> (lin. 32) / <i>el mundo</i> (lin. 34)* <i>el mundo</i> (lin. 36) / <i>el mundo</i> (lin. 39) / <i>el mundo</i> (lin. 43-44)

Fonte: elaboração própria

Com o exemplo (25) aprendemos que não devemos julgar uma pessoa sem antes vê-la passar por várias etapas de sua vida, pois, às vezes, a julgamos simplesmente por vê-la quando esta está passando por um momento difícil (ou fácil); às vezes caracterizamos definitivamente a uma pessoa simplesmente pelo momento pelo qual ela está passando; aprendemos, também, que a essência do que são os homens, que vem com a vida, só pode ser medida ao final, quando este já passou por todas suas etapas. Vejamos:

(25)

	8. Las cuatro estaciones	8. As quatro estações
1	Había un hombre que tenía cuatro	Havia um homem que tinha quatro filhos.
2	hijos. Como parte de su educación, él quería	Como parte de sua educação, ele queria que eles
3	que ellos aprendieran a no juzgar a las	aprendessem a não julgar às pessoas e as coisas
4	personas y las cosas tan rápidamente como	tão rapidamente como costuma se fazer. Então,
5	suele hacerse. Entonces los envió a cada	enviou cada um, por turnos, para ver uma árvore
6	uno, por turnos, a ver un árbol de peras que	de peras que estava longe de sua casa.
7	estaba a gran distancia de su casa.	Em seu país havia estações, então o
8	En su país había estaciones, así que	primeiro filho foi em inverno; o segundo em
9	el primer hijo fue en invierno; el segundo en	primavera; o terceiro em verão e o quarto em

<p>10 primavera; el tercero en verano y el cuarto 11 en otoño. Cuando todos habían ido y 12 regresado, el padre los llamó y les pidió que 13 describieran lo que habían visto.</p> <p>14 El primer hijo dijo que el árbol era 15 horrible, giboso y retorcido, parecía seco y 16 sin vida. El segundo dijo que no, que el 17 árbol estaba cubierto de brotes verdes y 18 lleno de retoños que prometían flores. El 19 tercer hijo no estuvo de acuerdo: él dijo que 20 estaba cargado de flores, que emanaba un 21 aroma muy dulce y se veía hermoso; era el 22 árbol más lleno de gracia que jamás había 23 visto. El último de los hijos tampoco estuvo 24 de acuerdo con ninguno de ellos. Dijo que el 25 árbol estaba cargado de peras maduras, 26 lleno de savia y bienestar. Como los pájaros 27 acudían al peral para comer de los frutos 28 que se estaban marchitando, todo a su 29 alrededor se llenaba de un exquisito aroma.</p> <p>30 Entonces el padre les explicó a sus 31 hijos que todos tenían la razón, porque ellos 32 sólo habían visto una de las estaciones de la 33 vida del árbol. Y añadió que por eso no se 34 podía juzgar a una persona por sólo ver una 35 de sus temporadas: “La esencia de lo que 36 son los hombres, el placer, la tristeza, el 37 regocijo y el amor que vienen con la vida 38 sólo pueden ser medidas al final, cuando 39 todas las estaciones hayan pasado”.</p> <p><i>¿No será por esta razón que nos quedamos con una idea prefijada de una determinada “estación” de una persona, a partir de la cual la juzgamos el resto del tiempo? ¿No será que debemos entender a las personas como móviles y no como estacionarias’?</i></p>	<p>outono. Quando todos tinha ido e voltado, o pai os chamou e lhes pediu que descrevessem o que tinham visto.</p> <p>O primeiro filho disse que a árvore era horrível, gibosa e retorcida, parecia seca e sem vida. O segundo disse que não, que a árvore estava coberta de brotes verdes e cheia de galhinhos que prometiam flores. O terceiro filho não concordava: ele disse que estava carregado de flores, que emanava um aroma muito doce e se via lindo. Era a árvore mais cheia de graça que jamais tinha visto. O último dos filhos não concordou que nenhum deles. Disse que a árvore estava carregada de peras maduras, cheia de seiva e bem-estar. Como os pássaros apareciam ao peral para comer dos frutos que estava ficando murchos, tudo a seu redor se enchia de um aroma delicioso.</p> <p>Então o pai explicou a seus filhos que todos tinham razão, porque eles só tinham visto uma das estações da vida da árvore. E acrescentou que por isso não se podia julgar a uma pessoa por ver somente uma de suas temporadas: “A essência do que são os homens, o prazer, a tristeza, o regozijo e o amor que vem com a vida solo podem ser medidas ao final, quando todas as estações tenham passado”.</p> <p><i>Não será por esta razão que ficamos com uma ideia prefixada de uma determinada “estação” de uma pessoa, a partir da qual a julgamos o resto do tempo? Não será que devemos entender às pessoas como móveis e não estacionárias?</i></p>
---	---

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2007, pag. 9 e 10.

Em nossa análise, observamos que, de maneira aparentemente similar ao que acontece com a expressão *el mundo* do exemplo anterior (24), em (25) a expressão que intitula o exemplo é introduzida por um artigo definido, critério formal que aponta para um processo anafórico; por certo, se consideramos que o referente de *las cuatro estaciones* (as quatro estações) já está no imaginário coletivo, quando tal expressão aparece no cotexto, seu referente simplesmente é retomado pelo(s) interlocutor(es). Por outro lado, novamente, se consideramos o critério de menção no cotexto, a relação entre a expressão *las cuatro estaciones* (título) e seu referente é de introdução referencial uma vez que é tal expressão a que vai motivar o(s) interlocutor(es) a construir por primeira vez seu referente em sua mente.

Estaciones (estações - lin. 8) e *las estaciones* (as estações - lin. 32) parecem retomar diretamente o referente de *las cuatro estaciones* (título); no entanto, observamos que *las estaciones* (lin. 39), pese a tratar-se da mesma expressão presente na linha 32, já não retoma o referente de *las cuatro estaciones* (título), mas seu referente (“as etapas da vida pelas quais passa uma pessoa”) é construído sociocognitivamente a partir de pistas linguísticas co(n)textuais.

Ainda com relação a expressão *las cuatro estaciones* (título), cuja função é *enumerar referentes de forma prospectiva*, vemos como apesar de tratar-se de uma única expressão linguística, o numeral presente na expressão faz com que o(s) interlocutor(es) construa(m) mentalmente quatro referentes, que, por sua vez, são retomados pelas expressões *invierno* (lin. 9), *primavera* (lin. 10), *verano* (lin. 10) e *otoño* (lin. 11). De forma similar, a expressão *cuatro hijos* (quatro filhos - lin. 1-2), também com a função de *enumerar referentes de forma prospectiva*, embora se trate de uma única expressão, dá margem à construção de quatro referentes: os quatro filhos de *un hombre* (lin. 1)); estes, são retomados pelas expressões *el primer hijo* (lin. 14), *el segundo* (lin. 16), *el tercer hijo* (lin. 18-19) e *el último de los hijos* (lin. 23).

Observamos que *ellos* (eles - lin. 3) se refere aos quatro filhos; já *ellos* (eles - lin. 24) se refere aos três primeiros filhos; ao final do texto, os quatro filhos voltam a ser retomados pela expressão *ellos* (eles - lin. 31). Novamente vemos que ao longo do texto, uma mesma expressão linguística pode ter referentes distintos e, reconhecer adequadamente seus referentes, é de suma importância para a construção adequada do(s) sentido(s) do texto.

Eso (lin. 33) se configura como uma anáfora encapsuladora, pois sintetiza em uma palavra uma porção textual (neste caso, o fato de que os filhos só haviam visto uma das estações da vida da árvore). Esta expressão assume a função de *sintetizar uma ideia*, função esta inerente às características definicionais das anáforas encapsuladoras.

Notamos como o referente introduzido pela expressão *un árbol de peras* (uma árvore de peras - lin. 6) é retomado cinco vezes pelo mesmo vocábulo que o introduz (*árbol*): *el árbol* (lin. 14), *el árbol* (lin. 17), *el árbol* (lin. 22), *el árbol* (lin. 25) e *del árbol* (lin. 33); ademais, a expressão *lo que habían visto* (a que tinham visto - lin. 13) também o retoma. Tais anáforas cumprem a função de *destacar um referente no discurso*.

O referente de *un hombre* (um homem - lin. 1) é recategorizado por *el padre* (o pai - lin. 12) e *el padre* (o pai - lin. 30), além de ser retomado por *él* (ele - lin. 2).

Por fim, reconhecendo o caráter comparativo-alegórico do gênero, vemos que quando *una persona* (uma pessoa - lin. 34) aparece no cotexto, além de introduzir um novo referente,

tal expressão recategoriza sociocognitivamente o referente da expressão *un árbol* (uma árvore); em outras palavras, o referente de *una persona* (uma pessoa - lin. 34) construído pelo interlocutor é logo associado ao referente da expressão *un árbol de peras* (uma árvore de peras - lin. 6), de modo que “a árvore de peras” passa a representar sociocognitivamente “uma pessoa”; desta forma, como já mencionado, *las estaciones de la vida del árbol* (as estações da vida da árvores - lin. 32-33) passam a ser “as etapas da vida pelas quais passa uma pessoa”. Como repetidamente já expresseo em nossa análise, tais recategorizações referencias implícitas são imprescindíveis para a construção do sentido alegórico do texto e consequente cumprimento de seu propósito basilar de transmitir uma mensagem, neste caso, de que “*la esencia de lo que son los hombres, el placer, la tristeza, el regocijo y el amor que vienen con la vida solo pueden ser medidas al final, cuando todas las estaciones hayan pasado*”. Vejamos o quadro síntese dos processos de anáfora direta do exemplo (25):

Quadro 11 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (25)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>Las cuatro estaciones</i> (título)	<i>estaciones</i> (lin. 8)
<i>un hombre</i> (lin. 1)	<i>él</i> (lin. 2) / <i>el padre</i> (lin. 12) / <i>el padre</i> (lin. 30)
<i>cuatro hijos</i> (lin. 1-2)	<i>ellos</i> (lin. 3) / <i>los</i> (lin. 5) / <i>todos</i> (lin. 11) / <i>los</i> (lin. 12) / <i>les</i> (lin. 12) / <i>les</i> (lin. 30) / <i>sus hijos</i> (lin. 31) / <i>todos</i> (lin. 31) / <i>ellos</i> (lin. 31)
<i>Un árbol de peras</i> (lin. 6)	<i>lo que habían visto</i> (lin. 13) / <i>el árbol</i> (lin. 14) / <i>el árbol</i> (lin. 17) / <i>el árbol</i> (lin. 22) / <i>el árbol</i> (lin. 25) / <i>del árbol</i> (lin. 33)

Fonte: elaboração própria

Vemos como o exemplo (26) nos ensina que, às vezes, por pequenos/bobos problemas, grandes relações de amizade são desfeitas; e mesmo que um dos envolvidos em tal relação nos peça que façamos algo para acabar definitivamente com o relacionamento, nós temos, em nossas mãos, o poder de ser os responsáveis por reatá-lo. Vejamos:

(26)

	9. El puente fraterno	9. A ponte fraterna
1	Había una vez dos hermanos,	Havia uma vez dois irmãos, Tomás e
2	Tomás y Javier, que vivían uno al frente del	Javier, que moravam um a frente do outro em duas

<p>3 otro en dos casas de una hermosa campiña. 4 Por problemas pequeños, que se fueron 5 haciendo grandes con el tiempo, los 6 hermanos dejaron de hablarse y evitaban 7 cruzarse en el camino. Cierta día llegó a 8 una de las casas un carpintero y le preguntó 9 a uno de los hermanos si tendría trabajo 10 para él. Tomás le contestó: 11 —¿Ve usted esa madera que está 12 cerca de aquel riachuelo? Pues la he cortado 13 recientemente. Mi hermano Javier vive al 14 frente y, a causa de nuestra enemistad, 15 desvió ese arroyo para separarnos 16 definitivamente. Así que yo no quiero ver 17 más su casa. Le dejo el encargo de hacerme 18 una cerca muy alta que me evite la vista del 19 frente. 20 Tomás se fue al pueblo y no regresó 21 sino hasta bien entrada la noche. Cuál no 22 sería su sorpresa cuando, en vez de una 23 cerca, encontró que el hombre había hecho 24 un hermoso puente que unía las dos partes 25 de la campiña. Sin poder hablar, de pronto 26 se vio al frente de su hermano, que en ese 27 momento estaba atravesando el puente con 28 una sonrisa: 29 —Tomás, hermano mío, no puedo 30 creer que hayas sido tú el que haya hecho el 31 puente, habiendo sido yo el que te ofendió. 32 Vengo a pedirte perdón. 33 Y los dos hermanos se abrazaron. 34 Cuando Tomás se dio cuenta de que el 35 carpintero se alejaba, le dijo: 36 —Buen hombre, ¿cuánto te debo? 37 ¿Por qué no te quedas? 38 —No, gracias —contestó el 39 carpintero—. ¡Tengo muchos puentes que 40 construir!</p> <p style="text-align: center;"><i>¿Cuántas veces podemos ayudar a perdonar y servir de puentes?</i></p>	<p>casas de uma linda campina. Por problemas pequenos, que foram ficando grandes com o tempo, os irmãos deixaram de se falar e evitavam se cruzar no caminho. Certo dia chegou a uma das casas um carpinteiro e perguntou a um dos irmãos se teria trabalho para ele. Tomás lhe respondeu: — O senhor está vendo essa madeira que está perto daquele riacho? Pois eu a cortei recentemente. Meu irmão Javier mora aí na frente e, por causa de nossa inimizade, desviou esse arroyo para nos separar definitivamente. Então eu não quero ver mais sua casa. Eu lhe encarrego que me faça uma cerca muito alta que me evite a vista da frente. Tomás foi ao povoado e não voltou até bem entrada a noite. Qual não seria sua surpresa quando, em vez de uma cerca, encontrou que o homem havia feito uma bonita ponte que unia as duas partes da campina. Sem poder falar, de repente se viu à frente de seu irmão, que nesse momento estava atravessando a ponte com um sorriso: — Tomás, meu irmão, não posso acreditar que tenha sido você quem tenha construído a ponte, tendo sido eu quem te ofendeu. Venho a te pedir perdão. E os dois irmãos se abraçaram. Quando Tomás se deu conta de que o carpinteiro se distanciava, lhe disse: — Bom homem, quanto eu te devo? Porque você não fica aqui? — Não, obrigado — respondeu o carpinteiro—. Tenho muitas pontes que construir.</p> <p style="text-align: center;"><i>Quantas vezes podemos ajudar a perdoar e servir de pontes?</i></p>
---	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2007, pag. 25 e 26.

No exemplo (26), mais uma vez encontramos no título uma expressão introduzida por um artigo definido, característica formal que aponta para um processo anafórico. De fato, observamos que tal expressão, na verdade, retoma e recategoriza *un hermoso puente* (uma bonita ponte - lin. 24), esta, por sua vez seria a expressão que, de fato, introduz o referente “ponte” no texto, configurando-se assim um processo de IR. Tal fenômeno só confirma o caráter não linear da recategorização referencial já discutido por Silva & Custódio Filho (2013).

Ademais, encontramos mais uma vez, uma expressão que suscita a construção de mais de um referente: *dos hermanos* (dois irmãos - lin. 1), cuja função é *enumerar referentes de forma prospectiva*. Desta vez, estes referentes são claramente identificados por *Tomás* (lin. 2) e *Javier* (lin. 2); o primeiro é retomado por *le* (lhe - lin. 8), *Tomás* (lin. 10), *yo* (eu - lin. 16), *me* (lin. 18), *Tomás* (lin. 20), *Tomás* (lin. 29), *hermano mío* (Irmão meu - lin. 29), *Tú* (Você - lin. 30), *te* (lin. 31), *te* (lin. 32) e *Tomás* (lin. 34); por outro lado, o segundo é retomado por *Mi hermano Javier* (Meu irmão Javier - lin. 13), *su hermano* (seu irmão - lin. 26), *yo* (eu - lin. 31). Além disso, “os dois irmãos” são retomados por *los hermanos* (os irmãos - lin. 5-6) e *los dos hermanos* (os dois irmãos - lin. 33).

O referente introduzido por *un carpintero* (um carpinteiro - lin. 8), além de ser retomado por vários pronomes (*él* (ele - lin. 10), *le* (lhe - lin. 10), *usted* (o senhor - lin. 11), *le* (lhe - lin. 17), *le* (lhe - lin. 35), *te* (lin. 36)), é também recategorizado lexicalmente por *el hombre* (o homem - lin. 23) e *buen hombre* (bom homem - lin. 36), além de ser retomado duas vezes pela mesma expressão linguística que o introduz: *el carpintero* (o carpinteiro - lin. 35), *el carpintero* (o carpinteiro - lin. 39).

Considerando o caráter alegórico-comparativo do gênero observamos como a expressão *puentes* (pontes - lin. 39) parece já não mais retomar diretamente o referente de *un hermoso puente* (um bonita ponte - lin. 24), mas possibilitar a construção socio-cognitiva de um novo referente: “vários reatamentos de relações que estão rompidas”; desta forma, a proposição enunciada pelo *carpintero* ao final do texto (*¡Tengo muchos puentes que construir!* (Tenho muitas pontes que construir!)) pode ser interpretada/parafraseada por “tenho muitas relações rompidas que reestabelecer”. Como já discutido no capítulo teórico desta dissertação, tais recategorizações e, o consequente reconhecimento da “moral da história”, só faz sentido porque a partir de nossas experiências socioculturais (no mundo) temos conhecimento de que existem muitas relações de amizade rompidas por pequenos/bobos problemas. Assim, “o carpinteiro” deixa de ser simplesmente um personagem da parábola e passa a ser, além do protagonista, uma ilustração de nós mesmos, os seres humanos que, como ele, temos o poder de restabelecer relações rompidas. Vejamos o quadro síntese dos processos de anáfora direta do exemplo (26):

Quadro 12 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (26)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>dos hermanos</i> (lin. 1)	<i>Los hermanos</i> (lin. 5-6) <i>Los dos hermanos</i> (lin. 33)

<i>Tomás</i> (lin. 2)	<i>le</i> (lin. 8) / <i>Tomás</i> (lin. 10) / <i>yo</i> (lin. 16) / <i>me</i> (lin. 18) / <i>Tomás</i> (lin. 20) / <i>Tomás</i> (lin. 29) / <i>hermano mío</i> (lin. 29) / <i>Tú</i> (lin. 30) / <i>Te</i> (lin. 31) / <i>Te</i> (lin. 32) / <i>Tomás</i> (lin. 34)
<i>Javier</i> (lin. 2)	<i>Mi hermano Javier</i> (lin. 13) / <i>su hermano</i> (lin. 26) / <i>yo</i> (lin. 31)
<i>un carpintero</i> (lin. 8)	<i>él</i> (lin. 10) / <i>le</i> (lin. 10) / <i>usted</i> (lin. 11) / <i>le</i> (lin. 17) / <i>el hombre</i> (lin. 23) / <i>el carpintero</i> (lin. 35) / <i>le</i> (lin. 35) / <i>buen hombre</i> (lin. 36) / <i>te</i> (lin. 36) / <i>el carpintero</i> (lin. 39)
<i>esa madera</i> (lin. 11)	<i>la</i> (lin. 12)
<i>aquel riachuelo</i> (lin. 12)	<i>ese arroyo</i> (lin. 15)
<i>Un hermoso puente</i> (lin. 24)	<i>el puente fraterno</i> (título) / <i>el puente</i> (lin. 27) / <i>el puente</i> (lin. 31)

Fonte: elaboração própria

Em (27), aprendemos que devemos ser mais pacientes e compreensivos, devemos controlar nossos impulsos, sobretudo, em situações de ira, pois muitas vezes em tais ocasiões dizemos algo tão ofensivo a uma pessoa, que as marcas de tal ofensa são quase impossíveis de apagar; como dizia Aristóteles: “o sábio não diz tudo o que pensa, mas pensa tudo o que diz”.

Linguisticamente, nos chamou a atenção a profunda recategorização conceitual pela qual passa o referente de *una hoja de papel lisa* (uma folha de papel lisa - lin. 10); tal é a transformação que parece que se instaura um segundo referente: *una bolita* (uma bolinha - lin. 7). Vamos à análise:

(27)

	10. El papel arrugado	10. O papel amassado
1	Contaba un predicador que, cuando	Contava um pregador que, quando era
2	era niño, su carácter impulsivo lo hacía	criança, seu caráter impulsivo o fazia explodir de
3	estallar en cólera a la menor provocación.	raiva à menor provocação. Logo depois de que
4	Luego de que sucedía, casi siempre se sentía	isto acontecia, quase sempre se sentia
5	avergonzado y batallaba por pedir excusas a	envergonhado e batalhava por pedir desculpas a
6	quien había ofendido.	quem tinha ofendido.
7	Un día su maestro, que lo vio dando	Um dia seu mestre, que o viu dando
8	justificaciones después de una explosión de	justificativas depois de uma explosão de ira a um
9	ira a uno de sus compañeros de clase, lo	de seus companheiros de classe, o levou à sala de
10	llevó al salón, le entregó una hoja de papel	aula, lhe entregou uma folha de papel liso e disse:
11	lisa y le dijo:	— Amassa-o!
12	—¡Arrúgalo!	O rapaz, não sem certa surpresa, obedeceu
13	El muchacho, no sin cierta sorpresa,	

<p>14 obedeció e hizo con el papel una bolita. 15 —Ahora —volvió a decirle el 16 maestro— déjalo como estaba antes. 17 Por supuesto que no pudo dejarlo 18 como estaba. Por más que trataba, el papel 19 siempre permanecía lleno de pliegues y de 20 arrugas. Entonces el maestro remató 21 diciendo: 22 —El corazón de las personas es 23 como ese papel. La huella que dejas con tu 24 ofensa será tan difícil de borrar como esas 25 arrugas y esos pliegues. Así aprendió a ser 26 más comprensivo y más paciente, 27 recordando, cuando está a punto de estallar, 28 el ejemplo del papel arrugado.</p> <p><i>¿Recuerdas que alguien dijo una vez: «habla cuando tus palabras sean tan suaves como el silencio»? Muchas personas se jactan de ser francas, y que dicen las cosas con independencia del sentimiento de los demás. ¿No son ellas fabricantes de papeles arrugados por dondequiera que pasan?</i></p>	<p>e fez com o papel uma bolinha. — Agora —voltou a lhe dizer o mestre — deixa-o como estava antes. Lógico que ele não pode deixa-lo como estava. Por mais que tratava, o papel sempre permanecia cheio de dobras e partes amassadas. Então o mestre finalizou dizendo: — O coração das pessoas é como esse papel. A marca que você deixa com a sua ofensa será tão difícil de apagar como essas partes amassadas e dobras. Assim aprendeu a ser mais compreensivo e mais paciente, lembrando, quando está a ponto de explodir de raiva, do exemplo do papel amassado.</p> <p><i>Você lembra que alguém disse uma vez: “fala quando as tuas palavras sejam tão suaves quanto o silêncio?” Muitas pessoas se gabam de ser francas, e que dizem as coisas com independência do sentimento dos outros. Não são elas fabricantes de papéis amassados por onde passam?</i></p>
--	---

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2007, pag. 39 e 40.

Una hoja de papel lisa (Uma folha de papel lisa - lin. 10) claramente introduz um novo referente; no entanto, este é transformado no universo discursivo pela ação realizada pelo *predicador* (pregador) na linha 12; tal é a transformação que parece ser que *una bolita* (uma bolinha - lin. 14) instaure um novo referente, mesmo sabendo que se trate da mesma folha de papel, mas, esta, agora, amassada; o artigo indefinido *una* (uma) na expressão *una bolita* (uma bolinha) contribue a esta interpretação; ademais, observamos como a “folha de papel”, já amassada, é retomada por um pronome oblíquo **masculino** singular (*lo* (lin. 12)) o que nos faz concluir na recategorização implícita da “folha” por “um papel” uma vez que parece ser que *lo* (lin.12) refere-se “ao papel”; esta relação anafórica é confirmada quando o enunciador se utiliza da expressão *el papel* (o papel - lin. 14) para referir-se à “folha”. A partir de então, o papel, já amassado, é retomado duas vezes pelo mesmo pronome: *lo* (lin. 16) e *lo* (lin. 17); também, é retomado pela mesma expressão (*el papel*) na linha 18 e finalmente, recategorizado explícita e lexicalmente no título e na linha 28 pela expressão *papel arrugado* (embora tal transformação conceitual já tenha acontecido no universo discursivo).

Observamos como a força relacional dos possessivos quase sempre suscita um processo de anáfora indireta. Desta forma, vemos como *su maestro* (seu mestre - lin. 7) além de

introduzir um novo referente, o ancora no referente de *un predicador* (um pregador - lin. 1) o que caracteriza tal processo como anáfora indireta com as funções de *promover a progressão textual* e *inserir subtópico no discurso*.

No caso de (27), a comparação alegórica se explicita quando o *predicador* (o pregador) afirma que “*El corazón de las personas es como ese papel*” (o coração das pessoas é como esse papel - lin. 22-23), comparando explicitamente o coração das pessoas com o papel amassado; assim, *esas arrugas* (esse amassados - lin. 24-25) e *esos pliegues* (essas partes amassadas - lin. 25) passam a referir-se não mais às *arrugas* (amassados - lin. 20) e *pliegues* (partes amassadas - lin. 19) do papel, mas às marcas deixadas no coração de uma pessoa por uma ofensa.

Em (28) aprendemos que ser honesto mais cedo ou mais tarde nos traz recompensas, além de fazer-nos recordar o dito pelo escrito britânico William Shakespeare: “*Ningún legado es tan rico como la honestidad.*”

(28)

	11. La flor de la honradez	11. A flor da integridade
1	Se cuenta que, en la China antigua,	Conta-se que, na China antiga, um
2	un príncipe estaba próximo a ser coronado	príncipe estava muito próximo a ser coroado
3	emperador, pero, de acuerdo con la ley,	imperador, mas, de acordo com a lei, devia se
4	debía casarse antes de la ceremonia. El	casar antes da cerimônia. O príncipe decidiu fazer
5	príncipe decidió hacer un concurso entre las	um concurso entre as moças da corte para ver
6	muchachas de la corte para ver quién sería	quem seria digna de sua proposta. No dia
7	digna de su propuesta. Al día siguiente,	seguinte, anunciou que receberia em uma
8	anunció que recibiría en una celebración	celebração especial a todas as pretendentes e
9	especial a todas las pretendientes y lanzaría	lançaria um desafio.
10	un desafío.	
11	Una anciana que servía en el palacio	Uma anciã que trabalhava no palácio
12	escuchó los comentarios sobre los	escutou os comentários sobre os preparativos, e
13	preparativos, y sintió una leve tristeza	sentiu uma leve tristeza porque sabia que sua
14	porque sabía que su joven nieta tenía un	jovem neta tinha um profundo sentimento de
15	profundo sentimiento de amor por el	amor pelo príncipe. Ao chegar em casa e contar-
16	príncipe. Al llegar a la casa y contarle el plan	lhe o plano do príncipe, se assombrou ao saber
17	del príncipe, se asombró de saber que ella	que ela queria ir à celebração. Sem poder
18	quería ir a la celebración. Sin poder creerlo	acreditar lhe perguntou:
19	le preguntó:	— Minha filha, o que você vai fazer?
20	—¿Hija mía, que vas a hacer?	Todas as moças mais belas e prósperas da corte
21	Todas las muchachas más bellas y prósperas	estarão aí. Tira essa ideia insensata da cabeça. Sei
22	de la corte estarán allí. Sácate esa idea	que você deve estar sofrendo, mas não faça que o
23	insensata de la cabeza. Sé que debes estar	sofrimento vire loucura.
24	sufriendo, pero no hagas que el sufrimiento	E a neta respondeu:
25	se vuelva locura.	— Não, querida avó, não estou sofrendo
26	Y la nieta respondió:	e também não estou louca. Eu sei que jamais
27	—No, querida abuela, no estoy	serei escolhida, mas é minha oportunidade de
28	sufriendo y tampoco estoy loca. Yo sé que	estar pelo menos por alguns momentos perto do
29	jamás seré escogida, pero es mi oportunidad	

<p>30 de estar por lo menos por algunos momentos 31 cerca del príncipe. Esto me hará feliz.</p> <p>32 Llegada la noche, la joven llegó al 33 palacio. Allí estaban todas las muchachas 34 más bellas, con las más hermosas prendas, 35 las más lindas joyas y las más determinadas 36 intenciones de ganarse el favor del príncipe. 37 El joven príncipe anunció el desafío:</p> <p>38 —Daré a cada una de ustedes una 39 semilla. Aquella que me traiga la flor más 40 bella dentro de seis meses será escogida por 41 mí como mi esposa y futura emperatriz de 42 China.</p> <p>43 El tiempo pasó y la dulce joven, 4 aunque no tenía mucha habilidad en las artes 45 de la jardinería, cuidaba con mucha 46 paciencia y ternura de su semilla. Pasaron 47 tres meses y nada brotaba. La joven intentó 48 todos los métodos que conocía, pero 49 resultaron infructuosos. Cada día veía más 50 lejos su sueño, pero su amor era aún más 51 profundo. Al finalizar los seis meses nada 52 había brotado. No obstante, consciente de su 53 esfuerzo y dedicación, pero sin posibilidades 54 de ganar, la muchacha le comunicó a su 55 abuela que regresaría al palacio en la fecha y 56 hora acordadas sólo para estar cerca del 57 príncipe por unos momentos. A la hora 58 señalada ella estaba allí, con su jarro lleno de 59 tierra y sin flores, feliz por ver el hermoso 60 rostro de su amado. Todas las otras 61 pretendientes llevaban en sus macetas flores 62 en las más variadas formas y colores. El 63 príncipe observó a cada una de las 64 pretendientes con mucho cuidado y atención. 65 Después de verlas a todas, una a una, 66 anunció su conclusión: aquella bella joven 67 con su jarro sin flores sería su futura esposa. 68 Todos los presentes emitieron un gesto de 69 sorpresa. Como nadie entendía por qué razón 70 el príncipe había escogido justamente a la 71 chica que no había presentado ninguna flor, 72 explicó:</p> <p>73 —Esta joven —dijo el soberano—, 74 cultivó una flor que la hace digna de 75 convertirse en Emperatriz: la flor de la 76 honestidad. Todas las semillas que entregué 77 eran estériles.</p> <p><i>¿Es que el amor y la honestidad van juntos? ¿Qué necesidad existe de aparentar ante el ser amado lo que no somos y lo que no tenemos? ¿Qué le demostró la chica a las demás competidoras?</i></p>	<p>príncipe. Isto me fará feliz.</p> <p>Chegada a noite, a jovem chegou ao palácio. Ali estavam todas as moças mais belas, com as mais lindas roupas, as mais lindas joias e as mais determinadas intenções de ganhar o favor do príncipe. O jovem príncipe anunciou o desafio:</p> <p>— Darei a cada uma de vocês uma semente. Aquela que me traga a flor mais bela dentro de seis meses será escolhida por mim como minha esposa e futura imperatriz da China.</p> <p>O tempo passou e a doce jovem, embora não tinha muita habilidade nas artes de jardinaria, cuidava com muita paciência e ternura de sua semente. Passaram três meses e nada brotava. A jovem tentou todos os métodos que conhecia, mas resultaram infrutuosos. Cada dia via mais longe seu sonho, mas seu amor era ainda mais profundo. Ao finalizar os seis meses não tinha brotado. Não obstante, consciente de seu esforço e dedicação, mas sem possibilidades de ganhar, a moça comunicou a sua avó que regressaria ao palácio na data e hora estabelecidas só para estar perto do príncipe uns momentos. Na hora estabelecida ela estava ali, com seu jarro cheio de terra, mas sem flores, feliz por ver o lindo rosto de seu amado. Todas as outras pretendentes levavam em seus vasos flores nas mais variadas formas e cores. O príncipe observou a cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Depois de ver a todas, uma a uma, anunciou sua conclusão: aquela bela jovem com seu jarro sem flores seria sua futura esposa. Todos os presentes emitiram um gesto de surpresa. Como ninguém entendia por qual razão o príncipe tinha escolhido justamente a menina que não tinha apresentado nenhuma flor, explicou:</p> <p>— Esta jovem —disse o soberano—, cultivou uma flor que a faz digna de ser a imperatriz: a flor da integridade. Todas as sementes que entreguei eram estéreis.</p> <p><i>É que o amor e a honestidade vão juntos? Que necessidade existe de aparentar ante o ser amado o que não somos e o que não temos? O que demonstrou a moça às demais competidoras?</i></p>
--	--

Fonte: GUTIÉRREZ, J. L & TRUJILLO, M. I. B, 2007, pag. 59 a 61.

Iniciamos nossa análise com a expressão presente no título da parábola: *la flor de la honradez* (a flor da honradez). Assim como em muitos exemplos anteriores, tal expressão provoca no interlocutor uma expectativa de que um outro referente, com características apresentadas em tal expressão, seja introduzido e portanto assuma o lugar deste, em um processo não linear de anáfora direta, de modo que *la flor de la honradez* (título) somente recategorizará e retomará tal referente; em (28) este referente é expresso e introduzido cotextualmente pela expressão *una flor que la hace digna de convertirse en Emperatriz* (uma flor que a faz digna de virar Imperatriz - lin. 74-75), logo recategorizada por *la flor de la honestidad* (a flor da honestidade - lin. 75-76); parece ser que neste momento este referente é logo associado à expressão que intitula o exemplo (28), o que dá lugar, como já expresso, em um processo de recategorização anafórica não linear.

Observamos a presença de várias anáforas indiretas; algumas delas ancoradas em ações como *la ceremonia* (a cerimônia - lin. 4) ancorada em *casarse* (se casar - lin. 4) e *el sufrimiento* (o sofrimento - lin. 24) ancorada na “ação de sofrer” expressa pelo vocábulo *sufriendo* (sofrendo - lin. 24). *Los preparativos* (os preparativos - lin. 12-13), por sua vez, se ancora no referente de *la ceremonia* (a cerimônia - lin. 4). O referente de *el palacio* (o palácio - lin. 11) se ancora no referente de *un príncipe* (um príncipe - lin. 1) uma vez que sabemos que os príncipes geralmente moram em palácios. Ademais, o referente de *las muchachas de la corte* (as moças da corte -lin. 6) parece estar ancorado, também, em *un príncipe* (um príncipe - lin. 1). Novamente, considerando o caráter relacional dos possessivos, observamos como o referente de *su joven nieta* (sua jovem neta - lin. 14) ancora-se claramente no referente introduzido pela expressão *una anciana* (uma anciã - lin. 11) assim como *su semilla* (sua semente - lin. 46), por sua vez, ancora-se “na jovem” introduzida cotextualmente por *su joven nieta* (sua jovem neta - lin. 14).

Com relação a encapsulamentos, vemos que o pronome *lo* (lin. 18) retoma o fato de que a neta da anciã queria ir à celebração, mesmo tendo pouquíssimas possibilidades de vencer o desafio. Esta ação é encapsulada e recategorizada, também, pela expressão *esa idea insensata* (essa ideia insensata - lin. 22-23) que claramente cumpre a função de *sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*. O mostrativo *esto* (isto - lin. 31) encapsula a ação da jovem estar pelo menos alguns momentos perto do príncipe.

A expressão *un desafio* (um desafio - lin 10), além de introduzir um novo referente, parece ter uma função encapsuladora, uma vez que seu referente é na verdade uma grande

porção textual, explicitado nas linhas de 38 a 42. O referente de *una anciana* (uma anciã - lin. 11) é retomado pelo pronome *le* (lhe - lin. 54) além de ser recategorizado por *querida abuela* (querida avó - lin. 27) e *su abuela* (sua avó - lin. 54-55)

No que concerne, ainda, às recategorizações observamos que o referente introduzido pela expressão *un príncipe* (lin. 1) é recategorizado lexicalmente somente pelas expressões *el joven príncipe* (o jovem príncipe - lin. 37), *su amado* (seu amado - lin. 60) e *el soberano* (o soberano - lin. 73), além de ser retomado pelo pronome *mí* (mim - lin. 41). No entanto, chamamos a atenção ao fato de que tal referente é retomado oito vezes pela mesma expressão que o introduziu (*El príncipe* (lin. 5), *el príncipe* (lin. 16), *el príncipe* (lin. 17), *el príncipe* (lin. 31), *el príncipe* (lin. 36), *el príncipe* (lin. 57), *el príncipe* (lin. 63) e *el príncipe* (lin. 70)), o que nos explicita novamente a escassez de recategorizações referenciais lexicais.

Por outro lado, vemos como *su joven nieta* (sua jovem neta - lin. 14), além de introduzir um novo referente, como já mencionado, remete ao referente de *una anciana* (uma anciã - lin. 11) e seu referente é retomado por diversas outras expressões conforme podemos visualizar no quadro a seguir:

Quadro 13 - síntese de análise dos processos de anáfora direta do exemplo (28)

Expressão de IR	Expressão de anáfora direta
<i>Un príncipe</i> (lin. 1)	<i>El príncipe</i> (lin. 5) / <i>el príncipe</i> (lin. 16) / <i>el príncipe</i> (lin. 17) / <i>el príncipe</i> (lin. 31) / <i>el príncipe</i> (lin. 36) / <i>el joven príncipe</i> (lin. 37) / <i>mí</i> (lin. 41) / <i>el príncipe</i> (lin. 57) / <i>su amado</i> (lin. 60) / <i>el príncipe</i> (lin. 63) / <i>el príncipe</i> (lin. 70) / <i>el soberano</i> (lin. 73)
<i>Una celebración especial</i> (lin. 8)	<i>La celebración</i> (lin. 18)
<i>Un desafío</i> (lin. 10)	<i>El desafío</i> (lin. 37)
<i>Una anciana</i> (lin. 11)	<i>querida abuela</i> (lin. 27) / <i>le</i> (lin. 54) / <i>su abuela</i> (lin. 55)
<i>Su joven nieta</i> (lin. 14)	<i>ella</i> (lin. 17) / <i>le</i> (lin. 19) / <i>hija mía</i> (lin. 20) / <i>la nieta</i> (lin. 26) / <i>la joven</i> (lin. 32) / <i>la dulce joven</i> (lin. 43) / <i>la joven</i> (lin. 47) / <i>la muchacha</i> (lin. 54) / <i>ella</i> (lin. 58) / <i>aquella bella joven con su jarro sin flores</i> (lin. 66-67) / <i>la chica que no había presentado ninguna flor</i> (lin. 71) / <i>esta joven</i> (lin. 73)

<i>El palacio</i> (lin. 11)	<i>Palacio</i> (lin. 33) / <i>El palacio</i> (lin. 55)
-----------------------------	--

Fonte: elaboração própria

Ainda com relação ao exemplo (28), observamos que a recategorização expressa na última linha do texto pela proposição “*todas las semillas que entregué eran estériles*” (todas as sementes que entreguei eram estéreis) é chave para a construção adequada do sentido alegórico do texto e consequente cumprimento de seu propósito basilar de transmitir uma mensagem. Em outras palavras, compreender e reconhecer que todas as sementes entregues pelo príncipe eram estéreis, ou seja, não podiam dar frutos, portanto, nem flores, nos faz concluir que as flores de diferentes formas e cores levadas pelas outras pretendentes não haviam sido cultivadas a partir da semente entregue pelo príncipe; por conseguinte, todas as pretendentes trataram de enganá-lo mostrando um traço de caráter abominado: a desonestidade. Por outro lado, a filha da anciã que servia no palácio foi a única que se apresentou com seu jarro sem flores, sendo escolhida pelo príncipe para ser sua futura esposa uma vez que, segundo ele, a jovem havia cultivado “*una flor que la hace digna de convertirse en emperatriz: la flor de la honestidad*” (uma flor que a faz digna de virar Imperatriz: a flor da honestidade - lin. 75-76).

Finalizamos aqui nossas análises com o sentimento de dever cumprido, com a certeza de haver alcançado os objetivos aos quais nos propusemos ao conceber e construir este projeto.

No que concerne às formas das IRs, encontramos as já encontradas por Silva (2013); no entanto, com relação às funções deste processo, além das elencadas pelo autor observamos a função de “provocar no interlocutor a expectativa de que um ‘outro referente’ seja introduzido no cotexto, e que este tome características e seja atribuído àquele”, que ao nosso ver, se assemelha a uma função já encontrada por Pereira (2015), no entanto, para processos anafóricos: *engajar o leitor no texto*.

Enquanto, especificamente, ao processo de reelaboração dos objetos de discurso, observamos que o reconhecimento de recategorizações referenciais implícitas é imprescindível para a construção do sentido alegórico do gênero e consequente cumprimento de seu propósito basilar de transmitir uma mensagem. Assim, cremos haver alcançado o objetivo ao qual nos propusemos inicialmente, de averiguar a relação entre os processos referenciais e o propósito comunicativo do gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de identificar e descrever todos os processos de Introdução Referencial (IR) e Anáfora presentes no gênero parábola por meio de exemplares escritos em língua espanhola tratamos de dar uma resposta ao seguinte interrogante: quais os processos referenciais presentes no gênero parábola e como tais processos contribuem para o cumprimento de seu propósito basilar de transmitir uma mensagem?

Com relação às formas das IR, encontramos as já encontradas por Silva (2013); por outro lado, no que concerne às funções deste processo, além das elencadas pelo autor observamos a função de “provocar no interlocutor a expectativa de que um ‘outro referente’ seja introduzido no cotexto, e que este tome características e seja atribuído àquele”. Desta forma, confirmamos a hipótese de Pereira (2015, p. 180) que ao analisar o trabalho de Ciulla e Silva (2008) concluiu que sua principal contribuição “não foi a de criar um novo quadro de funções, mas, sim, a de suscitar a ideia de que existem funções específicas em um gênero”, pese a que reconhecemos que esta função muito provavelmente não seja exclusiva do gênero parábola.

Ademais, confirmamos nossa hipótese ao constatar a suma importância que possui o fenômeno da referenciação para a construção do(s) sentido(s) no/pelo texto. Por exemplo, diante da possibilidade de diversas retomadas, o estabelecer a relação anafórica adequada entre a expressão linguística referencial e seu referente é de precípua relevância para o processo de construção de sentido(s). No que concerne especificamente ao processo de reelaboração dos objetos de discurso, observamos que o reconhecer recategorizações referenciais implícitas é imprescindível para a construção do sentido alegórico do gênero e consequente cumprimento de seu propósito basilar de veicular um ensinamento moral. Assim, cremos haver alcançado o objetivo ao qual nos propusemos inicialmente, de averiguar a relação entre os processos referenciais e o propósito comunicativo do gênero.

Confirmamos o caráter sociocognitivo da referenciação em diversos momentos de nossa análise, entre eles na observância da possibilidade de que alguns referentes sejam não só construídos socio-cognitivamente sem menção de expressão referencial (ver CUSTÓDIO FILHO (2011)) mas também, recategorizados socio-cognitivamente, sem menção de expressão referencial, a partir de referentes já introduzidos no cotexto e expressos no contexto. Assim, reconhecendo o caráter comparativo-alegórico do gênero, observamos a possibilidade de que o interlocutor, sociocognitivamente, realize construções referenciais para

além do explícito no cotexto; em outras palavras, o caráter comparativo-alegórico do gênero parábola possibilita a construção de referentes no universo discursivo não explícitos no cotexto.

Observamos que o efeito polissêmico de algumas expressões linguísticas nominais referenciais implica na possibilidade de construção de diversos referentes, a partir da mesma expressão referencial. Também, vimos que os critérios tradicionais formais nem sempre são caracterizadores dos processos referenciais.

Observamos também que, a cadeia referencial textual é estabelecida não só a partir de diversas pistas discursivas, mas também de pista linguísticas cotextuais. Finalmente, constatamos e confirmamos o papel (re)categorizador dos encapsulamentos e a nossa hipótese de um aspecto caracterizador do gênero analisado: a escassez de recategorizações referenciais lexicais.

Silva (2013, p. 116) nos sugere que pesquisas invistam nas constatações a que ele chegou até o momento, a fim de testar seus resultados em gêneros textuais diferentes dos que o autor analisou, propondo novas formas e funções, as quais não foram devidamente contempladas em sua investigação. Aderindo em partes à sugestão de Silva (2013), nós nos propusemos a investigar não só as formas e funções das IR's em um gênero diferente do com os quais trabalhou o autor, mas também, analisamos as funções discursivas dos processos anafóricos.

Devido à experiência docente do investigador e a escassez de trabalhos que analisem exemplares escritos em língua espanhola, decidimos nos debruçar sobre parábolas escritas nesta língua. Para a realização deste trabalho, nos vimos na necessidade de localizá-lo dentro da esfera científica apresentando um breve histórico da linguística textual desde sua concepção na década de 60 até as abordagens contemporâneas, reconhecendo a importância da questão da referência para a construção de sentido(s), e (re) discutindo o fenômeno da “representação” das coisas do mundo. Assim, nos encontramos com a proposta da *referenciação* concebida por MONDADA & DUBOIS (2003) a partir da qual baseamos toda nossa pesquisa.

Analisado o texto-clássico das autoras e, apresentados e elencados os postulados da teoria, passamos a (re)discutir os conceitos dos processos referenciais, o que nos fez cair em um terreno que, a priori, nos pareceu fluido e dinâmico. Elencamos os principais teóricos sobre o tema da Referenciação e as propostas classificatórias utilizadas para a análise dos processos referenciais. Apresentamos as atuais tendências de estudos sobre o tema e nos incluímos entre os pesquisadores que defendem um olhar mais atento sobre todos os aspectos

envolvidos na tessitura textual, identificando e descrevendo todos os processos de IR e anáfora.

Nesse sentido, em nossas análises, confirmamos a dinamicidade e a natureza sociocognitiva do fenômeno da *referenciação*, assim como já postulado por Mondada e Dubois (2003), além de constatar a negociação e a reelaboração dos objetos de discurso, considerando que tanto o enunciador quanto o(s) interlocutor(es) participam ativamente do complexo processo de construção de sentido(s), lançando mão a diversos recursos disponíveis. Também, podemos afirmar que, a pesquisa ora realizada vai além dos estudos de referenciação, uma vez que nos propomos a relacionar o propósito comunicativo do gênero analisado às estratégias discursivas ativadas nos processos referenciais.

Ao analisar integralmente os exemplares do gênero, cremos haver avançado assim, de modo coerente, ao propósito das pesquisas contemporânea da Linguística textual, cujo objeto maior de investigação é o texto em sua totalidade, e não apenas em sua porção verbal.

Ao (re) discutir os conceitos dos processos referenciais, tratamos de estabelecer limites entre tais processos; tal tarefa nos levou a reconhecer a tênue fronteira entre eles e o fluido que são.

Finalmente, reconhecendo o perfectível que é tudo nesta existência, deixamos propositalmente em aberto algumas questões teóricas para que futuros estudos possam (re)discuti-las e propor um novo olhar sobre os processos de IR e anáfora no gênero parábola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A.S.S. **Anáforas indiretas – uma rediscussão dos critérios classificatórios**. 2009. 115p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

APOTHÉLOZ, D. & REICHLER-BÉGUELIN, M. **Construction de la reference et stratégies de désignation**. TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique) n° 23- Du syntagme nominal aux objets-de-discours, 1995.

ARANTES, Marilza Borges; **A argumentação nos gêneros fábula, parábola e apólogo**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARSA, Enciclopédia Universal. São Paulo. Barsa Planeta Universal, 1975.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. Grande **Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. Santos: Ed. Brasília, v. 4, 1974.

CAVALCANTE, M.M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE M.M.; BRITO, M.A.P. (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação, 2004. CD-Rom.

CAVALCANTE, M.M. et al. (Orgs.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

_____. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. **Expressões referenciais**: uma proposta classificatória. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, M.A.P. **Coerência, referenciação e ensino**. Cortez, São Paulo, 2014.

CERQUEIRA, Aliana Georgia carvalho & TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Uma investigação linguística do estilo no gênero parábola**. Revista Linguasagem. 21ª ed., 2014.

CERVO, Amado Luiz.; BERVIAN, Pedro Alcino.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIULLA e SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas:** o universo literário dos contos. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural.** Gredos. Madrid, 1977.

COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia de literatura brasileira.** Rio de Janeiro: FAE, 1989.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, Piauí, v.12., n.2., 2010.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DUCROT, Oswald. **Sentido y argumentación.** en Arnoux, Elvira & M.M. García Negroni (comps.). **Homenaje a Oswald Ducrot.** Buenos Aires, Eudeba, 2004.

_____. **Referente.** Enciclopédia Einaudi, v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 418-438;

GUTIÉRREZ, Jaime Lopera & TRUJILLO, Marta Inés Bernal. **La culpa es de la vaca.** Bogotá, 2002.

_____. **La culpa es de la vaca.** Parte 2. Bogotá, 2007.

FERRARI, Natália Luísa. **A relevância referencial da dêixis discursiva na interação entre sujeitos afásicos e não afásicos:** intersubjetividade e remissão anafórica. Dissertação de Mestrado, 123 p. Universidade Estadual de campinas, Campinas, 2014.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (ed.). **Advances in written text analysis.** Londres: Routledge, 1994. p. 83-101.

HEINEMANN, Wolfgang & VIEHWEGER, D. **Textlinguistik:** eine Einführung. Tübingen, Niemeyer, 1991

JAGUARIBE, V. M. F. **A recategorização no texto literário:** as negociações discursivas em poemas. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

KOCK, I. V. **Desvendando os segredos do texto.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à Linguística Textual.** São Paulo: Martin Fontes, 2004.

_____. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo, Contexto, 2009. p. 131-134.

_____.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

_____.; MORATO, M. E.; BENTES, A.C. (Org.) **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. e MARCUSCHI, L.A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Revista DELTA**, 14, nº especial, 1998.

LAVISIO, Monique Susan Morara; BARBOSA, Bruna Carolini. **O gênero parábola como instrumento mediador no processo de letramento escolar**. Cadernos discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.50-65, 2016. (ISSN 2317-1006 - online).

LIMA, Dean Guilherme Gonçalves. **O processo de (re)construção de objetos de discurso em esquetes do coletivo criativo “porta dos fundos”**. Dissertação de Mestrado, 125p, UFES, Vitória, 2017.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CALVACANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Clássicos da Linguística).

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. Cultrix, São Paulo, 1999. 520 p.

PEREIRA, Antonia Suele de Souza Alves. **Funções discursivas dos processos anafóricos – uma rediscussão dos critérios de análise**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Real Academia Española**. Disponível em < <http://dle.rae.es/>>

SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Cambridge, Blackwell, 1992.

SANT’ANNA, Marco Antonio Domingues. **O gênero da parábola**. Editora UNESP, São Paulo, 2010, 15.

SILVA, Franklin Oliveira. **Processos de referenciação no gênero notícia**. 103p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SILVA, Franklin Oliveira. **Formas e Funções das Introduções Referenciais**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

SILVA, Franklin Oliveira & CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. O caráter não linear da recategorização (p. 59 a 85) IN: LIMA, Silvana Maria Calixto de & CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHWARZ, Monika. **Indirekte Anaphern in Texten. Studien zur domängebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen**. Tübingen: Niemeyer, 2000.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 526 p.